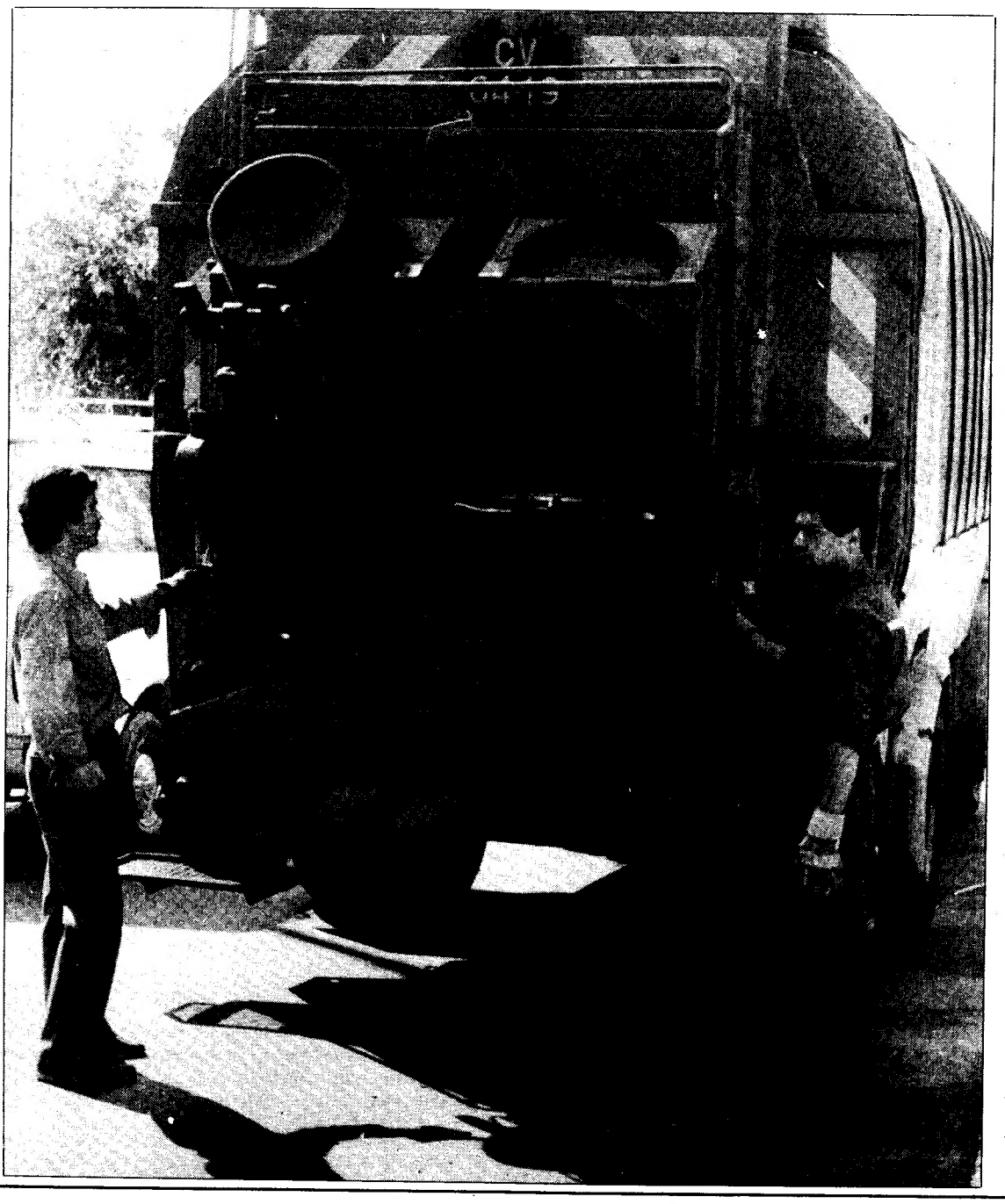
TRÊS EM QUATRO PORTUGUESES NÃO SAEM DE CASA PARA FÉRIAS
Pág. 12

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 099 Terça-feira, 1 de Julho de 1986 Preço 40$00

Avarias deixam detritos nas ruas

LISBOA ESTÁ A "LIXAR-SE"



Avarias na frota de remoção de lixo da Câmara de Lisboa, e dificuldades na obtenção de peças sobressalentes, que obrigaram à paralisação dos veículos pesados, estão na origem de dificuldades na recolha de detritos da cidade que, desde a última semana, se têm feito sentir nalguns bairros. De acordo com a edilidade, o problema só estará resolvido dentro de dois meses, e até lá, a recolha do lixo será feita em dias alternados, de acordo com um esquema que a Câmara divulgará junto dos munícipes. Esta manhã, a horas inabituais, alguns dos veículos camarários procediam à limpeza dos contentores, dificultando, ainda mais, o trânsito na cidade. Até finais de Agosto, Lisboa continuará, portanto, a «lixar-se»...

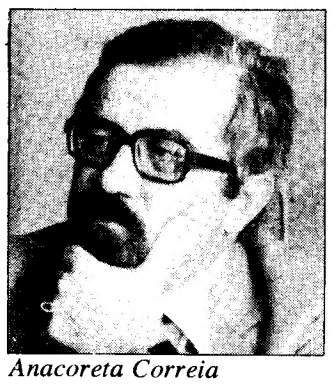
Pág. 9

Rui Medina

MACAU

Lisboa e Pequim satisfeitas com primeira abordagem

Pág. 5

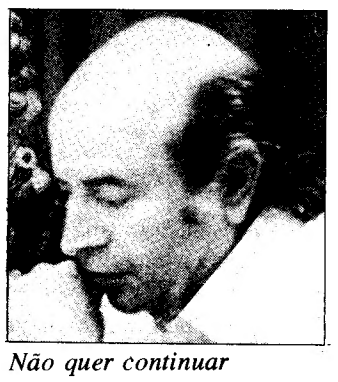


Anacoreta Correia

TIMOR

FRETILIN e UDT apoiam visita de Anacoreta

Pág. 24



Não quer continuar

SPORTING

João Rocha não quer continuar na presidência

Pág. 17

Este eucalipto à beira-mar plantado

Bárbara Lopes

Foi a noite de quatro para cinco de Junho alumiada por mais uma centena de hectares da serra de Sintra em chamas, anunciadoras do recomeço, anual, da depradação. Nos dias seguintes, continuou o prosseguimento do programa: Castelo Branco, vila Nova de Poiares, Caramulo...

Uma pergunta: quantos são os hectares programados para arderem, neste Verão, e quais os trechos de paisagem escolhidos para desaparecerem, proximamente, neste holocausto da terra portuguesa? A pergunta tem apenas o sentido prático de permitir àqueles que os amam deles se despedirem, por uma melancólica tarde destes melancólicos tempos. É que há quem o saiba. Por isso lho perguntamos. O serviço é pequeno, solicitado com empenho e, desde já, agradecido.

Entretanto, desde Maio, o Governo despacha, distribui verbas, e, olimpicamente sereno, procura acalmar a nossa angústia: «Os responsáveis dos serviços e organismos envolvidos foram atempadamente informados», «decorrem já acções, no âmbito nomeadamente do Serviço Nacional de Bombeiros e Direcção-Geral das Florestas de preparação dos meios necessários a uma eficaz prevenção e combate aos incêndios». Parece-me, de todo, pacífico e evidente que nem as medidas cautelares, nas florestas, nem os meios aos dispor dos corpos de bombeiros são, neste momento, suficientes, pelo que todas as acções tendentes à correcção da situação se definem como necessárias e urgentes. Mas será que o Governo vê só por um olho e nos toma por cegos? Quem não vê que todo este processo é comandado por estruturas económicas que não são reversíveis com boas intenções, próprias de escuteiros? Quem não sabe o que se passa com os negócios dos madeireiros, com os interesses dos especuladores da urbanização, com a actividade das celuloses e as exigências do capital internacional? Quem ignora que, num povo não educado para os valores da paisagem, um homem marginalizado, talvez com fome, aceita uns milhares de escudos para incendiar uma floresta, um olival, uma seara? Quem já esqueceu que, em anos anteriores, incendiários, descobertos e confessos, ficaram indemnes, e os seus mandatários, os que não sujam as mãos, ao abrigo de qualquer incómodo, continuando, seguros, a sua tarefa destruidora? Como se aceita que se tenha partido do princípio de que os incêndios começariam apenas a partir de 20 de Junho?

Os madeireiros têm uma pesada quota-parte de responsabilidade no processo. **Por que não se intervém, energicamente, nos preços e destino das madeiras queimadas?**

Os urbanizadores provocam incêndios para «libertar» os terrenos para os seus negócios, à margem do bem-estar das populações e do respeito pela paisagem. **Por que não se impede, com decisão, a ocupação urbana das matas queimadas?**

As empresas de celulose — é a Confederação Nacional da Agricultura quem no-lo diz — são «as únicas entidades que em termos práticos têm acesso aos fundos de apoio previstos no plano de florestação financiado pelo Banco Mundial para plantação em monocultura de eucalipto para pasta de papel», o que faz delas, lamenta-se a referida organização, os únicos potenciais compradores ou arrendatários dos vastos espaços ardidos. O problema não é, para nós, e com toda a evidência, que sejam uns ou outros a beneficiar dos fundos. O problema é que existam tais fundos e que eles sejam aplicados apenas nos países dominados. **Por que não sacudir, com a dignidade dos pobres, rejeitando a subserviência dos miseráveis, uma tão descarada colonização?**

Os nossos credores internacionais exigem, e podem fazê-lo, que os portugueses sofram, que a sua terra seja, mansa e seguramente, queimada, primeiro, sacrificada, em seguida, ao plantio de eucaliptos necessários à produção da pasta que vai assegurar os níveis de requinte dos países ricos. Tão ricos que têm a força de proteger as suas terras contra a desertificação e os seus rios e ribeiras contra o apodrecimento e a morte.

Quanto a nós, lembremos a serra de Ossa e as suas aldeias desaparecidas na sequência de terem secado as fontes. Do oásis que ela foi, na planície quente do Alto Alentejo, nos fala o convento de Arrábidos que nela se instalaram. Em Nisa, vi eu um autotanque a abastecer a população, ali, à beira da serra de S. Miguel, outro oásis que foi, a desentranhar-se em água. Entre Castelo Branco e Vila Velha de Ródão, os olivais cedem o lugar aos eucaliptos, apesar de o azeite da região ser considerado o melhor do País. O Vouga, que produziu, nas suas margens, das mais belas paisagens portuguesas humanizadas, tem as suas águas inquinadas e as Tágides de Camões, se ainda existirem, nalgum recanto, devem sofrer graves problemas respiratórios, de tal modo as águas se deterioraram que nem as enguias as aguentam. Isto, para citar apenas alguns casos, que uma listagem completa seria um tratado.

Em Inglaterra, a Administração, que é capaz de construir um desvio numa estrada, para poupar uma árvore, pode exigir que o cidadão que se lembre de levantar o machado contra um tronco, seja obrigado a plantar, no local, uma árvore da mesma espécie. Tais desvios não estão, como todos sabemos, nos hábitos da nossa J.A.E., e não só. Mas, mesmo sendo a nossa Administração o que é, por que não pensam os nossos deputados em legislar neste sentido? Se uma mata ardida tiver de ser, obrigatoriamente, reposta, com as mesmas espécies, de imediato esmorecerão as expectativas de celuloses e urbanizadores. Estará isto tão fora do nosso alcance?

A tragédia nacional que constitui este processo destruidor tem implicações em que se torna urgente reflectir. A perda de vidas, na estação passada, foi, no seu conjunto, menor que a desta estreia dramática. Em consequência do incêndio do passado dia treze, na serra do Caramulo, morreram já dezasseis pessoas, das quais doze bombeiros. Outras oito vítimas encontram-se hospitalizadas. Dos pastores habitualmente dispersos pela serra, não há notícia. Até quando irão os portugueses aguentar serem as vidas dos seus familiares e amigos sacrificadas aos interesses económicos de alguns? Até quando irão eles aceitar perder a sua identidade cultural ligada a uma terra que tantas gerações afeiçoaram, dando-lhe encantos de maravilha, hoje em vias de uma extinção tão injusta como absurda? Até que profundezas a inoperância de sucessivos governos continuará a enterrar a esperança, já cansada, dos portugueses?

O território de um povo é a parcela de terra que ele vai transformando e fazendo sua através do processo cultural que lhe é próprio. Por isso, sociedade, território e cultura são elementos de uma realidade que não podem ser dissociados, porque se informam e mantêm entre si. Se um deles perde a sua força de coesão, o conjunto, enfraquecido, desvirtua-se. E é isso mesmo que me parece estar a acontecer-nos. Razões históricas, longínquas, umas, muito próximas, outras, fizeram de nós um povo que, para empregar a força dos seus braços, tem de ir oferecê-la aos outros. Para comer, tem de pedir emprestado. Isto significa que o processo cultural foi interrompido — os portugueses não retiram do seu território, empregando o seu saber fazer, sequer uma sobrevivência escassa, muito menos o desenvolvimento material e cultural a que têm direito e de que são capazes. Um povo que emigra maciçamente desestrutura as suas raízes culturais — acultura-se — dizem os especialistas. Quer dizer que, confrontado com modelos que lhe são estranhos, e se identificam com o bem-estar material que sempre lhe faltou, desinteressa-se dos que lhe são próprios e sempre lhe valeram a fome e o desconforto. Adopta, então, os que lhe são propostos e que, pela sua aculturação, ele abastarda, criando novas formas de fazer e de viver que nada têm a ver com nada, porque sem raízes, logo sem força de coesão social. Esta situação de base que começou a ser ultrapassada durante o processo revolucionário de Abril, tem sido fortemente potenciada pelas condições político-sociais que se lhe sobrepuseram. Hoje, tudo se passa como se este País tivesse donos que lhe são estranhos e não fosse o produto da vida, da luta, do sofrimento e da criação do seu povo. E assim, ele que plantou os pomares e as florestas, vê-os arder e não castiga os culpados, e não muda as condições que tornam possível tal desastre. Ele que criou os homens que as chamas matam, e os amou, recebe-os, carbonizados, e limita-se a chorar. Onde está a ruptura?

Um país não se defende por decreto ou despacho ministerial. A sua defesa é o resultado prático do assumir as potencialidades do seu território e da sua cultura pelo povo que as criou e detém. Em Cuba, pese, embora, a quem não goste do exemplo, quando, há anos, todos os palmares ficaram derrubados à passagem de um furacão, em quarenta e oito horas, todas as palmeiras estavam, de novo, em pé. Ninguém obrigou ninguém. Mas não houve quem ficasse em casa, que o que tinham a defender era seu, porque de todos, e sentido como tal.

Pergunto ainda: teria sido possível, a situação de desastre, que vivemos, passar-se no Verão de 74?

Se respondermos, honestamente, a esta pergunta, incómoda para alguns, talvez possamos compreender que os incêndios e as devastações só podem acontecer num território que deixou de ser apreendido como património, intocável, dum povo livre. E, se estamos a perder o território, depois de empobrecida a cultura, poderemos, em breve, não ser mais, em termos práticos, do que uma colónia, isto é, uma sociedade a que foi retirado o direito aos seus valores e projectos próprios.

Acaso teremos esquecido, já, como se coloniza?

Lia Viegas

Eles aí estão

Então quando é que as mulheres entram para o exército? Para o exército, é como quem diz. Quando entram na Ordem. Nas forças da ordem, na ordem social. Reinante. Há quem diga que elas andam fora da ordem e com razão. Agora já não há fundamentos legais para a excepção. Estamos todos no mesmo barco, nesta plataforma marítima de exploração da esperança, por enquanto ainda ligada à Europa pelo istmo do Mercado Comum. Somos todos cidadãos de igual dimensão. De primeira, diz a Constituição. Viva a Constituição. Mas não só no papel. Preto no branco não chega. É mesmo uma forma clássica de discriminação. Na acção. No exercício. Esta questão do exército veio-me à cabeça, não porque as mulheres sejam belicistas, é bem de ver que não. Elas são pacifistas, dão a vida, dão o amor e querem-nos de volta e de troca. É claro que a tropa não é sua vocação embora tenham sido alistadas para os postos mais desclassificados. E a prova é que são os mais mal pagos. Mas isto do exercício é fundamental. Quando não exerce a sua função, o órgão enfraquece e o músculo desfalece. O exercício é salutar, dá força e saúde. Isto lê-se em qualquer manual militar. As mulheres não são militantes da vida, não foram apuradas para todos os serviços? Hoje já ninguém se atraverá a dizer que não. Mas então, o que é que se passa? Faz de conta que não sei. E não sei mesmo. Faz de conta que sou uma marciana. Abro o jornal a ver as novas. E eles aí estão. Em exercício. Em desfile, parada e farda.

O fato de trabalho, para os dias não feriados, é casaco e gravata, a nova novidade. Ou sentados. No hemiciclo. Nas conferências. Às vezes estão algumas senhoras, sentadas nas cadeiras da frente. Eles continuam sentados às mesas das negociações e das concertações. Será lógico extrapolar que também à mesa do orçamento.

Entro numa casa, olho a televisão e eles lá estão a falar, a discursar, a posar.

Será só a imagem, será só a imagem oficial da governação? Li uma tese que diz que por detrás de cada um destes homens está uma mulher. Um fantasma? Um anjo ou demónio, também ouvi dizer. Será só para as notícias? Ouvi alguém falar de matriarcado disfarçado. Mas que farsa então. Eu, marciana, lembro-me é do exército. E cogito. Diz que é a sociedade civil. Será? A civilizada, aquela que há em Marte, inclui homens e mulheres, posto a posto, lado a lado, por igual.

Rapidamente acabo o relato. Regresso.

PS: ruptura e renovação

DA eleição de Vítor Constâncio como secretário-geral do Partido Socialista, na sucessão de Mário Soares, tem sido feita uma caracterização negativista: nem Soares, nem Gama, nem Marx... A «sucessão» reduzida a uma substituição de pessoas num cargo decisivo. A «renovação» do partido reduzida à «sucessão».

Esta avaliação redutora é de um simplismo cómodo, acaso intencional. A «sucessão» de Mário Soares, fundador do partido, líder ao longo dos anos confirmado, deu lugar a uma disputa áspera do poder no seio do partido, disputa que não deixou lugar a dúvidas na fase preparatória do Congresso e que, como disse Manuel Tito de Morais, «marca uma viragem na vida do PS».

Para o actual presidente do Partido Socialista, o partido «volta a encontrar-se consigo próprio». Não se trata só de recuperar imagem e espaço eleitoral, mas de renovar a vida partidária e a prática política dos socialistas. Estamos perante um processo de **renovação** e não apenas **recuperação.** Que essa era a vontade profunda do PS dizem os números. Vítor Constâncio e Manuel Tito de Morais contabilizam os votos de 75 por cento dos participantes no Congresso. E a renovação dos quadros directivos é altamente significativa da reprovação da actuação do «aparelho» partidário. Sendo provável que Jaime Gama, tendo liderado a corrente que do «aparelho» se serviu e do «aparelho» era representativa, contribuiu para evitar que o «desastre» fosse mais abissal.

A grande massa dos militantes do Partido Socialista repudiou a «gestão partidária» e, em particular, o «aparelho partidário». Mais do que uma antecipação quanto aos resultados numéricos das votações que consagrariam a nova maioria, António Coimbra Martins exprimia a consciência de um momento de ruptura ao proclamar: «O Congresso está ganho.»

Ganho contra **um passado.** Ganho contra os homens que nesses anos passados tinham exercido responsabilidades e assumido posições de dedicação e de conveniência com uma prática política que levou o PS das «alianças» e dos «compromissos», do «centrismo» colaborante com a direita, ao desastre eleitoral de Outubro.

O problema da recuperação do espaço eleitoral é, apenas, um dos problemas que os dirigentes eleitos enfrentam. O Partido Socialista — citamos novamente Manuel Tito de Morais — tem que «voltar a encontrar-se consigo próprio». Saneando a vida interna, rectificando a gestão partidária, reabilitando-se financeiramente, clarificando a plataforma ideológica, renovando a prática política, intervindo na política nacional e impondo-se, a curto prazo, como um promotor de alternativa política democrática e social.

Não nos demoremos na consideração de Marx ter sido «expulso» do PS após longos anos de «socialismo na gaveta». A Declaração de Princípios, unanimemente aprovada, deverá ser apreciada no mérito — e no defeito — da unanimidade manifestada no Congresso após debate e negociação entre os representantes da maioria e da minoria, não evitará que se caminhe para um novo equilíbrio de forças na política portuguesa. Poderá — apesar de tudo — contribuir para a abertura política alternativa.

Não estamos a desvalorizar a ideologia, nem a reduzir a prática política a um mero pragmatismo. Estamos a dar um sentido possível à declaração de Vítor Constâncio: «Temos que ser uma esquerda nova e moderna, com novos modelos económicos e sociais...

Os «liberalismos» que pululavam no MASP foram, segundo nos parece evidente, denotados, também, no Congresso do Partido Socialista. Para Vítor Constâncio: «O socialismo e as reformas que ele implica não podem dispensar as acções do Estado». E são, igualmente, palavras do novo secretário-geral as seguintes: «Temos de saber defender os valores sociais e colectivos e defender o papel do Estado na vida económica.»

Querendo demarcar-se da Esquerda e da Direita e ganhar votos, tanto no espaço reformista e social-democrata como no espaço eleitoral da APU, a equipa de Vítor Constâncio defende um «projecto de esquerda democrática». Será na medida em que esse projecto se concretize, estratégica e tacticamente, num combate de esquerda pela democracia económica e social, que estará assegurada, em Portugal, a possibilidade de uma alternativa política ao actual Governo. E o Partido Socialista, sem perder a sua capacidade competitiva, terá que, no seu interclassismo, privilegiar a presença, a participação e os interesses das classes trabalhadoras.

Partido democrático e partido de trabalhadores — não há que recear que esta ruptura com **um passado** se esgote nos aspectos pessoais de **uma sucessão.**

Com os «históricos», os novos quadros e os quadros sindicais, poderão encontrar um discurso atraente e adoptarem uma prática política realista.

O **realismo político,** no Portugal de Abril, recomenda a convergência democrática e antifascista. Não é verdade, Presidente Soares?

A legalização das vinhas

Luís de Carvalho e Oliveira

De 1951 a 1979 não houve a mínima mexida nas licenças de plantio de vinhedo e muito menos nas legalizações. Em 1979 surgiram a Lei n.º 48, de 14 de Setembro, e o Decreto-Lei n.º 464, de 13 de Dezembro. A seguir, poucos dias depois, apareceu o novo regime de condicionamento de plantação de vinhas pelo Decreto-Lei n.º 513-D/79, de 24 de Dezembro. Agora, em 30 de Dezembro, com entrada em vigor 60 dias depois, surge o Decreto-Lei n.º 504-I/85, que se diz vir à luz por imperativos da integração portuguesa na CEE. Este diploma autoriza novas legalizações, o que tem levado muitos a dizer que bem fizeram os que andaram fora da lei, pois foram enriquecendo ou, pelo menos, amparando as suas economias com o rendimento do vinho, vindo agora a ficar em situação idêntica dos que procederam legalmente às plantações para as quais tinham licenças.

Efectivamente legalizações a tão curto intervalo conduzem ao descrédito da força das leis e autorizam a que se pense que isto de leis é uma treta. O melhor é ir plantando as videiras; depois se verá. A lassidão, a permissão, a falta de rigidez, impossível por falta de base moral porque sempre se tem fechado os olhos a ilegalidades flagrantes, mais que denunciadas pela Imprensa e até pelos órgãos da vinicultura sem que os governos tivessem verticalizado a sua cervis, desvergando-a do peso de interesses maiores que sobre ela andam montados. Ou não estaremos nós, não propriamente na república das bananas, mas na república das uvas?

E a verdade é que de uma forma geral a legalização vai fazer-se em toda a parte e quem mais plantou ilegalmente mais ganha. Na verdade o Decreto-Lei 504-I/85, de 30 de Dezembro, não diz expressamente quais as vinhas legalizáveis e as não legalizáveis eliminando, por exemplo, as vinhas plantadas em terremos próprios para outras culturas como os do número ao da tabela anexa Decreto-Lei n.º 38 525, de 1951: «terrenos horizontais de regadio ou, pelo menos, frescos, localizados em vales ou talvegues que, por virtude da sua fertilidade, ofereçam, em condições normais, possibilidade para exploração económica de culturas arvenses ou pomareiras». Como este decreto-lei foi revogado pelo art.º 30.º do Decreto-Lei n.º 513-B/79 de 24 de Dezembro, revogada foi também a tabela dos terrenos que, em todo o caso, aqui se reproduz, para assinalar as lacunas da actual lei de legalização das vinhas e a permissividade quanto a certos casos bem conhecidos como as plantações efectuadas no Vale da Vilariça e outros por multinacionais que certamente vão utilizar o seu poderio e as lacunas da lei (suponho, até prova em contrário, não propositadas) para obter a legalização das vinhas nos terrenos mais impróprios. Vejamos a referida tabela que, à falta de melhor, poderia e deveria orientar os nossos técnicos nas vistorias que vão realizar às vinhas a legalizar:

I — Terrenos de encosta pobre ou medianamente férteis de difícil aproveitamento económico por culturas arvenses;

II — Terrenos horizontais ou ligeiramente inclinados, pobres, não economicamente irrigáveis e pouco aptos para exploração económica de culturas arvenses;

III — Terrenos de encosta férteis aptos à exploração económica culturas arvenses;

IV — Terrenos naturalmente horizontais ou ligeiramente inclinados, férteis, não economicamente irrigáveis, mas aptos à exploração económica de culturas arvenses;

V — Terrenos horizontais de regadio ou,pelo menos, frescos localizados em vales ou talvegues, que, por via da sua fertilidade, ofereçam, em condições normais, possibilidades de exploração económica de culturas arvenses ou pomareiras.

Já em 1951 se prestava atenção à classificação dos terrenos, incentivava a implantação dos vinhedos nos terrenos menos aptos para outras culturas, e assim, a propósito de transferência de vinhas, se dizia que, quando ela fosse efectuada dos terrenos mais férteis para os menos férteis se concedia um aumento do número de bacelos compensador da menor fertilidade. As taxas eram muito mais baixas para as plantações a efectuar nos terrenos fracos do que para as plantações a efectuar nos terrenos fortes. Assim, para as plantações em terrenos dos grupos I, II, III, a taxa era de 15 centavos por bacelo, enquanto para as plantações a efectuar nos grupos IV ou V era de um escudo.

No actual diploma de legalização, este de 30 de Dezembro de 1985, não se atende à qualidade do terreno para efeito de aplicação de taxa, mas tão-somente ao número de pés que o requerente da legalização tinha anteriormente. A lei actual, quanto a terrenos, diz apenas que são legalizáveis «as vinhas plantadas em terrenos apropriados à cultura e em que tenham sido utilizadas as castas autorizaas legalmente ou aconselhadas pelos serviços oficiais».

E nem sequer se seguiu a política aflorada, pelo Decreto-Lei 513-D/79, que aconselha o fomento de reconversão de vinhas que estejam plantadas em terrenos aptos para outras culturas de maior interesse, transferindo-as para terrenos menos aptos para essas outras culturas.

Poderia muitíssimo bem ter-se efectuado a legalização, mas sob a condição de transferência em curto prazo para os terrenos impróprios para outras culturas, de encosta, o que teria larga projecção e aplicação exactamente na região do Douro.

Perante o diploma da legalização actual, está-se em grande expectativa para saber se os serviços oficiais vão legalizar as vinhas das multinacionais plantadas no Vale da Vilariça em terrenos de regadio próprios para todas as outras culturas menos para a da vinha. E maior expectativa ainda para saber se, legalizadas agora, essas vinhas, apenas porque se encontram no perímetro da área demarcada do Douro, virão a ter benefício por um outro diploma igual ao Decreto-Lei n.º 523/85, de 31 de Dezembro, que atribuiu benefício às vinhas de plantação ilegal, mas legalizadas pela Lei 48/79 e pelo Decreto-Lei 464-/79.

Se isso vier a acontecer será o descrédito absoluto do Estado português como Estado e do Governo como Governo. E ainda a prova provada de que quem governa o país são os altos interesses estrangeiros (e altos interesses nacionais associados) e não a lógica de um ordenamento agrícola para a produção e muito menos para a defesa da qualidade, embora se apregoe para aí, a todos os ventos, que é necessário defender a qualidade para a competição dentro da CEE.

Mário Soares na Madeira

Autonomia e 25 de Abril a fechar a visita

Clara Viana
enviado especial

Mário Soares termina hoje a sua visita oficial à Madeira, após ter estado presente na sessão comemorativa do 10.º aniversário da autonomia regional que esta manhã teve lugar no Parlamento local.

No discurso aí proferido, o Presidente da República desenvolveu os tópicos fundamentais das suas intervenções na ilha.

Falou da autonomia para recordar que esta é uma realidade do regime democrático portugues. Acrescentou que a sua celebração é ainda uma forma de homenagear o 25 de Abril e a democracia e salientou que é na pluralidade e na diferença das soluções escolhidas que se encontra a força das sociedades democráticas modernas.

Mário Soares referiu-se ainda a importância do diálogo enquanto meio de resolver as dificuldades e os conflitos.

Na sessão solene intervieram ainda o presidente da Assembleia Regional e os líderes dos cinco partidos que nela têm assento.

No dia anterior, Soares manifestara o seu contentamento por poder constatar que os madeirenses não se esquecem que estão perante o Presidente da República. Mas esse portuguesismo, segundo as palavras de Soares, é entendido pelos madeirenses como sendo uma opção livre. «Somos portugueses porque queremos», eis um dos significados sempre presentes nas intervenções feitas pelos presidentes de Câmaras e outros responsáveis madeirenses.

De Sul a Norte

A volta à Madeira em nove horas é, talvez, o resumo possível do que foi o dia de ontem de Mário Soares na ilha. Dizem os que a conhecem que são dois os percursos possíveis para a contornar. De ambos, o Presidente da República percorreu o mais longo ou seja, cerca de 200 quilómetros que o levaram do Funchal a S. Vicente e daí para o Faial, para de novo regressar à capital, passando primeiro pelo Pico da Silva.

Nas estreitas e sinuosas estradas da ilha seria difícil que uma comitiva como a que ontem a percorreu, passasse despercebida. Mais do que um desfile de inaugurações, a volta à Madeira de Soares constuiu, por isso, um modo de alimentar o orgulho inerente a quem tem, uma terra».

Ao contrário da terminologia utilizada internacionalmente para dar conta da divisão do mundo, no arquipélago é o norte e não o sul o parente pobre e geralmente esquecido. Não é, assim, de estranhar que os presidentes de Câmaras que ontem receberam Soares tivessem frisado em comum o facto desta ser a primeira visita de um chefe de Estado ao norte da ilha, após o 25 de Abril. Em resposta, o Presidente da República recordou que foi o 25 de Abril e a democracia então conquistada que permitiriam a autonomia regional.

Como já referimos anteriormente, a autonomia é para muitos madeirenses sinónimo de progresso e eles não se esquecem de a comparar com o tempo em que até para construir um lavadouro era necessário, pedir autorização ao Terreiro do Paço.

Mas se as condições de vida na Madeira são hoje melhores, a verdade é que os pobres aqui são mesmo muito pobres. Ao longo da ilha, são vários os locais onde apenas se pratica uma agricultura de subsistência, aproveitando para tal a pouca terra que não foi ocupada pela rocha das falésias. Nesses lugares, são frequentemente mulheres que trabalham a terra. Os homens emigraramou partiram para o Funchal em busca de um melhor emprego.

Isolados entre falésia e na serra, os agricultores optam por vender a intermediários o produto das suas colheitas, o que, segundo nos dizem, contribui para os poucos ganhos por eles obtidos. Mas esta é uma solução praticamente imposta pela falta de meios de transporte próprios.

Na verdade, basta um pequeno passeio pela ilha para se perceber quão difícil é aqui a comunicação entre povoações. Por isso, duas das obras ontem inauguradas por Soares poderão vir a ser um importante contributo para minorar esta situação. Falamos da ponte do Faial, no concelho de Santana, e da estação de feixes hertzianos dos CTT, no Pico do Silva.

A primeira constitui, nas palavras do presidente da Câmara de Santana, uma ligação vital entre o Norte e o Sul da ilha. No entanto, a sua inauguração foi ensombrada pela morte de sete trabalhadores, em Outubro passado, devido a uma derrocada da estrutura de sustentação da ponte, sem que até ao momento tenham sido apuradas responsabilidades.

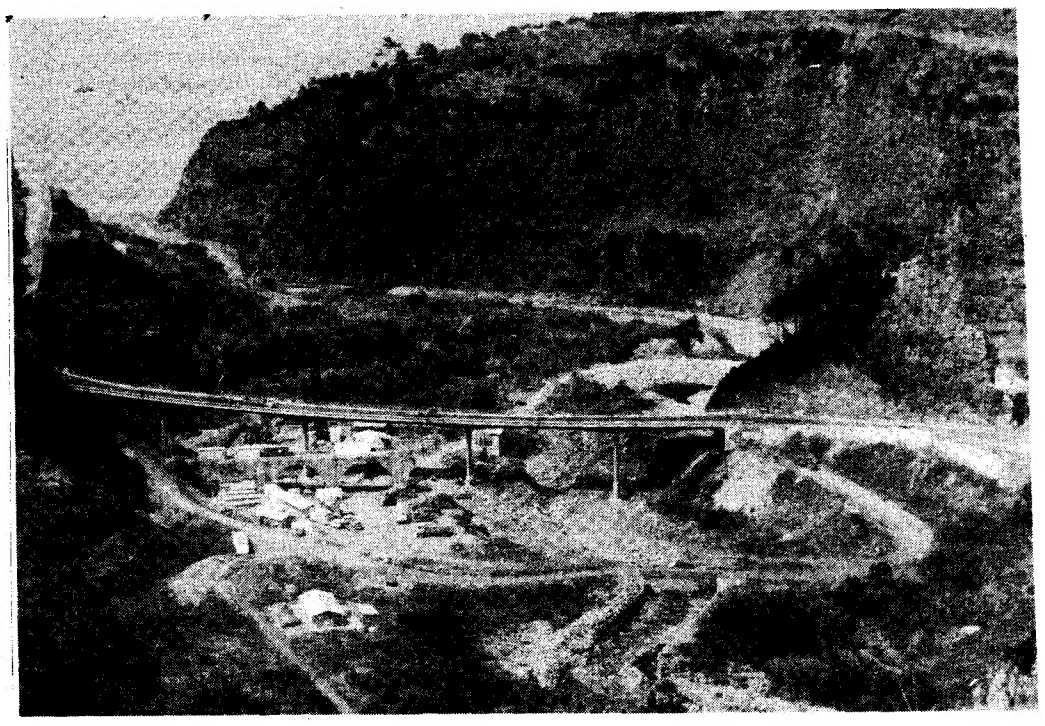
No Pico da Silva coube ao Presidente da República efectuar a primeira ligação telefónica com uma outra central. «Sabe quem fala?», perguntou Soares ao operador de serviço.

De regresso ao Funchal, o Presidente da República inaugurou ainda um monumento à bordadeira madeirense, tendo recebido das mãos de uma representante do sector uma tapeçaria com a sua cara bordada.

Para Idalina Silva, de 48 anos, as maiores dificuldades surgiram quando teve de bordar os olhos, o nariz e a boca. À semelhança de outros artesãos do continente, também ela se queixa de não haver ninguém que queira aprendar a arte do bordado.

Pouco depois, e conforme ontem noticiámos, o Presidente da República inaugurou a nova ala do Madeira Sheraton Hotel: 210 quartos que representam um investimento de 1 milhão e 200 mil contos a somar 1,1 milhão de contos investidos nas obras públicas visitadas e inauguradas por Soares nesta visita de cinco dias à Madeira, para a qual foi também convidado o reitor da Universidade de Coimbra, Rui Alarcão.

Soares e Jardim no Funchal



A nova ponte do Faial

Resposta a idêntica atitude das autoridades portuguesas

Governo de Moscovo ordena expulsão de diplomata português

Uma semana depois de o Governo português expulsar do País dois elementos da representação comercial soviética em Lisboa, a URSS decidiu assumir idêntica atitude política em relação a um diplomata da nossa missão em Moscovo. Portugal expulsara Vladimir Galkine e Guennadi Chiniev a quem acusou de «ingerência inadmissível» em assuntos internos portugueses; a União Soviética mandou por seu turno, aviar as malas ao chanceler da Embaixada de Portugal na capital soviética, Artur Martins, por este «praticar actividades incompatíveis com as normas de conduta de representantes estrangeiros na URSS».

ChHamado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Moscovo, o embaixador Sérgio Sacadura Cabral apresentou o seu protesto junto das autoridades daquele país por esta medida que considerou retaliatória à expulsão pelo Governo de Lisboa dos dois diplomatas soviéticos.

Segundo a TASS, Moscovo protestou também «contra o acto hostil» que Portugal «tomou relativamente aos dois funcionários da Embaixada soviética, acusando-os gratuitamente de praticarem actividades ilícitas». Segundo a mesma agência, essa atitude «contradiz as declarações» dos responsáveis portugueses «sobre o desejo de manterem e desenvolverem boas relações com a URSS». Considerou finalmente que a «responsabilidade das eventuais consequências deste acto recaem inteiramente sobre Portugal».

Segundo apurou o «DL», o problema suscitado com a expulsão de Artur Martins encntra-se em estudo no Palácio das Necessidades. Recorde-se, a propósito, que a Embaixada portuguesa em Moscovo tem um embaixador, dois diplomatas e cinco funcionários administrativos, e que Artur Martins trabalha naquela missão diplomática desde 11 de julho de 1975. Portugal e a URSS estabeleceram relações diuplomáticas em Junho de 1974.

Três dias para deixar Moscovo

Artur Martins deverá abandonar a capital soviética hoje ou amanhã, já que as autoridades de Moscovo lhe deram três dias para o fazer. Com ele regressará a mulher que é também funcionaria administrativa da nossa missão diplomática.

A expulsão do diplomata português é na verdade uma aparente retaliação contra decisão semelhante aplicada pelo Gabinete de Cavaco Silva uma semana antes, a dois funcionárias do departamento comercial. Situações destas acontecem frequentemente nas relações diplomáticas entre países. A seguir a uma ordem de expulsão há quase sempre uma resposta idêntica. Foi o que aconteceu.

Macau: próximas conversações em Setembro

José Carlos Vieira, enviado especial
Serviço Notícias de Portugal/«DL»

Portugal e a China encaram com satisfação os resultados obtidos na primeira fase das conversações sobre o futuro de Macau, que hoje terminaram, e marcaram a segunda volta para Setembro próximo — refere um comunicado conjunto.

O comunicado não dá mais pormenores sobre o ambiente registado nos contactos dos dois dias e que hoje concluíram com uma reunião de três horas entre as duas delegações.

«As duas partes manifestaram a sua satisfação com os resultados obtidos e decidiram realizar em Setembro de 1986, em Pequim, a segunda fase das conversações» — diz o comunicado conjunto das delegações, divulgado em simultâneo pelas duas partes.

Além de indicar que as conversações «decorreram num ambiente de amizade e harmonia», e que foram trocadas opiniões «sobre algumas questões essenciais», o laconismo do comunicado não deixa antever até onde as duas delegações foram neste primeiro contacto formal relativo ao futuro de Macau.

O comunicado refere, porém, que ficou já definida a agenda geral das conversações, mas também não adianta mais pormenores.

Fontes diplomáticas em Pequim disseram, no entanto, à agência NP, que o processo de diálogo com vista a um acordo sobre a transferência da administração daquele território será, sem dúvida, muito menos demorado do que o relativo a Hong Kong, entre os Governos chinês e britânico, que durou cerca de dois anos.

Quanto à data de transferência de poder em Macau, que Portugal pretenderia ver mais dilatado do que o de Hong Kong, neste caso já marcado para o 1 de Julho de 1997, sabe-se apenas que as autoridades chinesas deram uma certa receptividade à proposta.

Rui Medina e Ji Pengfei em Pequim

Porém, observadores e diplomatas em Pequim disseram que um tal adiamento não se pode cifrar por muitos anos, essencialmente porque isso poderia levar a reacções negativas em Hong Kong e mesmo em Londres.

Ao contrário do que algumas fontes em Pequim chegaram a prever o comunicado não fez qualquer referência a uma divergência existente entre os Governos de Portugal e da China sobre o passado da presença portuguesa em Macau, designadamente na fase de instalação no território, no século XVI e no seguinte.

O assunto, que tem sido focado pela Imprensa chinesa, levantou algumas objecções da parte portuguesa, que rejeita a versão de Pequim. E mereceu mesmo uma referência velada, na segunda-feira, por parte do conselheiro de Estado chinês Ji Pengfei, quando recebeu a delegação portuguesa.

Na ocasião afirmou que as duas partes deveriam pôr de lado o passado e olhar apenas para o futuro.

Contrastando com as expressões registadas no primeiro dia das conversações, os membros da delegação portuguesa mostravam-se hoje mais satisfeitos, afirmando que tudo correra bem.

Porém, não produziram quaisquer outros comentários.

Na delegação portuguesa, chefiada pelo embaixador Rui Medina, que inicialmente era constituída apenas por seis elementos, acabou por se integrar o chefe da missão em Pequim, Octávio Neto Valério, a título de consultor.

Os membros da delegação, que só chegarão a Lisboa no fim-de-semana, deslocam-se quarta e quinta-feira, a convite do Governo chinês, ao palácio de Verão construído na dinastia Qing e situado a cerca de 250 quilómetros de Pequim, percurso que vão fazer de comboio.

Na sexta-feira, o embaixador Rui Medina oferecerá na residência da Embaixada de Pequim um jantar à delegação chinesa, de retribuição pelo banquete com que os portugueses foram homenageados na segunda-feira, na casa de hóspedes do Estado, em Diaouyutai.

O exemplo de Hong-Kong

Deidre Chetham
Serviço Gemini News/«DL»

Se o futuro de Hong-Kong depois da sua entrega à China é assunto de interesse crescente na colónia, muito poucos lhe ligam importância naquele país. Na verdade, a reputação de Hong-Kong na China é exactamente a mesma de que disfruta no Ocidente: uma cidade que se desenvolve por si própria, onde tudo pode acontecer, uma espécie de cenário exótico para os filmes de artes marciais.

Desde o simples vendedor ao mais importante banqueiro de Hong-Kong se interessam cada vez mais em saber o que irá acontecer depois de 1997, data em que termina a soberania inglesa sobre o território. No entanto, o futuro da colónia atrai pouco a curiosidade do povo da República Popular da China. Não é de surpreender tal desinteresse, uma vez que poucos chineses serão directamente afectados por tal mudança. É no entanto possível que as posições da gente mais nova e mais culta — os que poderão afinal vir um dia a ocupar as cadeiras do poder quando a soberania chinesa for restabelecida — posaam vir a ter bastante impacto.

Os residentes de Cantão, do outro lado da fronteira, estão ligados a Hong-Kong por uma língua e uma cultura comum, muitoas vezes por laços familiares, e têm até acesso à Rádio e às emissões de TV do território. Mas para os chineses do Norte, Hong-Kong é uma realidade distante.

Para muita gente na China, Hong-Kong é uma cidade tropical que aparece nos ecrãs de cinema em filmes importados, um lugar onde se pode comprar tudo e onde nada é proibido. É uma terra misteriosa e próspera sem o estigma político associado a Taiwan (até porque os imperialistas estrangeiros depressa partirão). Quando se pergunta aos habitantes das zonas interiores da China, que nunca foram a Hong-Kong, o que pensam desta cidade, a maioria fala das oportunidades para o sucesso individual.

Segundo um intérprete de inglês «ali toda a gente faz muito dinheiro». Em Guilin, um jovem que dirige a sua própria loja comenta vivamente: «Em Hong-Kong quem trabalhar no duro obtém sucesso».

Outros mencionam o lado inverso da vida na colónia. «Materialmente eles têm tudo, mas a sociedade é muito corrupta», afirma uma mulher de Sichuan.

A cobertura que os **media** chineses fazem de Hong-Kong é bastante limitada e consiste essencialmente em breves reportagens desportivas, «flashs» sobre questões económicas ou então notícias com sabor anedótico do mesmo género das que são difundidas sobre Taiwan.

Por outro lado, há pouca informação de Hong-Kong que seja capaz de reflectir os diversos aspectos da vida ou os sentimentos e a maneira de ser dos que aí habitam. Assim, enquanto a sua indústria cinematográfica produz filmes que tentam pintar uma versão bem romântica da vida, um documentário apadrinhado pelas autoridades de Pequim, o ano passado difundido, tentava corrigir essa versão pondo especial ênfase nas chagas sociais como a droga e a pobreza.

Mas a maioria dos jovens chineses que tiveram oportunidade de visitar Hong-Kong deram respostas positivas. Gostam dos atractivos da cidade — do brilho das luzes e da diversidade dos bens de consumo. É um óptimo lugar para comprar prendas, ou máquinas fotográficas e gira-discos que venderão no mercado negro quando regressarem a casa.

Os visitantes admiram a vitalidade do povo, mas os factores que para isso contribuíram — o vive - e - deixa - viver adoptado pelo governo, a mistura das culturas oriental e ocidental, a contribuição dos ingleses para a construção da máquina administrativa, são raramente tidos em conta.

É igualmente ignorado que a energia e a ambição de muitos trabalhadores de Hong-Kong se deve ao facto de tudo terem arriscado quando deixaram a China. A maioria dos visitantes chineses não tenta sequer aprofundar quais as razões de carácter filosófico ou de simples pragmatismo que estão por detrás do sucesso da colónia.

O futuro de Hong-Kong raramente atrai as atenções enquanto acontecimento cultural ou político, mas ganha súbito interesse quando as pessoas o ligam, ainda que tenuemente, às suas próprias vidas.

Para a maioria dos cidadãos, o território aparece como uma grande Meca, agora inacessível a grande parte dos chineses, mas do qual se aproximarão mal passe para as mãos do governo da República. É vista como uma maior e melhor Shen Zhen — uma zona económica especial entre Hong-Kong e Cantão que é agora o centro das atenções de muita gente.

O interesse também tem aumentado porque Hong-Kong tem sido por tradição a porta para o resto do Mundo. Muitos esperam que de novo na posse da China, seja mais fácil entrar e sair de Hong-Kong.

Embora os chineses de Hong-Kong sejam considerados «compatriotas» na China, as populações do Norte deste país sentem que eles são tão diferentes como os outros estrangeiros e tratam-nos com a mesma distância e por vezes até de uma forma menos cortês.

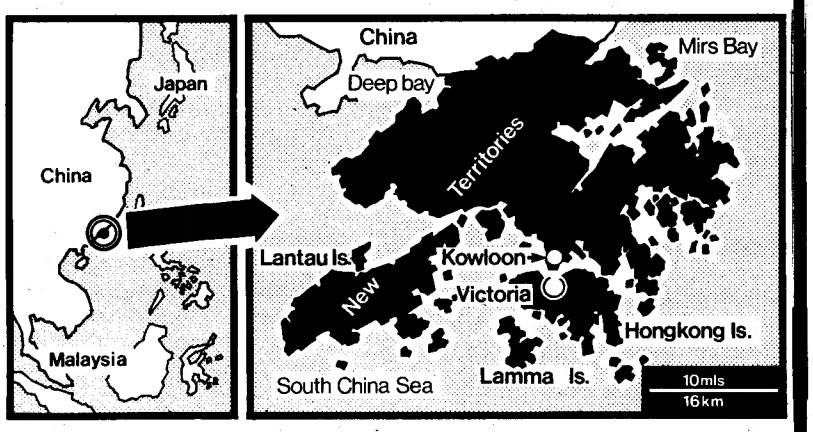
Os mais velhos pensam que os que deixaram o país mostrando falta de interesse pela sua pátria ainda foram recompensados com uma vida melhor. Os mais jovens não os julgam com tanta dureza, mas mesmo assim ainda são pouco simpáticos para com os visitantes do outro lado da fronteira.

Os jovens de Hong-Kong que chegam com as suas mochilas, usam calções e passeiam de mãos dadas provocam o ressentimento dos seus contemporâneos chineses. Hong-Kong representa muito daquilo que a juventude da República Popular da China gostaria de ter e não pode. A violência que irrompeu na Primavera passada quando um clube de futebol chinês perdeu com uma equipa de Hong-Kong pode de algum modo reflectir essa frustração.

E isso é também visível noutros aspectos. Há um estranho orgulho na forma como os jovens chineses se vangloriam de passar por habitantes de Hong-Kong, quer devido às roupas que usam quer pelo seu estilo de comportamento.

Segundo dizia, com evidente satisfação, um empregado de uma companhia internacional de Nanjing, «ninguém me faz perguntas nos hotéis para estrangeiros. Todos pensam que eu sou de Hong-Kong ou da Califórnia».

Hong-Kong: um país, dois sistemas



- A Grã-Bretanha administra Hong-Kong até 1997
- Grupo de ligação sino-britânico para assegurar uma calma transferência de poder
- 1 de Julho de 1997: o poder passa para a China. Hong-Kong será autónoma (excepto em assuntos externos e em questões de defesa) durante 50 anos. Com sistema capitalista e o mesmo estilo de vida.

A ilha de Hong-Kong foi cedida à Inglaterra em 1841 e a península de Kowloon em 1860. Novos territórios (975 km²) foram alugados em 1898 por 99 anos.

Partido Socialista

Novo Secretariado distribuiu pelouros

O VI Congresso do PS foi «a melhor afirmação da alternativa de esquerda, que só o PS está em condições de protagonizar, ao Governo do bloco conservador» — disse, em comunicado o Secretariado Nacional dos socialistas.

Reunido ontem pela primeira vez após a sua eleição no Congresso do fim-de-semana, o Secretariado Nacional, além de passar em revista o Congresso, procedeu à distribuição de pelouros.

O Gabinete de Estudos passa a ficar na dependência directa do secretário-geral Vítor Constâncio, e o Gabinete de Estratégia Política e Eleitoral fica a cargo de Manuel Alegre e Nuno Brederode dos Santos.

Ferraz de Abreu foi encarregado da ligação ao grupo parlamentar socialista, e Arons de Carvalho das Relações com a Comunicação Social.

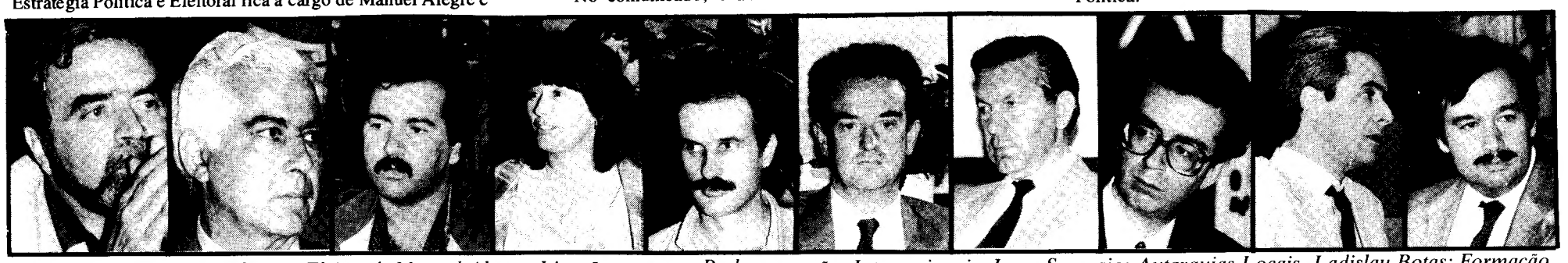
A Torres Couto foi atribuído o pelouro do Trabalho, a Elisa Damião o do Associativismo, a Jorge Sampaio o das Relações Internacionais e a Ladislau Botas o das Autarquias.

Sottomayor Cardia na Formação, Luís Felipe Madeira na Administração e António Guterres na Organização, completam o elenco dos pelouros do Secretáriado Nacional.

No comunicado, o novo Secretariado do PS saúda o «espírito de militância» registado entre os socialistas e o «vastíssimo consenso que o projecto aprovado granjeou» no Congresso.

Critica também a cobertura dada ao Congresso pela RTP, que, segundo o comunicado, «deu muito menos relevo ao Congresso do PS do que dera ao anterior congresso partidário», o do PSD.

O Secretariado Nacional solicitou ainda ao presidente do partido, Tito de Morais, a convocação para o dia 12 da Comissão Nacional, para proceder à eleição da Comissão Política.



Gabinete de Estratégia Política e Eleitoral, Manuel Alegre; Ligação ao grupo Parlamentar, Ferraz de Abreu; Trabalho, José Manuel Torres Couto; Associativismo, Elisa Damião; Relações com a Comunicação Social, Alberto Arons de Carvalho; Relações Internacionais, Jorge Sampaio; Autarquias Locais, Ladislau Botas; Formação, Mário Sottomayor Cardia; Administração, Luís Filipe Madeira; Organização, António Guterres.

Em projecto do PCP

Revogação da Lei das Rendas é hoje votada... e rejeitada

A questão das rendas de casa voltou ontem ao plenário da Assembleia da República por iniciativa do PCP, que apresentou um projecto cujo objectivo é a renovação da Lei 46/85 conhecida como «Lei das Rendas». Foi uma discussão curta que serviu apenas para que os diversos partidos mais uma vez esgrimissem os argumentos aduzidos ainda recentemente aquando da discussão do regime de subsídios a que têm acesso os inquilinos cujas rendas fiquem sujeitas à correcção extraordinária.

A votação do projecto do PCP ficou agendada para hoje e, além dos comunistas, apenas o MDP anunciou a sua intenção de o votar favoravelmente.

De novo, apenas a anunciada intenção do PRD de apresentar na próxima sessão legislativa uma lei de Bases da Habitação que concretize algumas ideias já expressas por este partido para o sector e «cujos princípios deverão informar o Plano Nacional de Habitação».

Renovadores que, através de Vasco Marques, criticaram a Lei 46/85, «necessária», mas que «deveria ter sido inserida num conjunto mais amplo de medidas». Violenta foi a posição do MDP que pela voz de Seiça Neves considerou que para o Governo «legislar sobre a venda de Coca-Cola ou sobre as rendas, é apenas uma questão de terminologia».

Ao mesmo deputado coube também a apresentação dos números da «nossa vergonha», da nossa indignidade»: 729 731 famílias que vivem sem electricidade, 230 mil fogos em regime de sobreocupação, 40 mil de habitações para venda, cerca de 700 mil casas com mais de 60 anos e, só em Lisboa, a existência de 16 247 barracas.

Números que indiciam a «degradação social» a que a deputada comunista Odete Santos se referiu na sua intervenção e que «deveria ter levado à não aplicação da lei» tanto mais que «para futuro os aumentos das rendas de casa não vão resolver os problemas do sector da habitação».

A iniciativa do PCP não passa para o PSD senão de mais uma tentativa para «criar um certo clima de agitação social». Disse-o o deputado Marques Mendes para quem «os primeiros indícios colhidos do início da aplicação da lei revelam claramente que o dramatismo que o PCP coloca à execução» da Lei das Rendas «não teve, não tem, nem terá o acolhimento que os comunistas esperavam e no qual se têm empenhado».

«Insistência obsessiva»

Para o CDS, afirmou-o Borges de Carvalho, a questão não passa de uma «insistência obsessiva» do PCP, tanto mais «inoportuna e injustificada» quanto quatro partidos com assento parlamentar — PSD, PS, PRD e CDS — lhe concederam os seus votos favoráveis.

«Lei equilibrada» foi o qualificativo encontrado pelo socialista Leonel Fadigas para justificar a posição do seu partido quanto à rejeição da iniciativa do PCP. Tanto mais que, referiu, se a Lei 46/85 tivesse «um carácter tão negativo, estaríamos aqui a assistir a um debate completamente diferente». O deputado socialista referia-se não só ao tom morno das intervenções, como à total ausência de público das galerias. Quanto às medidas sociais que completam o referido diploma, o PS criticou os critérios que regem a atribuição dos subsídios e os poucos postos de atendimento público existentes — apenas quatro em Lisboa.

Quanto ao Governo, presente através do secretário de Estado da Habitação, decidiu não intervir apesar de insistentemente instado pelo PCP. Isto porque, segundo afirmou, o essencial estava dito e não foi introduzido nenhum elemento novo.

De referir que o projecto do PCP prevê a instituição de um plano geral de habitação que defina as carências existentes no sector, sobretudo o problema dos solos.

Entre as principais alterações ao regime jurídico do arrendamento, figuram a garantia especial aos trabalhadores com salários em atraso de não sofrerem acções de despejo por não pagamento de rendas, a extensão do direito à sucessão no arrendamento aos conjuges, familiares e às situações de união de facto, a garantia de informação atempada aos inquilinos da caducidade do arrendamento e a consagração de determinados direitos do inquilino em caso de demolição de edifícios.

O projecto prevê ainda a penalização dos proprietários de prédios devolutos e consagra o direito de representação das associações de inquilinos em processos relacionados com a habitação. Antes, e num longuíssimo período de antes da ordem do dia a deputada Maria Santos, «Os Verdes», falou em defesa da Lagoa de Albufeira; Seiça Neves (MDP), abordou problemas relacionados com a ria de Aveiro e o respectivo porto de pesca; Caio Roque (PS) disse da ameaça de desemprego que correm dezenas de professores de português no estrangeiro; Sérgio Ribeiro (PCP) evocou a visita que fez ao distrito de Santarém, detendo-se especialmente na abordagem dos problemas das regiãoes de Tomar e de Vila Nova de Ourém; Barbosa da Costa (PRD) chamou a atenção da Câmara para o facto de não estar a ser cumprida legislação que regulamenta a extracção das areias dos rios; Amândio Gomes (PSD) mostrou preocupação pelos ancestral subdesenvolvimento de Trás-os-Montes e António Mota (PCP) voltou a «trazer a este hemiciclo a situação em que se encontram os trabalhadores das Minas da Panasqueira».

Provedor de Justiça comemora 10.º aniversário

O Presidente da República preside amanhã à sessão solene do 10.º aniversário do início da actividade do provedor de Justiça, em cerimónia que decorrerá no auditório dois da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

Na sessão deverão usar da palavra o provedor, Almeida Ribeiro, o ministro da Justiça, Mário Raposo, o sensor del pueblo de Espanha, Joaquim Gimenez e o chefe do Estado, Mário Soares.

À cerimónia segue-se um colóquio em que serão abordados diversos temas, designadamente a instituição provedor de Justiça, apreciação de resultados e sugestões.

Diga-se a propósito que Almeida Ribeiro foi eleito para o cargo que desempenha pela Assembleia da República em 16 de Maio do ano passado. Segundo o texto constitucional, a actividade do provedor de Justiça é independente dos meios graciosos e contenciosos previstos na Constituição e nas leis.

De acordo ainda com a Constituição da República, os cidadãos podem apresentar queixas por acções ou omissões dos poderes públicos ao provedor de Justiça, que as apreciará sem poder decisório, dirigindo aos órgãos competentes as recomendações necessárias para prevenir e reparar justiças.

Ministro da Defesa condecora fuzileiros

O ministro da Defesa Nacional, Leonardo Ribeiro de Almeida, condecorou a Escola de Fuzileiros com a medalha de Ouro dos Serviços, no decorrer de uma cerimónia comemorativa do 25.º aniversário daquela unidade, realizada ontem em Vale do Zebro.

Na alocução que proferiu, o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, disse que as comemorações do aniversário desta Escola tinham como objectivo «lembrar o passado e os homens valorosos que o construìram». Acrescentou ainda que essa recordação não era «feita como mera evocação, mas como alicerce do futuro, onde devemos ter os olhos postos».

Referindo-se à formação das unidades de fuzileiros em 1961, o chefe da Armada considerou que «renasceram assim os fuzileiros como componente integrante da Armada para, conjuntamente com as unidades navais, executarem as acç oes que competiam à Marinha no esforço de guerra em que o País estava empenhado em Àfrica». «Os valorosos feitos praticados em cambate são testemunhados pela atribuição individual de quatro condecorações da Torre Espada, sete medalhas de valor militar e 133 cruzes de guerra, ostentando nos estandartes nacionais do corpo de fuzileiros e da força de fuzileiros do continente, a Ordem Militar da Torre Espada e três cruzes de guerra de primeira classe», lembrou Sousa Leitão, referindo-se às acções militares realizadas por aqueles na guerra colonial da Guiné, Angola e Moçambique.

Nestas cerimónias estiveram presentes, além do ministro da Defesa Nacional, os secretários de Estado da Defesa e dos Negócios Estrangeiros, e o CEMGFA, general Lemos Ferreira.

Esta tarde, em Monsanto

Otelo volta de novo à barra do tribunal

Otelo Saraiva de Carvalho estará de novo, esta tarde, na barra do Tribunal de Monsanto. O principal réu do chamado caso FUP/FP-25 vai assim retomar o depoimento que começou a prestar no início do julgamento e que interrompeu ao fim de 15 sessões por solidariedade com os seus co-réus em greve de fome de protesto contra as condições de vida prisional.

A sessão de ontem terminou com um requerimento do procurador da República, Teodósio Jacinto, a reclamar a leitura das declarações do 'arrependido' José Manuel Barradas, baleado mortalmente na Costa de Caparica em 19 de Agosto do ano passado, assim 'pagando' o seu 'arrependimento'.

Os advogados Manuel Magalhães e Silva e Romeu Francês, patronos do padre Crespo, o primeiro, e de Otelo, Mouta Lis, Pedro Goulart e Custório Martins, o segundo, opuseram-se a tal requerimento. Ambos alegaram inconstitucionalidade do Artigo 439 do Código de Processo Penal, disposição que permitiria a leitura de declarações de um réu já falecido. O colectivo, presidido pelo juiz Adelino Salvado, dada a complexidade da questão, suspendeu a sessão e reservou a deliberação relativa ao requerimento para a sessão desta tarde.

Prisão injusta

Ontem, terceiro e último dia do interrogatório do padre Crespo, este desmentiu os 'arrependidos' Macedo Correia e Alexandre Figueiras, em cujas declarações, como lembrou Adelino Salvado, se estribam as acusações por que ora responde.

Quanto a Macedo Correia, o famoso 'poeta', Crespo negou simplesmente que alguma vez o tivesse conhecido ou contactado. «Só ouvi falar dele depois de preso» — afirmou de novo.

Com Alexandre Figueiras.

Otelo volta a estar hoje na ordem do dia, em Monsanto

adiantou, só falou duas vezes, na Lisnave, onde ambos trabalhavam, aliás em sectores diferentes. Contudo, esclareceu, nunca com ele tratou de questões políticas de fundo nem jamais o recebeu em sua casa, como o 'arrependido' afirma.

No último encontro, referiu Manuel Crespo, Alexandre Figueiras disse-lhe estar «com a cabeça numa desgraça», afectado por uma depressão que o fizera deixar o posto de trabalho sem dar baixa por doença ou pedido licença sem vencimento.

O agora 'arrependido' apenas lhe pediu que contactasse o chefe do posto clínico da empresa, como o fez, para lhe justificar a ausência e lhe garantir o regresso ao trabalho.

Noutro passo, Manuel Pereira Crespo também protestou contra o modo como se procedeu à sua detenção, que classificou ainda e sempre como 'injusta'.

Indicou que, tendo tido conhecimento da vaga de prisões de 19 de Junho de 84 no próprio dia, nada fez para se furtar à acção da Justiça, mas veio a ser detido no dia seguinte, à saída de um banco no Porto. «Fui agarrado pelo pescoço pelo agente Machado, da PJ» — disse o padre Crespo, que explicou ainda ter na altura exigido que lhe fosse mostrado o mandado de captura — mas a resposta do agente foi simplesmente 'o senhor protesta depois'.

Cristãos e marxistas

Uma parte significativa do último dia de interrogatório-depoimento do padre Crespo foi por este preenchido com uma exegese da Bíblia, que apontou como «a história da libertação de um povo», dirigida «por Jesus, um líder de massas».

Se os fariseus condenaram Jesus por se ter apresentado como filho de Deus, a condenação deveu-se na realidade ao facto de haver sido «um homem que se debruçou sobre os homens do seu tempo, em especial os marginalizados» — disse também, antes de acrescentar:

«Justiça e Direito são palavras proféticas da Bíblia, e assumo a minha prisão nessa identificação de Direito e Justiça».

O padre Crespo, membro da Congregação «Filhos da Caridade», disse ver a história do povo de Jesus como «a história do nosso povo» e a justificar tal afirmação comparou a emigração portuguesa à disáspora dos Judeus, os impostos aos tributos cobrados pelos romanos e os salários em atraso à fome imposta aos seguidores do Messias.

«Também eu» — declarou — «tenho tentado ser um seguidor de Cristo, com a mesma preferência pelos oprimidos e marginalizados».

E na sequência, o padre Crespo lembrou que «os cristãos empenhados na libertação do seu povo não devem hesitar em unir-se aos marxistas».

Alunos da Universidade do Algarve contra extinção de curso

Os alunos da Universidade do Algarve consideram que o anúncio de não aceitação de inscrições no curso de Gestão de Empresas, no próximo ano lectivo, significa a extinção desse curso.

Num comunicado agora divulgado pela Associação de Estudantes da Universidade do Algarve (AEUAL), aprovado em assembleia geral, exige-se a alteração do «numerus clausus» (anunciado como inexistente para 1986/87), de modo a assegurar a continuidade do curso, «sob pena de terem de adoptar formas de luta pouco prestigiantes» para a instituição.

No comunicado insere-se um excerto da proposta de instalação da Universidade do Algarve, datadá de 1981, em que a determinada altura se afirma: «Reconheça-se que a aprendizagem politécnica, se pode colaborar na execução de um projecto de desenvolvimento, não tem capacidade científica para o elaborar e, portanto, substituir a aprendizagem universitária».

Em declarações à Anop no passado dia 27, o reitor da Universidade e simultaneamente presidente da comissão instaladora do Instituto Politécnico, Lloyd Braga, anunciara a não aceitação de novas matrículas no curso de Gestão de Empresas que tem vindo a ser ministrado na Universidade.

Lloyd Braga afirmou então que um novo curso de gestão de empresas principia no próximo ano lectivo, no Instituto Politécnico de Faro, na forma de bacharelato.

Acrescentou que os alunos que actualmente frequentam o curso na Universidade manterão o currículo dos cinco anos até à licenciatura e que os alunos que vierem a concluir o bacharelato no Politécnico poderão depois licenciar-se num curso complementar de dois anos na Universidade do Algarve.

Está prevista para 1987 a criação da «Academia do Ensino Superior do Algarve», que aglutinará a Universidade e o Politécnico, à luz da qual Lloyd Braga disse que «não faria sentido manter em funcionamento, na mesma localidade, um curso de gestão de três anos e outro de cinco anos, em estabelecimentos de ensino diferentes e objectivos semelhantes».

Os alunos da Universidade pretendem uma audiência com o reitor até ao dia 2 de Julho e vão convidar os deputados de todos os partidos eleitos pelo Algarve para uma reunião.

Secundárias de Faro atingiram ruptura

Um grupo de encarregados de educação de estudantes candidatos ao sétimo ano unificado, nas escolas de ensino secundário, em Faro, denunciaram, uma situação de rotura nas instalações daqueles estabelecimentos de ensino.

Reunidos em plenário, os encarregados de educação concluíram que faltam instalações escolares para cerca de 15 turmas do sétimo ano, o que corresponde a mais de 300 alunos.

Na acta final que assinaram afirmam que as escolas secundárias, Tomás Cabreira e João de Deus encontram-se saturadas e sem possibilidade de receber mais turmas, dado que foram criadas para 800 alunos e têm actualmente mais de 2000.

Criticam o Ministério, por saber da situação, através de uma reunião realizada em Maio com os presidentes dos conselhos directivos das escolas e de não ter tomado medidas, acusam.

Com o objectivo de pressionar o Ministério a uma solução rápida, os pais dos estudantes candidatos à matrícula no sétimo ano unificado em escolas de Faro afirmam-se dispostos a divulgar por todos os meios, aquilo que consideram uma «grave situação».

COMEMORE CONNOSCO ESTE ANIVERSÁRIO

Habilitando-se à lotaria comemorativa

do 488º aniversário da Misericórdia de Lisboa

taluda 65.000 contos

e ainda muitos milhares de outros prémios

dia 4 anda a roda

A FESTA É TODA SUA

Só numa vez foram 182 quilos

Apreendidos em ano e meio 200 quilos de droga nos Açores

Cerca de 200 quilos de droga foram apreendidos de 1984 a finais de Maio deste ano na Região Autónoma dos Açores — indicam dados da Polícia Judiciária. De acordo com os mesmos dados, a maior apreensão de droga registada neste período nos Açores ocorreu em 1984 na ilha do Faial, onde foram descobertos pela Polícia aproximadamente 182 quilos de liamba.

Apesar da Polícia Judiciária ter apreendido menores quantidades de haxixe do que de liamba, a primeira destas drogas é, segundo fontes da PJ, a mais traficada nas ilhas do arquipelágo.

As drogas pesadas, designadamente cocaína e heroína, são as menos traficadas na região, tendo sido apreendidos, de 1984 até meados de Maio último, respectivamente, 47 e 45,5 gramas.

Neste período foram ainda apreendidos cerca de 120 gramas de óleo de canabis, 26,7 gramas de pó de haxixe e 17 pés de plantas de canabis.

De 1984 até meados de Maio foram capturados 21 indivíduos acusados de tráfico de estupefacientes, cujas idades oscilavam entre os 15 e os 3(anos.

Embora a maior quantidade de droga tenha sidc apreendida no Faial, os responsáveis da PJ de Ponta delgada são paremptórios em afirmar que o grosso do tráfico de estupefacientes se processa em S. Miguel, a maior e mais populosa ilha dos Açores.

Grande parte da droga traficada no arquipélago — haxixe e liamba — é oriunda do Continente e as quantidades de estupefacientes apreendidos pela Polícia indiciam níveis preocupantes de consumo.

No entender dos responsáveis da PJ contactados pela Anop, o tráfico de droga na região tem tendência a aumentar nos próximos anos, à semelhança do que se passa com os restantes tipos de criminalidade.

As mesmas fontes referiram que não existe na Região Autónoma uma rede organizada de tráfico de estupefacientes, mas sim pequenas redes distribuídas por várias ilhas e «completamente autónomas».

Estas pequenas redes — referiam, a propósito — estão «muito bem organizadas e informadas» e acrescentou que isto dificulta o trabalho da Polícia.

Segundo estas fontes, o combate ao tráfico de drogas no arquipélago dos Açores é dificultado pelo facto de só existir uma inspecção da PJ na região, localizada em Ponta Delgada, que é «agravada pela falta de meios humanos».

Carro do Estado destruído pelas chamas

Susto para Cadilhe na Auto-Estrada do Norte

O ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, apanhou anteontem à noite um susto quando o automóvel em que viajavam com a família (mulher e filho) do Porto para Lisboa, se incendiou na Auto-Estrada do Norte próximo da portagem de Albergaria-a-Velha. As chamas, que irromperam no motor, acabaram por destruir completamente o «Citroen BX», propriedade do Estado, pelo que Miguel Cadilhe teve de concluir de táxi a sua deslocação até à capital. A GNR tomou conta da ocorrência.

Totalista do "Loto" é de Santiago do Cacém

É de Santiago de Cacém, no Alentejo o anónimo que ganhou o 1.º prémio da última edição do Totoloto, pelo que irá assim receber a quantia de 60 186 483 escudos. Quanto aos restantes resultados foram apurados 24 apostadores com o 2.º prémio (501,554 escudos), 539 com o 3.º (66 997 escudos), 34 916 com o 4.º (15'6 escudos) e 720 512 com o 5.º (110 escudos

Burlado: por antigo vendedor de "autogrupos"

Um antigo vendedor de automóveis pelo sistema de autogrupos acaba de ser detido pela Polícia Judiciária sob a acusação de ter utilizado a sua experiência no sector para burlar várias pessoas, a quem contactava como se ainda estivesse em actividade. O arguido, de 32 anos, que através desta prática conseguiu angariar cerca de dois mil contos, guardavda em seu poder, na altura em que foi detido vários impressos para contratos, ainda por preencher, referentes às firmas em que trabalhou.

Angolano detido com droga no Algarve

Em Salema, Vila do Bispo, no Algarve, um jovem de nacionalidade angolana, de apelido Pedro, foi detido pela GNR durante uma operação «stop», sob a acusação de ter em seu poder 100 gramas de haxixe. Pedro, que na altura se fazia acompanhar por uma cidadã alemã, foi posteriormente libertado pelo juiz de Instrução Criminal de Portimão, mediante o pagamento de 130 contos de caução de caução.

Em tribunal a designar pelo Ministério da Justiça

Julgamento da "Setúbal Connection" não será marcado antes de Setembro

O julgamento da rede de contrabando de Setúbal, conhecida por «Setúbal Connection», apenas será marcado após as férias judiciais que terminam em Setembro, segundo revelou ontem o magistrado encarregado do processo.

«Trata-se — disse o dr. Germano da Fonseca — de um processo muito complexo que ainda se encontra no Tribunal da Relação de Évora, a fim de naquela instância serem analisados os vários recursos. Só depois de os mesmos serem analisados poderão ser apresentados os recursos para o Supremo Tribunal, motivo por que só após as férias judiciais decidirei sobre a data do julgamento.»

O juiz do processo referiu ainda que «até à decisão do Supremo vão manter-se os efeitos das prisões preventivas dos réus militares e os efeitos dos mandados de captura, contra os réus ainda não detidos».

Questionado sobre o local onde se realizará o pleito, o dr. Germano da Fonseca afirmou que «a sala de audiências do Tribunal de Setúbal não comporta os trinta e quatro réus, pelo que terá de ser o Ministério da Justiça a decidir sobre o local onde o julgamento irá decorrer.»

Cada impresso preenchido custa 50 escudos

"Penduras" vão acabar nos Arquivos de Identificação

O Ministério da Justiça refere, em comunicado ontem divulgado, que para os cidadãos não habilitados para tal existem, nos salões de atendimento ao público nos Serviços Centrais de Lisboa e na delegação do Porto do Arquivo de Identificação, postigos com pessoal especializado para o preenchimento de impressos destinados ao pedido de bilhete de identidade, sendo o custo de cada Preenchimento de 50 escudos».

Para o departamento dirigido por Mário Raposo, «apesar da relativa facilidade do preenchimento dos impressos, quando se trata da renovação do bilhete de identidade ou de requerimento de certificado, face aos elementos que constam do bilhete de identidade do titular, é da maior conveniência para os interessados, nos casos de dúvidas, solicitarem previamente algumas informações em qualquer dos postigos de recepção dos pedidos. Ou, então, utilizarem os serviços de preenchimento, para evitarem erros ou incorrecções, que depois poderão ser motivo de reclamação por deficiente emissão do documento, ou na recusa de aceitação do próprio pedido».

O Ministério da Justiça informa ainda que «os impressos exclusivos do CICC, destinados ao pedido de bilhete de identidade e ao requerimento de certificado do registo criminal podem ser adquiridos nos estabelecimentos de revenda de valores selados, devidamente autorizados», em Lisboa, na Rua Morais Soares, 74, Praça D. João da Câmara, 4, 1.º, Estrada de Benfica, 795, A, Calçada de Santana,. 140, Praça Duque da Terceira, 19, Rua Silva Carvalho, 52, Calçada da Picheleira, 155, Travessa da Boa-Hora, 11, Largo do Calhariz, 4, Rua Palmeira, 33, Avenida Almirante Reis, 221 e no Porto, na Rua da Fábrica, 84, Rua da Boavista, 647, Rua do Amial, 1116, Rua Santa Teresa, 20 e Rua Entrecampos, 86.

Septuagenária assassinada por estrangulamento

Uma septuagenária foi encontrada morta por estrangulamento na sua residência, localizada no Beco do Grilo, ao Poço do Bispo, em Lisboa, admitindo os investigadores da Polícia Judiciária que Cândadida Teixeira foi surpreendida durante o banho, pois apresentava-se completamente desnudada.

A vítima, que residia com a filha, foi encontrada já sem vida quando esta regressou a casa à hora do almoço. O estrangulamento foi praticado com dois lenços de seda, após a velha senhora ter sido manietada.

Embora tenham desaparecido do local quatro mil escudos e um isqueiro em ouro, os investigadores, que já teriam detido dois suspeitos, pensam que o móbil do homicídio não foi o roubo, pois em casa havia mais dinheiro e outros objectos de valor que não foram levados, apesar de bem visíveis.

FUNDO DE TRINCO

Mário Castrim

«OS jogadores adversários são uns malandros. Autênticos piratas.

Isto não se faz. Não se faz. Eu a querer jogar e eles a não me deixarem! O futebol chegou a isto. Por isso está desacreditado a mais não poder ser.

«Eu sei que sou o melhor. As últimas sondagens realizadas no meu prédio dizem que sou o melhor da Europa e até do mundo. Não é por acaso que sou o capitão dos seleccionados. Jogo pouco? Talvez. Mas a culpa é dos adversários e do árbitro.

«Se eu vou com a bola, tiram-ma.

«Se eu quero driblar, não me deixam.

«Querem empurrar-me para o centro do terreno, quando toda a minha genica me empurra para a direita.
«Se cometo alguma falta, o árbitro apita logo.
«Se marco um golo, diz que estou fora de jogo...

«E no entanto eu sei que sou o melhor. Portugal inteiro o diz. Di-lo na rádio, nos jornais, na televisão. Todos dizem que jogo bem. Mas fique bem claro: se não jogo bem, é porque não me deixam!

«Os críticos não fazem mais do que criticar – mas realizar é mais difícil do que criticar ou destruir. A verdade é que o meu grupo inverteu a situação de crise. Nós fizemos com que os jovens voltassem a gostar do futebol e acreditassem no clube, na selecção, na Federação, na vida, enfim!
«Por isso, não me demitirei.

Continuarei a jogar, mas a jogar à minha maneira. Se não jogar à minha maneira, os outros assumirão as suas culpas.

«Exigo: um campo mais pequeno; sem linhas laterais; bola mais leve; o onze adversário não deverá ter mais de sete jogadores; não haverá árbitro ou será escolhido por mim; as balizas do meu campo serão as do hóquei em patins; as 17 regras serão abolidas, eu indicarei as regras novas.

«Eu sou o melhor. Toda a população do meu prédio acha que eu jogo bem. Se não meto golos, a responsabilidade não me cabe. Era o que faltava...
«Tenho dito».

Situação vai demorar mais dois meses

Carros da Câmara avariados deixam lixo nas ruas

Nuno Ribeiro

Durante os próximos dois meses a recolha do lixo na cidade de Lisboa vai ser afectada por se encontrar paralizada, devido a avarias mecânicas, cerca de 20 por cento da frota de que a Câmara da capital dispõe para tal tarefa, divulgou ontem o vereador do pelouro. Pinto Machado indicou ainda que, no computo geral, 38 por cento da frota pesada da Câmara da capital se encontra inoperacional.

«Se até aqui entendemos o atraso na aprovação do Plano de Actividades e Orçamento da Câmara Municipal de Lisboa, neste momento não encontramos nenhuma justificação para que ainda não esteja marcada a reunião final para a aprovação do Orçamento». As palavras do vereador Vasco Franco trouxeram para a ribalta, no periodo de antes da ordem do dia da sessão pública da Câmara de Lisboa ontem realizada nos Paços do Concelho, o sucessivo adiamento da apresentação e votação dos dois instrumentos fundamentais de gestão da edilidade para o ano em curso.

Para o vereador socialista, se um primeiro atraso se justificava devido à votação e aprovação, pela maioria da Câmara, da polémica taxa de saneamento, tornada fonte de receita para o financiamento das obras do grande interceptor, já em finais de Junho, precisamente a meio do ano, não se justifica uma tão grande demora.

Para os vereadores da Aliança Povo Unido este era o momento de lançar um ataque:«o presidente invocou que todos os vereadores com pelouro estavam a par do Plano e do Orçamento e que, por isso não era necessário a constituição de uma comissão integrando todas as forças politicas, como propusemos em 7 de Abril», relembrou Rui Godinho.

Vasco Franco diria, em resposta, que sabe qual é o Orçamento mas não o pode aplicar porque...não está aprovado.

Ou seja, na prática, estejam ou não acordadas as verbas, alinhadas as colunas das receitas, definidos os montantes dos investimentos, a gestão do principal Municipio do País está a ser feita ao correr dos duodécimos... Aliás, é com natural preocupação que se verifica que, de ano para ano, essa aprovação é cada vez mais tardia.Em 1983, o Plano de Actividades e o Orçamento foram aprovados pela Câmara em 15 de Julho, um ano depois em 30 de Março e, em 1985, a 29 de Abril, constatou Lívio Borges. O vereador social-democrata, sublinhando que Lisboa «deve constituir-se em exemplo a seguir e não como excepção a recusar», propôs que, para o próximo ano, aqueles «documentos fundamentais de orientação da gestão municipal» sejam apresentados até 15 de Outubro do corrente e entrem em vigor a 1 de Janeiro.

Uma proposta que foi agendada, que será certamente aprovada. mas cuja exequibilidade, a três meses e meio de distância, parece algo comprometida. E, enquanto se fala do futuro, ainda não há novas do momento presente, do Orçamento de 1986, «a ser ultimado», pelas contas do repórter, há dois largos meses...

Danny Kaye dos anos 80

Quis o desejo de animação, e de espacos públicos, que um pouco dos 1,9 Km2 de área verde que restam à cidade , fossem palco de uma emissão telivisiva comemorativa da noite de S.João... em Lisboa, já que Santo António, o «padroeiro», surgiu cedo demais no calendário para que, do alto da torre da 5 de Outubro, os «sempre atentos» se tenham dele apercebido, apesar do feriado e da confortável «ponte» que propiciou.

Se os mistérios da RTP estão por descobrir, foi sem rebuço que a Câmara correspondeu à chamada e pôs à disposição o jardim da Estrêla que, como sublinhou o vereador Carlos Robalo, «não tem condições para uma sardinhada organizada com toda a gente».

Só que, no seu afã de mostrar produção própria, num dos intervalos das imagens via satélite do Mundial de Futebol, nos ecrãns as locutoras de continuidade anunciaram alto e bom som que a festa ia ser rija.

O lisboeta, desgostoso com o fim da Avenida da Liberdade, temendo as consequências que um passeio à beira Tejo, mesmo em noite de calor, pode trazer para a moral familiar ou para o orçamento doméstico, lá foi redescobrir o jardim, onde os cabo verdianos matam saudades ao domingo. Só que, «lamentávelmente, a RTP fez uma sardinhada privada», disse Carlos Robalo, o vereador responsável pelo fechar dos portões. Atitude tomada, sublinhou, em defesa do jardim, que não aguentaria uma carga humana de foliões a responderem «presente» ao convite tornado implicito pela inábil propaganada do Lumiar.

E, então, despeitado, o pacato cidadão resolveu entrar, forçando os portões de metal, transformando as barras de ferro em «spagetti» genuíno e, por entre cotoveladas, fazendo dos canteiros um posto de observação. Conclusão: 95 contos de prejuízo, um directo que por se estar a tornar directíssimo foi trocado por ranchos folclóricos, a lembrar uma outra interrupção televisiva, numa espécie de Danny Kaye dos anos 80, e, ao que dizem, um alivio para o telespectador.

Mas, para a Câmara este assunto não está encerrado, e, é bem provável que, por entre as cartas de protesto do Minho onde o segundo canal tem feito negaças, e as mensagens de apoio e incitamento à passagem dos anúncios de bebidas alcoólicas e do lápis ébrio, que o Municipio mande a conta.

Da «batalha» da Estrêla passou-se à bonança, pela aprovação, por maioria, de uma proposta do vereador Cunha Serra, segundo a qual a Câmara resolve nomear uma comissão constituída por um representante de cada força política para elaborar um programa de acções, no âmbito do Ano Internacional da Paz decretado pela Organização das Nações Unidas.

Lixo: dia par ou... impar

Na sessão de ontem, a propósito de uma alteração orçamental de 122 mil contos apresentada pelo vereador Pedro Feist, para o pagamento das máquinas que se encontram a trabalhar junto à Estação de Tratamento de Resíduos Sólidos de Beirolas, um ano depois do caso da Bôba, o lixo voltou a ser tema.

Vasco Franco alertou para o facto de muitas dessas máquinas se encontrarem paradas, perguntando se, com aquela verba, a Câmara não poderia dispôr de material próprio.

Rui Godinho abordou, ainda, o problema por outro ângulo. Pouco mais seria necessário do que os 122 mil contos para a Câmara ter construído, em Vale do Forno, o aterro sanitário que a APU tinha proposto, em vez de estar a depositar, desde o encerramento da Bôba, na Amadora, 300 toneladas de lixo em valas à beira Tejo.

Particularmente visado, Nuno Abecasis sublinhou que «todo trabalho de Beirolas tem a aprovação da Direcção Geral do Ambiente», que os indíces máximos de poluição para o Tejo, naquela área, ainda não foram atingidos,e que os resultados das análises devem ser pedidos à Comissão Nacional do Ambiente. O presidente da edilidade acusou ainda a APU de há um ano ter feito uma movimentação «de Cascais a Mafra» para que Lisboa não encontrasse escoamento para o lixo que tinha deixado de ir para a Bôba.

Por seu lado, Rui Godinho sublinharia que o aterro sanitário do Vale do Forno não foi para a frente por «miopia e sectarismo politico do presidente e das forças que então o apoiaram, o PS, PSD, CDS». A polémica generalizou-se a outros vereadores, mas o ponto da situação actual é preocupoante, como reconheceu Vasco Franco. O vereador socialista diria que «não pode passar muito mais tempo sem a Câmara arranjar um alternativa».

E, o lixo voltaria a ser tema quando Pinto Machado declarou que, nalgumas áreas da cidade, não tem sido feita a recolha do lixo, devido a avarias que afectam os veículos de remoção.

Em declarações ao «DL» aquele vereador precisou que «38 por cento do parque global da Câmara está inoperacional», situação que atribui ao facto «da frota estar muito velha, e de não ter havido investimentos na renovação, por existirem outras prioridades». » Para além disso», prosseguiu,«as viaturas de remoção do lixo são de um tecnicismo muito grande e requerem uma permanente atenção». A este facto, juntou-se, ainda, a inexistência de peças no importador e representante, questão que só poderá ser ultrapssado na totalidade quando o Municipio «fizer um concurso global por ano para a aquisição de peças para as viaturas», libertando-se das condições que a actual legislação impõe. Apesar da situação já ter melhorado, «20 por cento da frota pesada está parada com incidência na recolha de lixo», e tudo só «estará resolvido dentro de dois meses», adiantou Pinto Machado.

Até lá, e enquanto o Municipio ultima um estudo para a remoção não diária do lixo, «toda a população será informada, com a devida antecedência, dos dias em que haverá ou não recolha do lixo, num intervalo de um dia», sublinhou.

Ou seja, até final de Agosto, antes de depositarem os sacos de plástico nos contentores, os lisboetas terão que saber se é dia par ou ... impar.

"Não peço uma casa, peço uma barraca"

São dez famílias, com um rancho de filhos, onde grassa a varicela e a hepatite as que, desde há uma semana vivem sem tecto, depois de terem ocupado umas «casas» nos Olivais Velho. No passado dia 24, foram despejadas das habitações pertencentes à Câmara de Lisboa que, segundo a edilidade, vão ser necessárias para albergar famílias de Chelas a serem desalojadas devido ao incio da construção da Estação de Tratamento de Águas residuais, englobada no projecto do Sistema de Interceptor de Esgotos do estuário do Tejo.

Ontem, foram à sessão pública protestar e pedir compreensão.

«Há dois anos que temos vindo a pôr o nosso caso e ninguém faz nada», acusa uma moradora. «Foi por precisarmos de casa que fomos para ali», sublinha outra, enquanto que todos reconhecem que a ocupação foi «um abuso». Mas, «as casas estavam ali a partirem-se», desabitadas, refúgio de marginais, enquanto que é longa a história das diligências, dos processos entrados a aguardarem satisfação. Eles não sabem, mas os seus papéis são uns entre os 50 mil pedidos de alojamento, e têm como companheiros de infortúnio os habitantes das 18 mil barracas que existem no Concelho.

A lei é-lhes desfavorável, e angustiados ouvem o presidente afirmar que tem que haver critérios para a distribuição de casa, pois «o que corre mais não é o que tem a casa». A angustia sobe quando sabem que a Câmara não pode albergá-los nos centros de realojamento, e que o capricho da metereologia continuará a ditar se vão ter uma boa ou má noite...

Por isso, em desespero, uma jovem abandona o sonho de uma habitação digna: «eu não peço uma casa, peço uma barraca».

Os meios de comunicação de massa e a cultura europeia

Os canais comerciais TV estimulam a concorrência

— *disse-se no encontro*

A criação de um sistema europeu de televisão que possa fazer frente ao controlo que os Estados Unidos actualmente detêm foi defendida no seminário sobre «Os meios de comunicação de massa e a cultura europeia», ontem iniciado em Lisboa. No encontro, organizado pelo Instituto Português da Comunicação, efectuaram-se de tarde duas mesas-redondas, a primeira sobre «A televisão portuguesa e alguns novos concorrentes» e a segunda sobre «A dimensão ibérica». Que os canais comerciais de televisão são necessários para estimular o sistema de concorrência e que, em monopólio, não se pode desenvolver um conceito de televisão europeia foram alguns dos argumentos apresentados a favor da televisão comercial.

«Tem que haver uma imagem, uma cara da Europa» — afirmou o italiano Angelo Condignoni, director do Canal 5, uma emissora privada de televisão.

Portugueses: «relação doentia com a TV»

«Todos os países devem ter, a par de emissoras comerciais, uma televisão pública, forte e independente do Governo, que possa actuar como consciência da sociedade» — disse, por sua vez, K. Jan Hindriks, director do Programa TV Europa.

Em Portugal, «há público para uma televisão e para uma televisão privada» — considerou, por seu turno, Braz Teixeira, administrador da RTP, para o qual «os portugueses têm uma relação doentia com a televisão» e «esperam que ela seja o substituto de outras coisas que não têm».

O responsável da televisão portuguesa disse que «o ideal seria que as pessoas se libertassem da TV e optassem por outras coisas, descansar, conversar ou até não fazer nada, escolhendo a liberdade individual».

Exclusividade — uma ideia a abandonar

José Maria Calvinho, director-geral da Rádiotelevisão Espanhola, disse que 10 por cento da audiência desta é constituída por portugueses, embora a emissora televisiva nada faça nesse sentido, nem aproveite esse facto.

Trata-se de «uma presença não procurada», que ocorre também em sentido contrário, acentuou Calvinho, para quem «é preciso abandonar a ideia da exclusividade no que diz respeito às emissoras televisivas num país».

A ideia de um programa europeu de televisão susceptível de ser captada via satélite e preconizada pelo Tratado de Roma, que deu origem à CEE, seria um passo em frente na comunicação europeia, considerou o mesmo especialista espanhol, mas para tal seria necessária a unificação europeia em matéria de televisão no que diz respeito a temas como a pornografia, cenas de violência e incitamento ao racismo.

Luís Cebrian: qualidade, quantidade...

O director do jornal espanhol «El Pais», Juan Luis Cebrian, considerou que os participantes no debate estavam a ter «um comportamento muito cínico», opondo o conceito de televisão comercial ao de televisão privada: «Espanha e Portugal são exemplo de como a televisão comercial é pública ou como a televisão pública é ao mesmo tempo comercial».

Juan Luis Cebrian referia-se ao facto de a TV espanhola estatal, ser totalmente financeiada pela publicidade e de a TV portuguesa, igualmente estatal, receber taxas e ser parcialmente financiada pela publicidade.

O director de «El Pais» manifestou algumas reservas acerca de uma televisão europeia, afirmando que «nenhum dos seus canais é, nem será, em português ou castelhano». A par disso, «Portugal e Espanha teriam que participar no seu financiamento» — acrscentou.

Para Juan Luis Cebrian, os países ibéricos têm «um contexto cultural antigo» ao pensarem que a quantidade é inimiga da qualidade.

«A cultura produz-se em série, como os automóveis. Até agora só o Brasil soube dar resposta a isso, fazendo-o para a televisão. Nós temos não um problema de qualidade, mas de quantidade. Só quando produzirmos em quantidade, podemos aspirar à qualidade» — especificou.

Proença: o público que se defina

Proença de Carvalho, ex-administrador da RTP, considerou que «são os consumidores que devem definir a qualidade» em matéria de televisão.

«É um erro considerar que uma televisão pública satisfaz melhor que a televisão privada», disse, depois de criticar «o dogma constitucional que impede a instalação de canais privados de TV em Portugal», afirmando não saber se «tal dogma é de esquerda ou de direita».

Para Proença de Carvalho, «nunca a TV espanhola podia ser um risco para a identidade da TV portuguesa, pois não há televisão doutro país que substitua a televisão nacional em domínios como a informação».

O encontro termina esta tarde, compreendendo mais quatro sessões de trabalho.

UAL

UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA LUÍS DE CAMÕES

RAZÃO DE UMA UNIVERSIDADE

De acordo com os princípios da Lei n.º 9/79, e satisfeitas as exigências do Decreto-Lei n.º 100-B/85, através do Despacho n.º 123/MEC/86 de 21 de Junho, foi já autorizada a entrada em funcionamento da U.A.L. – Universidade Autónoma de Lisboa «Luís de Camões» de que é titular a C.E.U. – Cooperativa de Ensino Universitário, CRL.

Estão assim criadas as condições para que possa ser retomado o projecto de dignidade, qualidade, solidariedade e harmonia de ensino que esteve na génese da criação da denominada Universidade Livre e a que estiveram ligados a generalidade dos promotores da criação da Universidade Autónoma de Lisboa «Luís de Camões».

RESPONSABILIDADE DOCENTE

O núcleo promotor da iniciativa, constituído por professores universitários doutorados por Universidades Portuguesas e por algumas das mais prestigiadas Universidades Europeias e Americanas (Berkeley, Columbia, Freiburg, Londres, Lovaina, Paris, Roma e Salamanca) confiou a responsabilidade pedagógica aos seguintes professores:

Alberto Franco Nogueira
António Santos Labisa
António Santos Neves
Francisco Corrêa Guedes
Henrique Leotte
João Antunes Varela
Joaquim Bento Sabino
Joaquim Oliveira Correia
José Augusto Alarcão Trony
José Gonçalo Herculano de Carvalho
Justino Mendes de Almeida
Luís Arouca
Manuel Damásio
Manuel Farinha dos Santos
Nuno da Costa Pereira
Ventura José de Mello Sampayo

INSCRIÇÕES

Estão abertas as inscrições para os exames de admissão ao 1.º ano e para as matrículas em todos os anos dos seguintes cursos de licenciatura:

Direito
Economia
Gestão
História
Matemáticas Aplicadas
Línguas e Literaturas Modernas

Informações pormenorizadas na Secretaria da Universidade, Palácio dos Condes de Redondo, – Rua de St.ª Marta, 56 – 1200 LISBOA, ou pelo Telefone 52 84 26.

EPA ESCOLA PRÉ-UNIVERSITÁRIA AUTÓNOMA, CRL

R. Pedro Nunes, 10 — 1000 LISBOA — Telef. 528036

METRO-PICOAS

10.º ANO — ÁREAS A, C e D e VIA TÉCNICO-PROFISSIONAL

11.º ANO — ÁREAS A, C e D

12.º ANO — 1.º, 2.º, 3.º, 4.º CURSOS

MANHÃ — TARDE — PÓS-LABORAL

CADEIRAS DE PREPARAÇÃO UNIVERSITÁRIA

PRIORIDADE NO ACESSO AOS CURSOS DA U.A.L. (Universidade Autónoma de Lisboa "Luís de Camões")

INSCRIÇÕES ABERTAS

A Ria Formosa é o centro das preocupações dos responsáveis algarvios face à vaga de incêndios verificada na região.

Suspeita-se que haja uma "mãozinha criminosa"...

Bombeiros de Faro dominaram quatro fogos ontem à tarde

Os Bombeiros Municipais e Voluntários de Faro apagaram ontem quatro fogos que eclodiram após o meio-dia. Apenas se conhece a origem de um deles, na Avenida 5 de Outubro, em pleno coração da cidade. Dos outros três há suspeitas. Suspeitas de fogo posto. Um porta-voz da corporação Municipal disse esta manhã ao «DL» que «tudo aponta para mãozinha criminosa». A mesma fonte acrescentou: «É incrível, porque sucederam uns atrás dos outros». O governador civil apelou entretanto para que os matos sejam limpos com urgência.

E assim foi, com feito: depois do incêndio que irrompeu numa área de pasto na Estrada do Aeroporto e que as duas corporações farenses dominaram em cerca de duas horas, houve a tal enfiada de que atrás falámos: na Av. 5 de Outubro (este provocado por curto-circuito) e por trás da «Sofrutos», perto de Gambelas, onde no fim-de-semana os bombeiros actuaram durante vinte horas. O outro incêndio em que os Bombeiros de Faro intervieram «atacou» a parte norte da Quinta do Lago e teve também os de Loulé no combate às chamas.

Como atrás referimos, o governador civil de Faro, Cabrita Neto, recomendou, ontem publicamente, aos proprietários para que procedam à limpeza dos matos secos. Este apelo foi feito na sequência do incêndio que no último fim-de-semana destruiu cerca de 300 hectares de mato e pinhal.

O referido incêndio deflagrou na madrugada do dia 29, como noticiámos, próximo de Faro, na área triangular formada pelo Ludo, Portal e Gambelas, e foi considerado extinto cerca das 21 horas de sábado. Dois indivíduos não identificados foram detidos pela GNR sob suspeita de autoria do incêndio.

Na nota difundida, o governador civil, Cabrita Neto, afirma que o incêndio deflagrou em zonas de fácil acesso e que «não há justificações para que não se faça a necessária limpeza das matas».

Fogos florestais: bombeiros esperam meios do Governo

Os bombeiros «estão à espera que o Governo envie para as entidades competentes os meios financeiros e materiais» previstos para o combate a fogos florestais — disse à Anop uma fonte da Liga dos Bombeiros.

Armando Soares, dirigente da Liga dos Bombeiros, acrescentou que «este atraso» por parte do Governo em dotar com meios, já acordados, as mesmas entidades, será um dos assuntos da agenda de trabalhos de uma reunião dos inspectores superiores e regionais com os delegados distritais para o sector de fogos florestais, a realizar a 19 de Julho, em Aveiro.

O assunto foi discutido na Assembleia de Delegados da Liga dos Bombeiros Portugueses que se reuniu em Tomar e no decorrer da qual foi analisado um pedido de uma reunião de responsáveis do Serviço Nacional de Bombeiros, Instituto de Socorros a Náufragos e aquela Liga para o estabelecimento de protocolos adequados à prestação do socorrismo a banhistas pelas corporações de bombeiros.

A Assembleia de Delegados da Liga propôs o nome de Manuel de Almeida Rodrigues para encabeçar as listas dos seus órgãos sociais para o Biénio 1987/88.

Amares: conflito com a Câmara

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Amares ameaçou interromper a sua prestação de serviços caso continue o «clima de hostilidade» entre a Associação e a Câmara.

A decisão está relacionada com o pedido de inquérito feito pela Câmara à Associação de Bombeiros, já que no Relatório e Contas de Gerência de 1985 não se menciona a totalidade de subsídios camarários atribuídos aos bombeiros. A Câmara concedeu subsídios de 4 350 880 escudos e o relatório menciona apenas três milhões de escudos.

A Associação de Bombeiros diz que o relatório não menciona a quantia exacta dos subsídios recebidos porque os serviços camarários não passaram, em devido tempo, a certidão com o montante exacto. Por sua vez, o presidente da Câmara afirma que a Associação dos Bombeiros devia ter mencionado no seu Relatório de Contas a soma global dos subsídios recebidos, independentemente de a edilidade ter ou não emitido a certidão.

A direcção da Associação dos Bombeiros de Amares acusa agora o presidente da edilidade de «desestabilização» e diz que, a manter-se o «clima de hostilidade», interromperá a prestação de serviços, responsabilizando pelo que venha a suceder o presidente da Câmara e o vereador Agostinho Domingues. O presidente da edilidade contesta, dizendo que a Câmara não deseja desestabilizar, mas que se sente lesada no seu espírito de donativos, «porque dar 4350 contos não é a mesma coisa que dar três mil».

Unica representação em Londres

Charanga da GNR num festival a convite da família real

Trinta e cinco cavalos de raça lusitana do 3.º Esquadrão de Cavalaria da GNR partiram hoje de Lisboa numa viagem que os levará sexta-feira a Londres, onde vão participar num espectáculo presidido pela rainha de Inglaterra.

Um grupo de 21 militares partiu também de braço de Prata, na coluna constituída por quatro viaturas para transporte dos cavalos, um autocarro e duas viaturas ligeiras, que transportam ainda cinco toneladas de material.

Um segundo grupo da charanga a cavalo da GNR, constituída por 35 elementos, partirá amanhã por via aérea para Londres.

Além do espectáculo, que será presidido pela rainha Isabel II, a charanga a cavalo da GNR participará noutros, presenciados pelo príncipe André e sua noiva, Sarah Ferguson, nos dias 11 e 16 do corrente mês.

A única charanga do mundo que toca a trote e a galope foi convidada pelo governo britânico a exibir-se em Londres de 9 a 26 de Julho, com dois espectáculos por dia. Segundo o Comando-Geral da GNR, a charanga a cavalo actuará no dia 11 num espectáculo presidido pelo príncipe André e sua noiva, e no dia 16 para a Rainha Isabel II.

O espectáculo de encerramento, que tem lugar no dia 26, será presidido pelo comandante-geral da Guarda Nacional Republicana, general Tomé Pinto.

No dia 6, dez elementos da charanga da GNR participarão também num desfile publicitário do «Royal Tournament» próximo de Birmingham.

«Coimbra é uma lição»

Uma coluna constituída por quatro viaturas para transporte dos cavalos, um autocarro e duas viaturas ligeiras, que transportam também cinco toneladas de material, deixaram pelas cinco horas desta madrugada o quartel de Braço de Prata.

O segundo grupo da charanga a cavalo da GNR, constituído por 35 elementos, parte amanhã de Lisboa para Londres por via aérea, como dissemos.

A charanga a cavalo da GNR, que é constituída por 56 elementos, efectuará treinos no local onde se vai exibir nos dias 7 e 8, apresentando ao público a sua primeira exibição no dia 9.

A representação portuguesa, convidada de honra do «Royal Tournament», em Earls Court, vai exibir-se num dos mais prestigiados acontecimentos militares do ano no Reino Unido, que é seguido diariamente por milhares de espectadores e por milhões de telespectadores.

A charanga a cavalo do Regimento de Cavalaria da GNR é a única representação estrangeira presente no festival.

A representação portuguesa vai tocar o «Hey Jude», dos Beatles, e «Coimbr é uma Lição», para a Rainha de Inglaterra.

O «Hey Jude» será tocado pela primeira vez pela charanga em homenagem ao povo inglês.

Exercício dos «cossacos»

A canção «Coimbra é uma Lição», conhecida em todo o mundo, como «Abril em Portugal», é também uma das 12 músicas e marchas que serão interpretadas pelos militares portugueses da charanga a cavalo da GNR.

A representação portuguesa, constituída por 55 militares e 35 cavalos de raça lusitana, tem sido sujeita a intensivos treinos desde Janeiro para se apresentar no auge da forma em Londres, num dos mais prestigiados acontecimentos militares.

Oito cavalos vão executar pela primeira vez um exercício tradicional da cavalaria portuguesa que era executado pelos «cossacos» do Centro Militar de Mafra, que consiste em deitar-se no terreno, permanecendo quietos mediante uma técnica especial.

A representação de Portugal no estrangeiro é assim dada pela primeira vez à charanga a cavalo da GNR embora esta já tenha participado em exibições de carácter particular em Londres, em 1957, a convite do Príncipe de Emdiburgo e num «jumping» em Berlim, em 1980.

A charanga a cavalo do Regimento de Cavalaria da GNR, criada em Novembro de 1942, é constituída por 26 executantes e actua tanto a pé como a cavalo, utilizando instrumentos de sopro e percussão.

"Enorme êxito" — serviço NP/TLP

Está a revelar-se um «enorme êxito» o novo serviço noticioso produzido pela «Notícias de Portugal» em colaboração com os TLP (Telefones de Lisboa e Porto) — afirmou uma fonte desta organização.

Os blocos noticiosos gravados na sede da agência NP e a que os utentes dos telefones têm acesso discando o número 153 são um novo serviço dos TLP que teve início, para a região de Lisboa, às zero horas do dia 28 de Junho.

As linhas postas ao serviço do noticiário por telefone permitem a consulta dos blocos noticosos por vinte utentes em simultâneo.

O serviço de informações por telefone dos CTT compreende agora blocos noticiosos (número 153), serviço horário (151), informação meteorológica (150) e os resultados da Lotaria, do Totoloto e Totobola (158).

CONCURSO DE ARTESANATO · ARTES PLÁSTICAS E VISUAIS · LITERATURA E ENSAIO

Podem concorrer todos os trabalhadores — sindicalizados ou não — residentes no Distrito de Lisboa, ou que aí exerçam a sua profissão, e jovens até 25 anos.

Prazo de entrega dos trabalhos:
30 de Setembro de 1986

CONSULTA O REGULAMENTO

Informações:
DEPARTAMENTO DE ACÇÃO CULTURAL DA USL/CGTP-IN
R. de S. Pedro de Alcântara, 63-2.º
1200 LISBOA — Telefones: 321223 / 321277

UNIÃO dos SINDICATOS de LISBOA
USL/CGTP-IN

"Rádio Azul", "Nova Antena", "TV-Sul"

Televisão e rádios locais alegram periferia de Lisboa

A «TV-Sul» e a «Nova Antena», a primeira algures na área da Póvoa de Santo Adrião, a segunda em Odivelas, estrearam-se ontem na produção televisiva e radiofónica. Vieram juntar a sua imagem (a «TV-Sul») e a sua voz («Nova Antena») às rádios locais que há muitos anos «atacam» as ondas hertzianas nacionais enriquecendo o espectro radioeléctrico de cada região como veículos da cultura e necessidades locais.

Enquanto isso, já mais tarimbada, com largo contributo prestado à comunidade sadina, a «Rádio Azul» (Emissora Regional de Setúbal) comemora hoje o primeiro aniversário com um convívio entre cooperantes e restantes trabalhadores.

A «Rádio Azul», como cooperativa de profissionais de Comunicação Social, tem defendido os interesses da região de Setúbal. Emite 24 horas por dia, em Frequência Modulada, tendo a publicidade como único suporte financeiro.

A estação Regional de Setúbal transmite um serviço noticioso de hora a hora e recebe o Serviço Nacional e Internacional da Anop.

No próximo dia 5, a estação emissora leva a efeito provas desportivas e um espectáculo no Pavilhão «Antoine Velge». No mesmo dia inaugura os novos estúdios do Rio da Figueira, os quais se encontram apetrechados ao nível das melhores estações nacionais.

Após um ano de existência, os cooperantes da «Rádio Azul» «consideram que o balanço é altamente positivo e que vamos continuar a lutar pelo progresso da cidade».

O seu director é Jaime Monteiro, cabendo a chefia noticiosa e radiofónica a dois conhecidos profissionais da Comunicação Social escrita e falada: Luciano Rocha (que pertenceu aos quadros da Anop) e Jorge Simões (da RDP e RTP).

«TV-Sul»: nove minutos sem som

A «TV-Sul» começou a emitir ontem à tarde, no concelho de Loures em UHF e no II Canal da RTP. O seu primeiro sinal de vida foi para o ar às 17 horas.

A emissão começou quase simultaneamente com o programa «Countdown», da TV-Europa, que estava a ser transmitido pela RTP-2.

A «TV-Sul» emitiu apenas imagens com música dos grupos «Mr. Mister» e «Rollings Stones», mas não conseguiu meter som no ar para apresentar o canal, durante nove minutos.

Os serviços técnicos da RTP admitem que a «TV-Sul» deve emitir da Póvoa de Santo Adrião com «material rudimentar».

Um dos responsáveis pelos serviços técnicos da RTP considera que essas emissões «são piratas» e disse que, recentemente, foi encerrada uma emissora televisiva em Pernes, na região de Santarém.

Também na área de Loures, com serviços próprios e cerca de centena e meia de pessoas, desde ontem que está no ar a «Nova Antena». É mais uma rádio local que escolheu a designação que mais apropriada entendeu para si: «Nova Antena».

Só um por cento vai ao estrangeiro

Três em quatro portugueses não saem de casa para férias

Setenta e seis por cento das famílias portuguesas não tencionam passar férias fora da sua residência, alegando especialmente a falta de dinheiro — revela um inquérito divulgado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

O inquérito sobre a intenção de gozo de férias dos portugueses revela ainda que 24 por cento das famílias residentes no continente têm intenção de passar férias fora da sua residência habitual.

No entanto, a quase totalidade das famílias, com intenção de passar férias fora de casa vai ficar no próprio país, sendo diminuta a percela das que pensam deslocar-se ao estrangeiro (1,14 por cento).

De uma maneira geral, a duração das férias é inferior a um mês e apenas 15 por cento das famílias tencionam permanecer em férias fora da residência mais de quatro semanas — indica o inquérito.

A maioria das famílias dispostas a gozar férias preferem as regiões de praia, mas já não querem o Algarve a todo o custo, preferindo outras zonas balneares.

As Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira têm uma fraca figuração enquanto regiões escolhidas para passar férias, refere ainda o inquérito, que diz que apenas 12 por cento das famílias tenciona recorrer à hotelaria e a maior parte pensa alojar-se em casa de familiares e amigos (43 por cento).

Mais de 55 por cento das famílias a gozar férias fora da sua residência habitual admitem gastar menos de 50 contos com as suas férias.

Estas famílias vão escolher sobretudo zonas de praia, enquanto o campo é preferido unicamente pelas famílias do mais baixo escalão considerado no inquérito.

À medida que se avança nos escalões de despesa consideradas, a praia continua a merecer as preferências, mas a região algarvia vai ganhando peso — indica o inquérito.

Quanto a férias em termas, apenas dois por cento das famílias está disposta a «ir a águas».

Iniciativa de mulheres

As mulheres não se remeteram ao silêncio, continuam a ter voz e vontade se afirmarem. Num mesmo dia manifestaram-se as da **revista**, publicação que conquistou um lugar na sociedade portuguesa, e as que constituem a **Intervenção Feminina**, organização recentemente criada. Pois, a revista **«Mulheres»** comemorou a abertura de um espaço cultural, na Rua Pedro Nunes, n.º 9, com um horário de funcionamento fixado entre as 15 e as 19 horas, de segunda a sexta-feira.

O **Espaço Mulheres** que se propõe ser uma zona de expressão feminina apresenta, para já, uma exposição colectiva de dezoito mulheres, tendo também uma pequena livraria com intenção de crescer. E, claro, o próprio espaço em si, reservado a diversas iniciativas, onde a palavra feminina, sob várias maneiras, terá oportunidade de se fazer ouvir. Também, ali, haverá à venda «produtos mulheres» tais como símbolos feministas, esferográficas, isqueiros, sacos de pano, camisolas, e o que mais surgir, proveniente da sua criatividade que é vasta.

Doente mental morto por caixeiro viajante

Um doente mental, António Luís Máximo, de 27 anos, foi morto a tiro de espingarda caçadeira, em Macedo de Cavaleiros pelo caixeiro viajante de máquinas, António Santos Costa, de 38 anos, casado, que afirma tê-lo confundido com um colega de profissão «com quem tinha uma contas a ajustar».

De acordo com a sua versão, António Máximo ao ver-se por ele ameaçado terá reagido a soco, pelo que António Santos Costa, que reside em Mirandela, foi buscar a arma ao seu automóvel, fazendo então o disparo fatal. O homicida entregou-se voluntariamente à GNR.

Em carta endereçada ao "DL"

Director da cadeia de Évora desmente ameaças a grevistas

Invocando o direito de resposta, o subchefe Joaquim Pires Garção, director do Estabelecimento Prisional Regional de Évora, desmente a notícia publicada no «DL», em 24 do mês passado, na qual, com base num comunicado do Sindicato Nacional do Corpo de Guardas Prisionais, era afirmado que «devido a pressões e ameaças das chefias, a greve dos guardas prisionais não chegou a Évora e Montijo».

Refere ainda o subchefe Joaquim Pires Garção que «tais ameaças, além de falsas e injuriosas, põem em causa o prestígio e o brio profissional de todos os funcionários de vigilância da cadeia de Évora».

Todos os casos têm sido fatais

SIDA está a aumentar em Portugal à semelhança dos outros países

O director do serviço de infecto-contagiosas do Hospital de Santa Maria, Carvalho Araújo, disse que, na actualidade, «a evolução da SIDA é sempre fatal». «Como não se conhecem antídotos, o seu controlo está muito na prevenção, mas depois de a doença se manifestar, a sua evolução conduz à morte do paciente», acrescentou Carvalho Araújo, igualmente professor catedrático na Faculdade de Medicina de Lisboa.

Aquele catedrático referiu que a SIDA «está a aumentar em Portugal, como aliás em todo o mundo», numa tendência «de progressão que considero alarmante».

Carvalho Araújo indicou que, tanto em Portugal como nos restantes países ocidentais «a experiência é de se estender lentamente; mas numa tendência da dobragem anual».

Para aquele médico, a SIDA poderá, num período mais ou menos curto, pertencer a «um tipo de doença sexualmente transmissível, tal como hoje o são a sífilis, a infecção gonocócica e outras».

Segundo afirmou, no presente «é mais grave porque não existe um tratamento eficaz contra ela». Carvalho Araújo disse que este facto era explicado «pelo cada vez maior número de pacientes heterossexuais — puros, acentuou — que aparecem quer nos hospitais, quer nos consultórios».

Aquele catedrático, depois de citar números da sua experiência profissional e dados internacionais, adimitiu que «os contatos heterossexuais tenham a ver algo com a difusão da SIDA».

Homossexuais e não só

Carvalho Araújo referiu que actualmente em Portugal a principal percentagem de doentes atingidos pela SIDA provém de homossexuais, sublinhando no entantoque «estão detectados casos em indivíduos que são heterossexuais, sem margem para dúvidas».

Realçou ainda que é em África que a expansão da SIDA se deu em maior extensão. «Na realidade — disse — naquele continente há uma proporção de um para um entre homens e mulheres atingidos pela enfermidade».

«Nos Estados Unidos essa proporção é de uma mulher por cada 16 homens, mas isto somente quer dizer que a existência da doença em África tem mais dez anos do que nos Estados Unidos», frisou.

«É natural que daqui a alguns anos a percentagem africana seja igual na Europa e nos Estados Unidos», acrescentou.

Sobre o combate à doença, Carvalho Araújo opinou que «actualmente ainda não há tratamento adequado para a SIDA. Há muita investigação, muitas hipóteses de trabalho, mas não há remédio que possa curar a doença nos tempos imediatos».

Referiu, todavia, que «a via de transmissão pelo sangue terá tendência para acabar com o controlo de dadores. Os hemofílicos, dentro em breve, já não deverão ser cantagiadas pelo sangue».

Aquele médico indicou que «no entanto, se encontrava internado em Santa Maria um miúdo hemofílico, que tinha sido contaminado pela SIDA, devido a uma transfusão de sangue proveniente dos Estados Unidos».

Isolamento

Carvalho Arújo mostrou à reportagem da Anop os quartos e os pisos onde se encontram hospitalizados alguns dos doentes portadores da SIDA1não estão isolados — afirmou — temos os cuidados necessários com eles. Muitas das vezes, causam mais problemas às pessoas sãs aos doentes da SIDA que os pacientes aos outros, daí a razão por que se mantêm por vezes hospitalizados e em certos casos incomunicáveis».

«O doente de SIDA, como não têm defesa imunológica, qualquer vírus de uma simples constipação é suficiente para agravar a doença de que é portador», explicou.

Aquele catedrático disse à Anop que foi em 1983 que «oficialmente» foi detectado, em Portugal, o primeiro paciente com Sida. «Era um cabo-verdiano, que após várias tentativas de tratamento em Portugal e no estrangeiro, foi para Cabo Verde, onde veio a falecer».

Em Portugal, de acordo com o Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmíssiveis, de 1983 até 31 de Março deste ano, tinham sido registadas 24 pessoas com SIDA, 11 das quais já tinham falecido.

Em 1983, tinha sido diagnosticado um caso, em 1984, dois, em 1985, 15 e, no primeiro trimestre deste ano, seis.

Quarenta e seis por cento dos doentes têm idades entre os 20 e os 39 anos. 96 por cento dos casos observaram-se em homens, de acordo com aquele centro, citado em relatório do grupo de trabalho da Sida.

Dos casos notificados no primeiro trimestre de 1986, dois eram homossexuais; de 27 e 39 anos, um bissexual, de 49 anos, que residiu 10 anos no Brasil, dois hemofílicos, de 23 e 35 anos e o sexto era um cabo-verdiano, marítimo, de hábitos sexuais desconhecidos, que entretanto faleceu em Lisboa.

ITT negoceia associação com a Alcatel

A ITT e a CGE, companhia francesa nacionlizada, a cujo grupo pertence a Alcatel, prosseguem as negociações com vista à fusão das suas actividades de telecomunicações, soube-se em Paris.

O projecto de cedência de uma parte das actividades de telecomunicações da ITT a grupos europeus assinala o fim da supremacia norte-americana neste domínio, asseguram observadores citados pelas agências internacionais.

O projecto marca também o início de uma era na qual a competição obriga as sociedades a agruparem-se para penetrar nos mercados.

Para a ITT, criada nos anos 30 para destruir o monopólio da ATT (American Telephone and Telegraphe) nas telecomunicações, virou-se uma página, sublinham os especialistas norte-americanos.

Na última semana, a Compagnie Generale D'Electricite (CGE) e a ITT confirmaram que continuam as negociações tendo em vista a criação de uma «joint-venture» no domínio das telecomunicações.

Fontes industriais disseram que os dois grupos visam criar uma sociedade detida em 50 por cento pela CGE e por bancos, enquanto à ITT caberá 30 por cento do capital social.

A ideia de que a ITT poderia partilhar uma grande parte das suas actividades de equipamentos de telecomunicações foi aplaudida em Wall Street com um aumento, em três dias, de cerca de 20 por cento por acção, o equivalente a 10 dólares por título.

O desenlace das negociações em curso depende em parte do governo francês e a eventualidade de um acordo entre as empreas traria certamente novos elementos ao concurso para o fornecimento das centrais digitais a Portugal. Alcatel e a ITT são candiadatos à adjudicação de parte desses fornecimentos aos CTT/TLP.

Petróleo

OPEP baixa para 17 dólares

A maioria dos 13 países da OPEP chegou a acordo sobre novos preços do petróleo e sobre o limite de produção global da organização — anunciou o seu presidente, o ministro nigeriano do petróleo, Rilwanu Lukman.

Fontes próximas da OPEP dizem que com o acordo pretende-se que os preços do crude se situem entre 17 e 19 dólares o barril.

Os preços do crude caíram para 10 e 12 dólares na última sexta-feira nos mercados internacionais, contra 30 dólares em Novembro.

Defendem as caixas de crédito agrícola

Crédito à agricultura terá que ser multiplicado por vinte

O crédito global concedido à agricultura não chega sequer para cobrir a desvalorização do equipamento agrícola existente — afirmou ontem à Anop Carvalho Cardoso. vice-presidente da Federaçãc Nacional das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo (FENACAM)

«Para que a nossa agricultura progredisse e estivesse em condições de enfrentar o desafio da CEE, o esforço de investimento teria de ser 20 vezes maior».

Carvalho Cardoso, que foi secretário de Estado do Fomento Agrário em 1980, salientou que o investimento no sector agrícola, em 1972, atingia 14 por cento e actualmente está reduzido a 4 por cento do investimento nacional.

Esta situação que tem vindo a agravar-se nos últimos anos, está a empobrecer cada vez mais a agricultura e a contribuir para o envelhecimento do parque de máquinas e, como consequência disso, Portugal produz cada vez menos aquilo que come.

Numa conferência de Imprensa realizada na sede da FENACAM, o seu presidente, Bento Gonçalves, tinha-se insurgido pouco antes contra um recente despacho do Governo que penaliza em 1,5 por cento os agricultores que recorrem ao crédito bonificado do IFADAP.

«Pensamos que se trata de uma opção errada fazer a agricultura pagar o funcionamento da máquina administrativa. O IFADAP devia ser pago pelo Estado» — disse Bento Gonçalves.

As necessidades mais urgentes do sector cooperativo agrícola e do crédito agrícola mútuo foram apresentadas num documento entregue aos jornalistas pelos responsáveis da Confederação das Cooperativas Agrícolas (Confagri) e da FENACAM.

Inoperância do Ministério da Agricultura

Em primeiro lugar, surge a necessidade de «acautelar o acesso dos pequenos agricultores aos fundos comunitários». Para tal, é preciso que sejam aprovados e implementados pelo Ministério da Agricultura programas de desenvolvimento agrícola regional (PDAR), que permitam uma base de orientação aos agricultores, em cada região específica, sobre quais as culturas que devem preferir e quais as que não têm viabilidade no novo contexto da CEE.

«Actualmente, há agricultores parados, à espera de indicações sobre a forma de reconverterem as suas explorações» — disse Bento Gonçalves.

Governo e Função Pública debatem aumentos

A Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública reuniu-se esta manhã com o secretário de Estado do Orçamento para debater os aumentos salariais de 1987.

Na última reunião entre a Frente Comum e o membro do Governo, no passado dia 24, o Governo apresentou uma proposta de aumento da massa salarial de 9,5 por cento e de 9 por cento do subsídio de almoço.

A Federação Nacional dos Professores, membro da Frente Comum, rejeita tal proposta e defende um aumento superior ao da inflação verificada em 1986, a qual «na melhor das hipóteses, não será inferior a 14,5 por cento».

Em comunicado, a Fenprof lembra que o Governo pretende encerrar a discussão desta matéria no próximo dia 15, contrariamente ao normal, dado que estas negociações deveriam ocorrer em Setembro/Outubro.

«Esta precipitação do Governo visa impor, desde já, um novo tecto salarial para a contratação e 'branquear' a actuação do Governo que neste momento está a ser objecto de análise por uma queixa apresentada na OIT sobre o seu comportamento autocrático na revisão salarial para a Função Pública em 1986», acrescenta a Fenprof.

O secretariado da Federação Nacional dos Professores termina amanhã uma reunião de três dias para análise da actual situação da educação e dos professores e preparar as actividades do início do próximo ano lectivo.

Além da revisão salarial a agenda de trabalhos inclui o debate das seguintes matérias: apreciação da actividade reivindicativa dos professores; Lei de Bases do Sistema Educativo; estatuto da carreira docente do ensino não superior; formação em exercício nos ensinos preparatório e secundário; investigação científica; gestão democrática e formação contínua e programa de acção da Fenprof para 1986/87.

Durante o ano passado

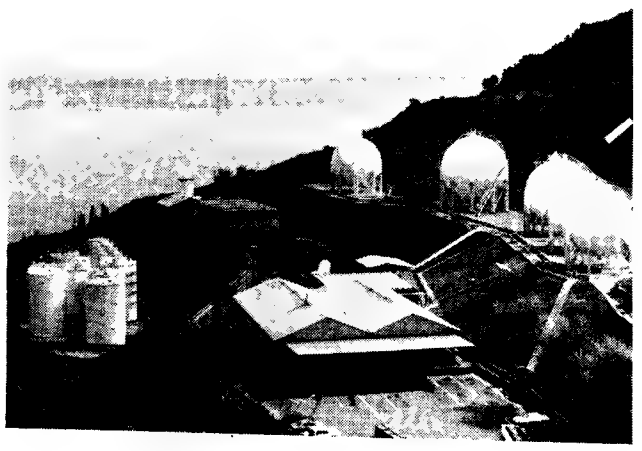
Lucros da Shell Portuguesa quase atingiram o milhão

A Shell Portuguesa obteve no exercício do ano passado lucros próximos do milhão de contos (904.321 milhares de escudos) dos quais meio milhão vão ser distribuídos como dividendos aos accionistas e o restante destinado a reservas legais e reservas livres.

Este resultado significou uma melhoria acentuada em relação ao exercício de 1984, que tinha produzido ganhos de 517 mil contos, não obstante ter sido mantido um alto nível de investimentos: mais 30 por cento que no ano anterior, totalizando um milhão e 58 mil contos.

As vendas totais da Shell Portuguesa (produtos e serviços) atingiram os 68 milhões de contos, tendo as exportações proporcionado ganhos em divisas na ordem dos 4,4 milhões.

Segundo o Relatório e Contas que está a ser distribuído, os principais objectivos da companhia em Portugal foram atingidos e pretendiam conseguir **uma melhoria significativa na situação financeira da empresa e introduzir adaptações qualitativas das infra-estruturas visando o futuro a longo prazo**. Isto para preparar a posição da Shell, em funcão das alterações previsíveis no mercado de produtos petrolíferos decorrentes da entra de Portugal na CEE.



O principal parque de armazenagem de gás e combustíveis líquidos da Shell situa-se na Outra-Banda, defronte a Lisboa

Os esforços da empresa não foram, assim, prioritariamente dirigidos ao aumento de volume das vendas, ou da conquista de maior quota de mercado; dados os controlos que regem o mercado de produtos petrolíferos a Shell diz ter apostado na valorização e diversificação de produtos.

O contributo mais forte para o aumento dos lucros e da actividade da companhia resultou de aplicações financeiras que permitem, segundo a administração da Shell **uma confiança e optimismo consideráveis para enfrentar o futuro e agarrar oportunidades que possam surgir.**

Os investimentos mais importantes foram, assim, canalizados para as infra-estruturas de armazenagem e distribuição e em companhias associadas nomeadamente na exploração de metais (Billiton Portuguesa — Desenvolvimento Mineiro, que concentra a sua actividade no Baixo Alentejo e no Algarve) e no turismo, com a construção do complexo de Vilar do Golf na Quinta do Lago.

O pessoal efectivo da Shell era de 518 empregados em 1984 e baixou no ano passado para 501, sendo 14,1 por cento mulheres e tendo no conjunto uma média dee didade de 43 anos. Foram pagos em ordenados e salários 766 mil contos e pensões 327 mil.

A novidade principal da Shell em Portugal no ano passado foi a entrada no sector turístico a partir da compra de uma participação de dois terços no capital do empreendimento turístico de Vilar do Golf em construção na Quinta do Lago, no Algarve. O complexo deve iniciar a sua exploração já no próximo mês de Julho, em colaboração com operadores turísticos estrangeiros.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44$25	50$25
ALEMANHA FED. (marco)	67$30	68$50
ÁUSTRIA (xelim)	9$50	9$70
BÉLGICA (franco)	3$130	3$330
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	106$45	109$95
(notas de 5 a 1000)	106$95	109$45
DINAMARCA (coroa)	18$15	18$55
ESPANHA (peseta)	1$024	1$144
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	147$95	151$45
(notas de 5 a 100)	148$48	151$95
FINLÂNDIA (marka)	28$95	29$55
FRANÇA (franco)	21$10	21$80
HOLANDA (florim)	59$75	60$85
IRLANDA (libra)	204$50	208$50
ITÁLIA (lira)	$879	$914
JAPÃO (iene)	$873	$908
NORUEGA (coroa)	19$70	20$20
REINO UNIDO (libra)	227$70	232$20
SUÉCIA (coroa)	20$75	21$25
SUÍÇA (franco)	82$25	83$75
VENEZUELA (bolívar)	6$25	7$25

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

VESTUÁRIO EM CABEDAL
E ANTÍLOPE
CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL
CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.
☎ 77 11 58 — 1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º **74 102** «DISPOSITIVO DE CONTROLO MECÂNICO POR CABO DESLIZANDO AXIALMENTE NUMA BANHEIRA FLEXIVEL».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 — 3.º — Esq.
1000 — LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º **74 101** «TRAVÃO DE TAMBOR, DE BINÁRIO REGULADO, E VÁLVULA DE REGULAÇÃO DO BINÁRIO PARA ESSE TRAVÃO».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª LDA.
Patentes e marcas
Rua Castilho, 201 — 3.º — Esq.
1000 — LISBOA

De Janeiro a Maio foram 64

Operários da Renault francesa regressam a Portugal

Sessenta e quatro operários portugueses deixaram a Renault, entre Janeiro e Maio deste ano para regressar a Portugal, informa a «NP», de Paris. O número total de trabalhadores emigrantes retornados elevou-se no mesmo período a 508.

A Renault contava no fim do mês de Maio com 82 583 assalariados, dos quais 1360 portugueses, distribuídos da seguinte maneira: 1235 operários, 121 empregados, e quatro quadros.

O número total de trabalhadores retornados no ano passado foi de 988, dos quais 207 portugueses (21 por cento).

O grupo Renault encontra-se empenhado, por razões económicas, numa campanha de redução de efectivos. Em 1985, para além dos trabalhadores que saíram naturalmente (falecimentos, reforma, etc.) houve ainda 10.308 partidas voluntárias, incluindo os imigrantes retornados aos seus países.

A política adoptada pelo grupo nacionalizado assemelha-se àquela que já foi empregue pelo grupo privado Peugeot-Citröen, ou seja uma mistura equilibrada de pré-reformas, retornos, e subsídios ao despedimento voluntário.

No caso dos imigrantes retornados, eles recebem cada um, conforme a sua antiguidade e situação familiar, um subsídio que vai de 2100 a 2500 contos.

No que se refere aos empregados que aceitam ser despedidos voluntariamente estes recebem, para além das indemnizações de despedimento, um subsídio de «reconversão» da ordem dos mil contos.

A redução dos efectivos no grupo Renault foi em 1984 de 3500, de 8000 em 1985, e prevê-se que esse total possa vir a atingir 14 000 neste ano.

A lira "pesada"

Uma decisão governamental destinada a introduzir a lira «pesada», valendo mil vezes mais do que a actual moeda, confundiiu a maioria das donas de casa italianas e uma em cada cinco nunca ouviu falar na medida, revela uma sondagem publicada em Itália.

A lira «pesada» foi oficialmente aprovada pelo Parlamento e deverá entrar em circulação no próximo ano.

Uma sondagem a 1213 donas de casa, por toda a Itália, publicada no jornal «La Stampa» de Turim, revela que cerca de 20 por cento nunca ouviu falar na nova moeda.

Das pessoas que desconheciam a medida, mais de 40 por cento não souberam estabelecer correctamente o valor da actual lira e algumas pensavam que valia 100 mil vezes mais do que o seu real valor.

O «La Stampa» disse que alguns dos entrevistados inquiriram sobre se a mudança melhoraria a saúde e outros mostraram-se desconfiados sobre os motivos governamentais.

«A nova moeda tornará os roubos aos bancos mais leves», foi outro comentário, acrescenta o jornal

Muita gente, especialmete idosos, mostrou-se preocupada com a ideia. Quarenta por cento das pessoas com mais de 50 anos receiam vir a sofrer com a nova lira.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dia depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio.

Execução Sumária n.º 3870, 2.ª Secção.

Exequentes – União Fabril Farmacêutica, SARL

Executado – Liafel – Laboratórios Industriais de Cosméticos, Limitada, com sede em Sete Portais – Telha – Barreiro.

Lisboa, 86/06/11

O JUIZ DE DIREITO
a) Lino Augusto Pinto

O ESCRIVÃO DE DIREITO
a) José António Cardoso Alves

"D.L." 1/7/86 – 2.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR ANTÓNIO LUÍS SOARES DE ANDRADE, JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

FAZ SABER que, pela segunda Secção do Nono Juízo deste Tribunal situado na Rua Marquês da Fronteira-Palácio da Justiça, 6.º piso em Lisboa, e nos autos de Contrato Individual de Trabalho, registados sob o n.º 43/85 em que é autora FILOMENA MARIA CONCEIÇÃO RAMOS PARREIRA, residente em Quinta da Boa Hora, Lote 47-1.º Esq.º, Arrentala-Seixal e Ré JERÓNIMO E FERREIRA, Ld.ª com sede conhecida em Quinta da Varejeira, Lote A-17, Miratejo-Almada, e nos referidos autos correm éditos de TRINTA DIAS que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio, notificando a Ré de que a fls. 23 e verso dos mesmos autos foi proferida sentença, cuja cópia pode ser reclamada nesta secção em qualquer dos dias úteis e na hora de expediente.

Mais se notifica para nos termos do artigo 71.º do Código Processo Trabalho juntar aos autos documento comprovativo da extinção da dívida em que foi condenada.

Lisboa, 23 de Abril de 1986

O JUIZ DE DIREITO
António Luís Soares de Andrade

O ESCREIVÃO DE DIREITO
A. Poças da Cruz

"D.L." 1/7/86 – 2.ª Pub.

Caminhos de Ferro Portugueses Informaçao

PORTO / LISBOA / PARIS
DIAS 7, 14 e 21 DE JULHO
*** (Circulações especiais)**

— Carruagens — couchettes (sem transbordo em Hendaye)

— Carruagens de 2.ª classe

PORTO	9.56	LISBOA	8.50
ESPINHO	10.26	SANTARÉM	9.36
OVAR	10.38	ENTRONCAMENTO	9.58
ESTARREJA	10.47	FÁTIMA	10.13
AVEIRO	10.59	CAXARIAS	10.28
		ALBERGARIA	10.37
		POMBAL	10.52
		ALFARELOS	11.15
		COIMBRA	11.30
PAMPILHOSA	12.00	SALAMANCA	20.06
MORTÁGUA	12.26	VALLADOLID	22.13
S. COMBA DÃO	12.40	BURGOS	00.14
NELAS	13.14		
MANGUALDE	13.27	HENDAYE	6.14
GOUVEIA	13.43	BAYONNE	6.43
CELORICO	14.12	BORDÉUS	8.56
V.F. NAVES	14.29	ANGOULLÉME	10.05
GUARDA	15.02	S. PIERRE CORPS	12.03
CERDEIRA	15.17	PARIS	14.09
V. FORMOSO	16.12		

*** — Condições tarifárias especiais, designadamente para grupos e jovens (BIJ)**
— Reserva de lugar gratuita
— Horários que permitem boas ligações para algumas cidades espanholas

Para melhor esclarecimento, consulte as nossas Secções de Informação, as Estações e as Agências de Viagens.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA SERTÃ

ANÚNCIO

Proc.º 65/86-2.ª Sec.

No dia 24/JUL/986, pelas 14 horas, no Tribunal Judicial da comarca da Sertã, nos autos de carta precatória vinda do 17.º Juízo Cível da comarca de Lisboa, e extraída dos autos de Execução Sumária que o exequente EFACEC – Empresa Fabril de Máquinas Eléctricas SARL, move contra a executada TINTÉCNICA – Comercial Agro-Pecuária, Ld.ª, com sede em Cernache do Bonjardim, desta comarca, hão-de ser postos em praça pela primeira vez, para se arrematarem ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo, os bens a seguir indicados e penhorados àquela executada:

BENS A ARREMATAR

1.º – 1 electrobomba de marca "EFACEC" tipo 1,25JR30, com o n.º 81538947, trifásica;
2.º – 1 electrobomba de marca "EFACEC", tipo 1,25JR43, com o n.º 815450050, trifásica;
3.º – 1 electrobomba de marca "EFACEC", tipo 1,25JR30, com o n.º 81544620, monofásica;
4.º Um motor de rega marca "Brigg Stratten", com carrinho de mão, de cor verde, sem número e equipado com grupo motobomba.

Sertã, 19 de Junho de 1986

O Juiz de Direito,
a) Manuel Gonçalves Ferreira

O Escrivão Adjunto,
a) José Dias Mariano

"D.L." 1/7/86 – 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA: DE LISBOA
8.º JUÍZO
ANÚNCIO
para citação de credores desconhecidos
Proc. N.º 5443
1.ª Secção

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Metalúrgica do Sado, Ld.ª, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Sociedade Portuguesa do Ar Líquido (Arliquido) SARL.

Lisboa, 20 de Junho de 1986

O Escrivão Adjunto,
a) Jamínio Monteiro

Verifiquei,
O Juiz de Direito,
a) João Manuel da Cruz

"D.L." 1/7/86 – 2.ª Pub.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º **74 601** «TRAVÃO DE TAMBOR DE AJUSTAMENTO AUTOMÁTICO».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 — 3.º Esq.
1000 — LISBOA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE S. JOÃO DA MADEIRA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 1.ª Secção do 1.º Juízo desta comarca, correm éditos de trinta dias contados a partir da segunda e última publicação deste anúncio, citando a Ré: DINFER – ENTREPOSTO INDUSTRIAL DO MINHO, LDA., sociedade comercial, que teve a sua sede na Rua D. Duarte, n.º 3, Travessa Nova, S. Domingos, Lisboa, para no prazo de dez dias findos os dos éditos, contestar, querendo os autos de Acção Sumária n.º 48/84 que lhe move Joaquim Batista Caldas & C.ª Ld.ª com sede em Caldas de S. Jorge, Feira, sob pena de ser condenada no pedido, que consiste em pagar à referida autora a quantia de 69 718$40 com juros nos termos constantes do duplicado da petição que se encontra junto por linha nos autos para lhe ser entregue quando solicitado.

S. João da Madeira, 19 de Junho de 1986.

O Juiz de Direito
a) Serafim António Gomes Alexandre
O Escrivão de Direito
a) Mário de Jesus Manata

DL — 1.ª PUB — 1/7/86

24 HORAS

Confrontos no Chile

A Polícia de choque cercou a maior universidade do Chile e deteve 106 estudantes que ocupavam o edifício exigindo o fim da intervenção militar na instituição universitário. Anteriormente, a Polícia referira que seis bombas explodiram em edifícios governamentais causando vários prejuízos. Esta onda de violência ocorre dois dias antes de uma greve geral de 48 horas convocada por sindicatos da oposição que exigem o regresso à representatividade democrática. A Polícia disparou gases lacrimogéneos e balas de borracha contra os estudantes que se encontravam no pátio da Universidade, depois do que assaltou o edifício e efectuou as detenções.

Oposição iraniana

O actual regime do Irão executou nos últimos cinco anos «pelo menos 50 mil oposicionistas» — disse à Anop Saeed Mogharem-Abed, representante da organização dos Mojahedin do Povo no Conselho Nacional de Resistência iraniano. Saeed Mogharem-Abed referiu que «o regime clerical de Khomeini» mantém nas prisões «e campos de concentração espalhados pelo país» cerca de 140 mil prisioneiros políticos. Saeed Mogharem-Abed, que juntamente com Behzad Saffari representou o Conselho Nacional de Resistência do Irão, presidido por Massud Radjavi, no sexto congresso do Partido Socialista, acrescentou que «a torutra de prisioneiros atinge as raias do inimaginável».

O Papa na Colômbia

João Paulo II inicia hoje uma visita pastoral de oito dias à Colômbia, país martirizado pela crise económica, pela guerrilha e por desastres naturais. Do programa da visita do Papa à Colômbia faz parte um voo de helicóptero sobre a zona de Armero, cidade submersa pela lava e lama após a erupção do vulcão Nevada del Ruiz, em Novembro de 1985, quando morreram 27 mil pessoas. No deserto de lama que o Papa sobrevoará ainda estão sepultados cerca de vinte mil cadáveres. A visita de João Paulo II à Colômbia é a segunda que um Papa realiza a este país, visitado em 1968 por Paulo VI.

Gorbachev contra corrupção

Os cidadãos soviéticos que utilizem meios do Estado em benefício próprio correm o risco de fortes multas e penas de prisão, de acordo com uma lei que hoje entra em vigor na União Soviética. Após ter aplicado com êxito uma lei contra o alcoolismo, que penaliza severamente o estado de embriaguez e limita a venda de bebidas alcóolicas, o líder soviético Mikhail Gorbachev dispõe-se agora a combater a economia clandestina na União Soviética, no âmbito do seu projecto de moralização do país.

Chefe da Mafia detido

Forças anticrime, coroando uma operação aérea, terrestre e marítima, detiveram Pietro Vernengo, suposto líder do tráfico de drogas da Mafia entre Itália e os Estados Unidos, disse a Polícia. As autoridades afirmaram que Vernengo, de 43 anos, que por duas vezes escapou à Polícia, foi detido num porto da pequena ilha de Nisida, a ocidente de Nápoles, quando se preparava para embarcar num veleiro em que decorria uma festa. Vernengo, um dos mais procurados «gangsters» da Mafia em Itália, é um dos principais réus do julgamento iniciado em Palermo, em 10 de Fevereiro, onde estão a ser julgados 467 supostos elementos da Mafia.

Soviético expulso

O Governo sueco anunciou que vai expulsar um cidadão soviético por «actividades incompatíveis com as suas tarefas oficiais na Suécia», uma frase usada normalmente para significar espionagem.

O homem, que não foi identificado, trabalha como funcionário na missão comercial soviética em Estocolmo e não tem imunidade diplomática, disse um porta-voz do Ministério sueco dos Negócios Estrangeiros.

Continuando a rejeitar sanções

Thatcher apela à África do Sul para a legalização do ANC

A primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, apelou ao governo sul-africano para que legalize o Congresso Nacional Africano (ANC) e liberte o seu dirigente Nelson Mandela.
Numa entrevista à cadeia independente de televisão «TVAM», Margaret Thatcher rejeitou mais uma vez a adopção de sanções contra a África do Sul, argumentando ser fútil tentar forçar Pretória a introduzir novas reformas, ameaçando-a com medidas que, neste caso, não teriam efeito.

Reforçando a sua tese, recordou que «as sanções nunca funcionaram ao longo da História. Também não funcionariam num país como a África do Sul com gigantescos recursos internos, uma economia forte e uma imensa costa marítima».

Advogou que todas as partes em conflito naquele país africano devem cessar a violência para que se possa desenvolver o diálogo.

Mas, segundo Margaret Thatcher, para que esse diálogo tenha êxito, é necessário que, antes dele, o governo de Pretória liberte Mandela e legalize o ANC.

«De certa forma foi como fizemos na Rodésia», disse Thatcher, referindo-se às conversações para a independência que levaram à criação do Zimbabwe em 1980.

A semana passada, Oliver Tambo, presidente do ANC, foi pela primeira vez recebido oficialmente pelo governo britânico.

Os comentários da primeira-ministra britânica sobre as sanções seguem-se às ameaças do presidente zambiano, Kenneth Kaunda, de se retirar da Comunidade britânica, caso não sejam aprovadas medidas contra a África do Sul.

O dirigente oposicionista trabalhista Denis Healey, que a semana passada visitou a Africa do Sul e a Zâmbia, afirmou que Kaunda lhe disse: «Se não conseguirmos aprovar sanções na Cimeira da jcomunidade Britânica nunca mais me quero sentar outra vez à mesma mesa com a primeira-ministra britânica».

«E ele ameaçou também retirar a Zâmbia da comunidade britânica», acrescentou Healey, defendendo que a cimeira de Agosto seria o local ideal para adoptar medidas punitivas contra a África do Sul, o que forçaria Pretória a modificar a sua política racial.

Sindicalistas detidos

Um despacho procedente de Joanesburgo refere que pelo menos 13 negros morreram em incidentes violentos e vários dirigentes sindicais foram detidos no passado fim-de-semana na África do Sul, ao mesmo tempo que o governo de Pretória autorizou um líder negro a falar em público contra possíveis sanções económicas.

Dois dirigentes da maior confederação sindical do país, o Congresso de Sindicatos da África do Sul, figuram entre os sindicalistas detidos no sábado e domingo, informaram fontes da oposição.

Um foi detido numa mina perto de Joanesburgo e outro no aeroporto internacional da mesma cidade.

As leis de excepção e o rigoroso bloqueio informativo impostos pelo governo de minoria branca proíbem que sejam publicados os nomes dos detidos, mas as fontes da oposição indicaram que a detenção dos dois dirigentes parece estar relacionada com a convocação, para hoje, terça-feira, de uma conferência sindical de alto nível.

Segundo o grupo de acompanhamento laboral, o número de sindicalistas detidos ao abrigo do estado de emergência eleva-se a 923, dos quais 183 são dirigentes e 740 são filiados. Estes últimos foram presos quando se declararam em greve de protesto contra as leis do estado de emergência, proclamado em 12 de Junho.

Gorbachev acusa os EUA de bloquear desarmamento

O líder soviético Mikhail Gorbachev acusou os Estados Unidos de obstruir os seus esforços de promoção do desarmamento Leste-Oeste, e criticou os países da NATO por cederem à pressão americana.

Exigindo uma resposta mais cooperante às recentes propostas soviéticas, Gorbarchev afirmou durante o 10.º Congresso do Partido Comunista Polaco que as conversações com os Estados Unidos não avançaram «um centímetro».

Gorbachev sublinhou que o presidente norte-americano Ronald Reagan «removeu os últimos travões da corrida aos armamentos» com a sua ameaça de abandonar o Tratado Salt-2 sobre armas estratégicas.

«É um caso para lamentar que outros governos da NATO, que se distanciam verbalmente dos perigosos extremos da política dos Estados Unidos, se inclinem ao mesmo tempo à pressãao além-atlântico», acrescentou, referindo que esses países têm a sua parte de responsabilidade pela corrida aos armamentos.

Gorbachev afirmou que a União Soviética e os seus aliados do Pacto de Varsóvia ofereceram propostas para um embargo aos testes nucleares, para uma redução das armas nucleares e para a limitação dos níveis das tropas na Europa.

«Parecia ser suficiente», frisou o líder soviético perante os 1800 delegados ao Congresso, realizado em Varsóvia, que considerou que o problema do desarmamento se mantém na mesma devido à obstrução dos Estados Unidos.

«Pedimos ao Ocidente para tratar seriamente as nossas propostas sobre armas de médio alcance e sobre limitação de armas convencionais», disse.

A presença do líder soviético no primeiro Congresso do Partido Comunista Polaco, desde a crise do Solidariedade que levou à instauração do estado de emergência, assinala a aprovação de Moscovo à política do general Jaruzelski, líder do partido e chefe do governo.

Posição dos EUA

Entretanto a Casa Branca confirmou que a União Soviética propôs celebrar uma reunião especial já este mês para debater os efeitos da retirada norte-americana do segundo acordo para a limitação de armas estratégicas (Salt-II).

Albert Brasher, porta-voz da Casa Branca, informou que os soviéticos pretendem que a reunião se realize em Genebra, na Suíça, e sublinhou que a administração norte-americana «está a estudar» a proposta, mas ainda não tomou qualquer decisão sobre ela.

O presidente norte-americano Ronald Reagan anunciou em Maio que os Estados Unidos deixariam de observar em finais do ano o Tratado Salt-II, em virtude da sua decisão de dotar os bombardeiros pesados «B-52» com mísseis «Cruise».

O Salt-II foi assinado em 1979 e embora o Senado dos Estados Unidos não o tenha ratificado, as duas superpotências restringiram os seus arsenais para os níveis estabelecidos no acordo.

Na Itália

Crise de Governo poderá antecipar eleições

A Itália poderá passar a ter um Governo de gestão até à próxima Primavera, quando se realizariam eleições políticas antecipadas — referir hoje analistas.

Esta ilação é tirada pelos comentadores italianos, tendo em vista o estado crítico a que chegaram as relações entre os dois maiores partidos (o da Democracia Cristã e o Socialista) da coligação a cinco que, através do primeiro-ministro, Bettino Craxi, apresentou a sua demissão ao presidente da República.

Apesar dos esforços de intermediação dos outros três partidos minoritários, para os quais não existe uma alternativa à actual fórmula governamental, socialistas e democratas-cristãos continuam a mostrar-se profundamente divididos em relação à questão da chefia do Governo.

Os primeiros reafirmam o princípio de Craxi continuar à frente do Executivo incondicionalmente, enquanto os segundos insistem na ideia de Craxi continuar a ocupar a presidência do Conselho apenas até Outono, após a votação do projecto de lei das Finanças do Governo.

Enquanto o presidente Francesco Cossiga inicia os seus contactos formais com personalidades do mundo político e dirigentes de partidos, uma tomada de posição sobre a matéria, crescem os rumores de que o Chefe de Estado não terá outra solução que não seja a de enviar o Governo demissionário à Câmara de Deputados e ao Senado, para um voto de confiança.

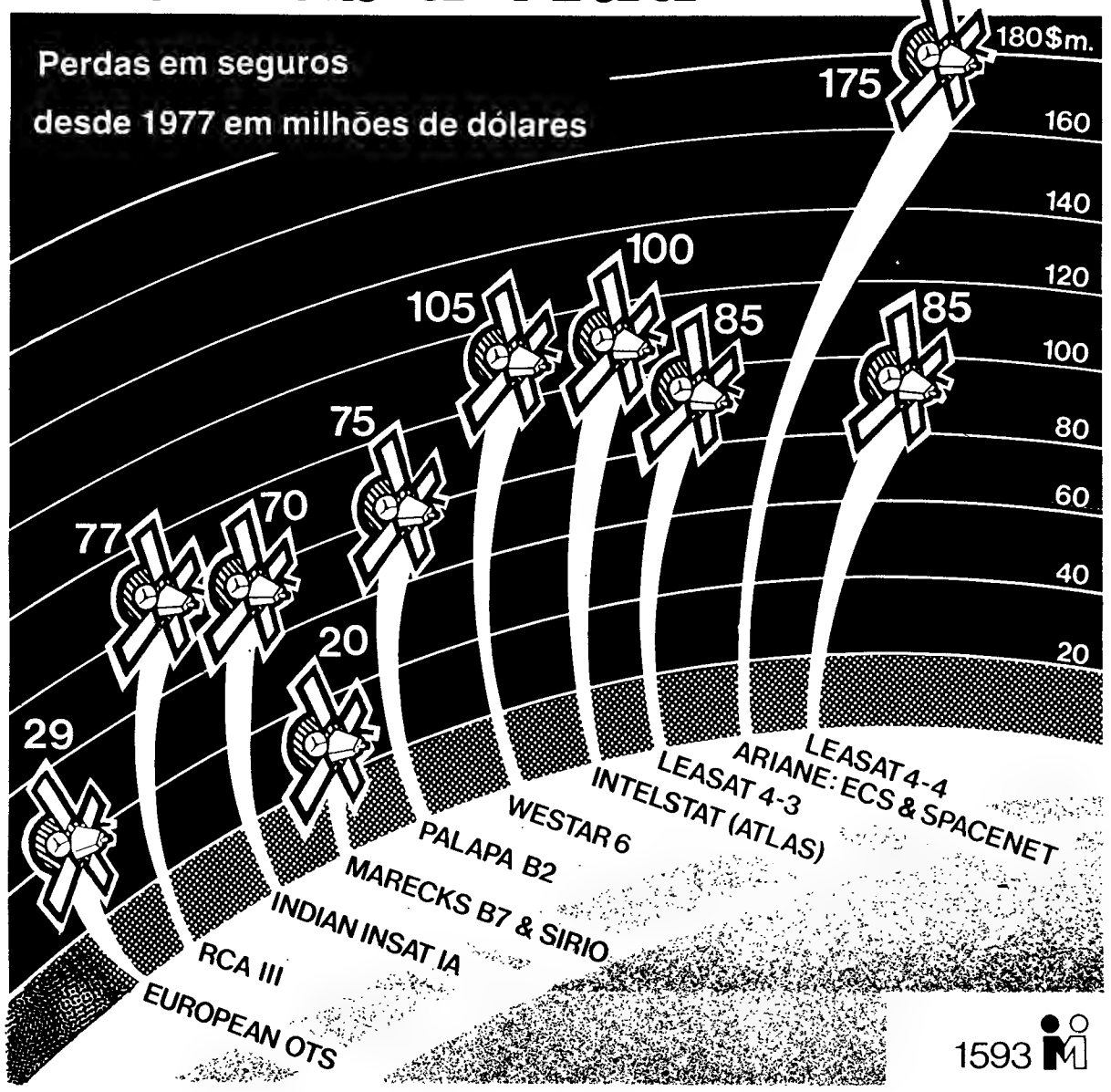
Mas, no ponto a que chegaram as relações entre os dois maiores parceiros da coligação, julga-se que o Governo, cuja composição seria sujeita a algumas alterações — destinar-se-ia apenas a levar a cabo o projecto de lei sobre as finanças e apresentá-lo no Parlamento e preparar o país para novas eleições legislativas antecipadas, que poderiam ser na próxima Primavera.

Uma série cada vez maior de reclamações de direitos em resultado de acidentes com satélites forçou a indústria de seguros espaciais a procurar um melhor equilíbrio entre os prémios e os pagamentos: as perdas nos últimos dois anos ultrapassaram o total das receitas desde 1975. Gemini News Service examina este sector de alto risco do mercado de seguros.

A indústria de seguros deita contas à vida

Radhakrishna Rao
Serviço Gemini News/DL

O negócio dos seguros espaciais teve um ano sombrio. Ao sofrer um aumento enorme de perdas de satélites — nada menos de sete entre meados de 1984 e finais de 1985 — só foi poupado a maiores prejuízos no início de 1986, porque o vaivém espacial norte-americano Challenger, que explodiu ao fim de 72 segundos de voo em Janeiro passado, era propriedade do Estado e não tinha seguro. Este facto salvou o negócio de seguros de ter de pagar pelo pior desastre da história das viagens espaciais. O único seguro ligado à missão Challenger foi uma apólice de seguro de vida no valor de um milhão de dólares da professora Christa McAulife: era oferta de uma firma que esperava assim conseguir alguma publicidade a baixo preço.



Ao determinarem o montante do seguro que estão dispostos a efectuar por uma certa missão, as companhias pesam cuidadosamente diversos factores. Um factor de peso é a escolha do veículo lançador.

A indústria tinha depositado total confiança nos veículos re-usáveis tipo vaivém (shuttle) creditando-os quase como infalíveis.

Um certo número de cargas órbitais lançadas pelos «Shuttle» tinham sido perdidas, mas o vaivém em si não podia ser culpabilizada por essas falhas.

Até agora, as cargas transportadas pelos foguetes «Ariane» de prepulsor líquido não-recupetável da Agência Espacial Europeia — uma ameaça ao monopólio de lançamentos do «Shuttle» — pagavam maiores prémios do que as levadas por este porque não atingiam os recordes do vaivém.

Ainda assim, apesar de três falhas em lançamentos desde o seu início em princípios dos anos 80, o «Ariane» tornou-se cada vez mais fiável e colocou em órbita, com sucesso, mais de duas dezenas de engenhos pertencentes a vários países e organizações. Aliás, encontra-se bem colocado para vir a preencher a lacuna deixada no mercado pelo abortado programa «Shuttle».

Mas já antes do acidente com o «Shuttle» a firma de seguros INTEC, de Washington, conjecturava sobre a drástica subida dos prémios dos seguros de cargas para viagens no espaço.

Onze perdas graves de satélites comerciais entre 1977 e 1985 resultaram num pagamento de seguros que totalizou 752 milhões de dólares, contra um total de receitas provenientes dos prémios de menos de metade dessa quantia.

Actualmente, os fabricantes de satélites rejeitam qualquer responsabilidade pelos equipamentos após estes terem sido entregues aos seus proprietários, mas o presidente da INTEC, James Barret, pretende que sejam os fabricantes a arcar com maior responsabilidade.

Conforme diz Barret, «se os fabricantes tivessem que assumir o risco, isso motivá-los-ia a conseguirem um nível superior de **design** e controlo de qualidade».

O negócio de seguros espaciais, de vários biliões de dólares, começou de forma modesta com uma apólice para o «Intelsat-2», em 1965.

O «Intelsat-4», mais avançado, foi seguro por 102 milhões de dólares em 1982-83 e alguns dos maiores e mais sofisticados satélites comerciais americanos têm ainda valores mais elevados — da ordem dos 200-250 milhões de dólares.

Se o mercado americano movimenta anualmente um valor da ordem dos 150 milhões de dólares de seguros espaciais, as seguradoras londrinas, na sua maior parte organizações da Lloyd's, ficam-se pouco atrás dando cobertura com um rendimento de prémios anuais que atingem os 135 milhões de dólares.

Existem vários tipos de seguros:

● Seguro de terra — cobre uma carga durante o período que vai desde a sua junção ao veículo lançador até se iniciar a contagem decrescente.

● Seguro de voo — a parte mais perigosa da viagem de um satélite sobretudo a sua colocação em órbita quando transportado pelo foguete e a largada inicial.

● Seguro de vida (do satélite) — que indemniza o proprietário do engenho contra qualquer falha em órbita durante um período específico.

Com o crescimento da indústria de satélites, a cobertura dos riscos tem sido diversificada por forma a responder a eventuais necessidades: estão disponíveis em todo o mundo cerca de 40 «pacotes» de diferentes seguros.

Conforme diz Rodney Buckland da firma «Space Business Consultants»:

«Não é como fazer seguros a carros».

Quatro factores tornam os seguros espaciais um empreendimento de certa forma arriscado:

● É uma área relativamente nova sobre a qual há pouca experiência acumulada que possa servir de orientação.

● É uma área de tecnologia de ponta que evolui rapidamente.

● Concentra valores muito elevados relativamente a poucas unidades.

● Os empreendimentos espaciais comportam um grau de risco consideravelmente maior que a dos outros campos de actividade humana.

Em meados de 1985, a perda do veículo espacial «Leasat-4» no valor de 85 milhões de dólares — um satélite comercial utilizado pela Marinha dos Estados Unidos através do «leasing» — devido a perda de combustível, levou o chefe da divisão aeroespacial do grupo segurador «Fangere and Juthean» a comentar: «Tremo só de pensar no que acontecerá se houver outro satélite perdido este ano».

Mas seguiu-se-lhe a falha do satélite de comunicações «Syncom-4» o que significou um prejuízo total de 90 milhões de dólares.

As firmas seguradoras também tiveram que dispender 168 milhões de dólares em resultado do falhanço do «Ariane», de dois satélites de comunicações europeus (ECS-3) e do «Spacenet» — um veículo espacial americano para uso interno.

A falha mais incrível do ponto de vista das seguradoras foi a perda simultânea do «Westar 6» (da Western Union) e do «Palapa-B2» pertença do Governo da Indonésia, depois de um lançamento a partir do «Space Shuttle», no início de 1984.

Apesar de ambos os satélites terem sido posteriormente recuperados numa missão de salvamento do vaivém, as seguradoras tiveram que pagar 180 milhões de dólares. Mas os engenhos ainda vão ser vendidos pelas companhias de seguros. As apólices dos «Westar» e «Palapa» não incluíam qualquer cláusula que desse àquelas empresas o direito aos salvados após o pagamento ser efectuado. Assumia-se pura e simplesmente que um veículo espacial abandonado em órbita era inatingível. Ora os dois satélites, «vítimas» de falhas nos mecanismos propulsores, estavam dentro das possibilidades de recuperação do «Shuttle».

Os especialistas de seguros espaciais estão perplexos pois não descobriram ainda como aferir o balanço entre os prémios e os pagamentos.

O mais recente número da revista «Lloyd's Log» afirma que a paragem nos lançamentos do «Shuttle» significa também uma descompressão num sector que está saturado: «Certamente que as seguradoras vão meditar nas suas escritas. E muitas delas retirar-se-ão deste género de negócio».

Conselheiros insistem

João Rocha recusa continuar na presidência do Sporting

A notícia era esperada, porquanto, em várias circunstâncias, o presidente do executivo «leonino» João Rocha havia demonstrado algum cansaço e os seus familiares, naturalmente fizeram algum esforço no sentido de recusar candidatar-se nas próximas eleições. Ontem mesmo, João Rocha transmitiu ao Conselho Leonino a sua indisponibilidade para prosseguir na árdua missão que, durante vários anos, tem vindo a desempenhar com aprumo, dedicação e reconhecida competência. Naturalmente que Melo Egídio, Jorge Vieira e Mário Garcia, que constituem a comissão nomeada para convencer João Rocha a submeter-se à votação dos associados para novo mandato, não se darão por vencidos na tarefa e irão procurar demover o seu consócio das intenções agora anunciadas. E tanto assim é que o presidente da assembleia geral do grémio leonino Emídio Pinheiro elaborou e tornou público o seguinte comunicado: **«Face à indisponibilidade do presidente João Rocha de aceitar recandidatar-se, o que pessoalmente confirmou, apesar da unanimidade do conselho para reconsiderar a sua decisão, deliberou, o conselho leonino, nomear uma comissão para no prazo de oito dias apresentar candidato(s) para apreciação, sem prejuízo de, mais uma vez, se tentar obter a aceitação da recandidatura de João Rocha».**

Ressalta do teor deste comunicado, de que ainda restam esperanças entre os conselheiros de que João Rocha reconsidere a decisão ora assumida.

MODALIDADES

Hóquei em patins: «play-off» recomeça hoje

Depois das jornadas europeias terminadas com o duplo triunfo de equipas portuguesas nos principais torneios a nível europeu, com o FC Porto a conquistar a Taça dos Clubes Campeões Europeus e a Sanjoanense a chamar a si a Taça das Taças (depois do confronto com o Sporting) volta hoje o «play off» do «nacional» da 1.ª divisão com a realização dos jogos Sanjoanense-FC Porto e Benfica-Sporting marcados para as 21 h 30 nos recintos de S. João da Madeira e da Luz.

Hóquei em campo: selecção em Espanha

A selecção portuguesa de hóquei em campo deslocou-se a Espanha onde realizou uma série de 5 encontros que tiveram como razão principal a adaptação dos portugueses à relva sintéctica. Os nossos representantes venceram (2-1 e 4-1) os encontros realizados perante a turma do Hóquei Clube de S. Miguel (Madrid) e perderam com a selecção «B» de Espanha por 1-6, 1-7 e 0-7.

Pentatlo moderno: Portugal em 3.º lugar

Portugal encontra-se em terceiro lugar, entre doze equipas concorrentes, no final da segunda jornada, a reunião internacional de Barcelona de Pentatlo moderno, qualificativa para os campeonatos mundiais da modalidade, a efectuar na Itália, em Agosto próximo.

Natação: técnico homenageado

O treinador de natação Luís Lopes da Conceição recebeu sábado, no complexo das piscinas municipais de Coimbra, a medalha de mérito que lhe foi atribuída pelo município.

O técnico, ele próprio campeão nacional e quatro vezes internacional por Portugal, ajudou, como monitor e treinador, a formar outros campeões e entre 1954 e 1964 manteve uma escola de natação nas piscinas municipais e fundou o Clube de Natação de Coimbra.

Grande Prémio "Joaquim Agostinho"

Com soviéticos só foram três "leões"

O Grande Prémio Internacional Joaquim Agostinho continua a ser dominado pela inquestionável superioridade dos ciclistas que integram a selecção soviética. Ontem, realizaram-se duas etapas (4.ª e 5.ª, sendo os soviéticos os primeiros a cortar a linha de chegada.

Alexandre Zinoviev venceu ao «sprint» a quarta etapa disputada entre Torres Vedras e Sobral de Monte Agraço, tendo arrebatado a camisola verde ao sportinguista Paulo Ferreira.

Sensivelmente a meio da tarde, Marco Chagas, Sporting, viu-se envolvido numa queda, juntamente com José Passos (Boavista) e Américo Silva (Lousa), e, embora muito ferido, terminou a etapa.

Em caixaria, com oito quilómetros percorridos, o campeão marroquino Najjari Mostafa isolou-se, chegando a conseguir uma avanço de 40 segundos, mas foi apanhado pelo pelotão aos 33 quilómetros.

A ordem de chegada foi a seguinte:

1.º Alexandre Zinoviev, URSS, 1.27,27 horas; 2.º Ivan Romonov, URSS; 3.º Alexandre Ruas, Sporting; 4.º Vítor Rodrigues, Lousa; 5.º Carlos Marta, Lousa; 6.º Jacinto Paulino, Sporting; 7.º Petr Ugrumov, URSS; 8.º Carlos Santos, Lousa; 9.º Baldy John, Genestoux-Suíça e 10.º Paulo Duque Silva, Torreense (todos com o mesmo tempo).

Etapa histórica

A quinta etapa, disputada entre Benavente e Rio Maior, vai ficar na história da prova, pelo inesperado final.

A etapa, disputada em estradas de bom piso e sob forte calor, teve na selecção Soviética e em três corredores do Sporting os seus expoentes máximos, que resumiram os 103 quilómetros da tirada num autêntico contra-relógio por equipas.

A média da etapa, 41,560 km/hora, e a chegada à meta com meia hora de antecedência em relação ao horário previsto, facto aliado ao intenso calor, dão uma ideia do ritmo impressionante imposto pelos fugitivos.

O resultado desta etapa praticamente determinou o vencedor final, por equipas, faltando saber agora, unicamente, qual dos soviéticos vai ser o primeiro na geral individual após a oitava etapa, a disputar amanhã entre Santa Cruz e Torres Vedras, pois embora os três «leões» estejam bem situados para discutir o triundo final individual, não se antevê tal possibilidade, depois do autêntico festival de ciclismo demonstrado até agora pelos ciclistas da União Soviética.

A etapa teve em Paulo Ferreira, do Sporting, o seu primeiro animador, ainda numa rua de Benavente, mas dois quilómetros depois era absorvido pelo pelotão.

Primeiro só com os cinco soviéticos no comando, a puxar, mas depois alternando todos, num autêntico contra-relógio, a distância aumentava progressivamente, tal como os minutos que separavam os dois blocos.

Em Almeirim, atravessada pelos corredores da frente à velocidade de 60 km/hora, a vantagem era de 1.36 minutos, aumentando sucessivamente para dois minutos em Alpiarça e 3 minutos na saída da ponte de Santerém.

No início da subida para Santarém, onde estava instalada a meta de montanha de terceira categoria, foi o Sporting a impor o ritmo, com Marco Chegas a esticar, ganhando alguns metros, e a cortar em primeira lugar, consolidando a sua posição de líder do prémio de montanha.

Na louca corrida em «sprint» para a meta, Romanov conseguiu bater Marco Chagas e Alexandre Ruas, que estavam em melhores condições para discutir entre si o triunfo na etapa mais movimentada do segundo Grande prémio «Joaquim Agostinho».

Classificação dos primeiros na etapa: 1.º, Ivan Romanov, URSS, 2.28.42 horas; 2.º, Alexandr Zinovyev, URSS; 3.º, Marco Chagas, Sporting; 4.º, Alexandre Ruas, Sporting; 5.º, José Xavier, Sporting; 6.º, Sergey Sukhoruchenkov, URSS; 7.º, Petr Ugrumov, URSS; e 8.º, Rikko Suun, URSS (todos com o mesmo tempo do vencedor).

O pelotão cortou a meta com cerca de 10 minutos de atraso.

Classificação geral após a quinta etapa: 1.º, Petr Ugrumov, URSS, 10.13.59 horas; 2.º, Ivan Romanov, URSS a 1.15 minuto; 3.º, Marco Chagas, Sporting, a 2.49; 3.º, Alexandr Zinovyev, URSS, a 6.01; 5.º, José Xavier, Sporting, a 6.12; 6.º, Sergey Sukhoruchenkov, URSS, a 8.46; 7.º, Alexandre Ruas, Sporting, a 8.50; 8.º, Rikho Suun, URSS, a 11.40; 9.º, Vítor Rodrigues, Lousa, a 17.15 e 10.º, Joaquim Neto, Boavista, a 17.18.

A sexta etapa disputa-se hoje entre Arruda dos Vinhos e o Seixal, na distância de 156 quilómetros, com partida às 13.30 e chegada prevista para as 19.00.

Ténis: torneio de Wimbledon

Wilander foi eliminado

O tenista australiano Pat Cash venceu o sueco Mats Wilander por 4-6, 7-5, 6-4 e 6-3, em jogo dos oitavos de final do torneio de Wimbledon.

Na competição feminina, a argentina Gabriela Sabatini venceu a italiana Raffaella Reggi por 6-4, 1-6 e 6-3.

Resultados dos jogos:

Individual masculino/oitavos de final: Henri Leconte (FRA) — John Fitzgerald (AUS) 7-6 (7-1), 6-7 (5-7), 6-2, 6-3; Pat Cash (AUS) — Mats Wilander (SUE) 4-6, 7-5, 6-4, 6-3; Slobodan Zivojinovic (JUG) — Van Rensburg (RAS) 7-6 (7-4), 7-5, 4-6, 7-5.

Individual feminino/oitavos de final: Gabriela Sabatini (ARG) - Raffaella Reggi (ITA) 6-4, 1-6, 6-3; Bettina Bunge (RFA) - Manuela Malleva (BUL) 3-6, 6-2, 6-3; Martina Navratilova (EUA) - Isabell Demongeot (FRA) 6-3, 6-3; Lori McNeil (EUA) - Betsy Nagelsen (EUA) 7-5, 6-1; Evert-Lloyd (EUA) - Kathy Jordan (EUA) 7-5, 6-2 e Helena Sukova (CHE) - Robin White (EUA) 6-3, 6-0.

TOITORRES TOYOTA TORRES VEDRAS TOYOTA

Maradona mostra a «Copa» à multidão delirante

Taça em "segurança"

O troféu do campeonato do mundo de futebol, Taça FIFA, será guardado por uma empresa de segurança até seguir para Itália, dentro de quatro anos, aquando do início do próximo mundial.

A taça, conquistada pela segunda vez pelos argentinos, foi recolhida no aeroporto internacional de Ezeida e transportada num carro blindado.

A selecção ideal

Quatro jogadores argentinos, dois brasileiros, dois franceses e um espanhol figuram na selecção ideal dos jornalistas, segundo um inquérito da agência espanhola EFE.

Entre os eleitos, o mais velho é o guarda-redes belga Jean Marie Pfaff e o mais novo é o avançado espanhol Emilio Butragueño.

A selecção ideal, segundo o inquérito da EFE, é a seguinte:

Guarda-redes: Jean Marie Pfaff, Bélgica, 32 anos; Defesas: Josimar Igino, Brasil, 24 anos; Júlio César, Brasil, 23 anos; Jose Luis Brown, Argentina, 29 anos; Manuel Amoros, França, 24 anos; Médios: Luis Fernadez, França, 27 anos; Jorge Burruchaga, Argentina, 23 anos; Diego Maradona, Argentina, 24 anos; Avançados: Gary Lineker, Inglaterra, 25 anos; Emilio Butragueño, Espanha, 22 anos; Jorge Valdano, Argentina, 30 anos.

Prémios "Fair-Play"

O público mexicano recebe a taça «Fair-Play» e a selecção do Brasil é distinguida com igual prémio por ter sido a equipa mais correcta do mundial de futebol.

Os prémios foram designados pela Federação Internacional de Futebol e são hoje entregues pelo presidente da Federação Mexicana de Futebol, Rafael de Castillo.

O público mexicano sucede como titular da taça «Fair-Play» à equipa do Brasil que em 1982 recebeu o troféu pelo seu comportamento no «Mundial» de Espanha.

Mortos, feridos e detidos

Quatro mortos, numerosos feridos e cerca de 500 detidos é o balanço da noite de celebração pelo segundo título de campeão mundial de futebol pela Argentina.

Em várias cidades argentinas sucederam-se os festejos, que foram aproveitados por bandos de delinquentes para assaltos a estabelecimentos comerciais.

Dos quatro mortos, dois foram alvejados a tiro, um arrastado por um automóvel e o quarto morreu por asfixia, depois de uma crise cardíaca, quando se encontrava entre a multidão.

A Polícia de Buenos Aires informou que cerca de 800 000 pessoas sairam para a rua para celebrar a vitória argentina. Segundo os dados da Polícia foram detidas 492 pessoas, 285 das quais serão processadas judicialmente por diversos delitos.

Anunciado por Fernando Barata

Futebolistas do Farense foram para a Amadora ganhar 600 contos mensais

Os novos corpos gerentes do Sporting Clube Farense para as épocas 1986/87 e 1987/88 tomaram posse em cerimónia que decorreu na sede social do clube.

A assembleia geral, a direcção e o conselho fiscal são presididos, respectivamente, por Cabrita Neto, Fernando Barata e Carlos Ataíde Ferreira.

Fernando Barata acentuou que o clube vai movimentar na próxima época futebolística cerca de 120 mil contos, o que «não se compadece com amadorismo».

Para o presidente da direcção, o espírito de clube deve estar associado ao espírito de empresa, a propósito do que referiu a necessidade de contratação de quadros administrativos e os projectos de um futuro estádio e de um hotel explorado pelo Farense.

Em termos futebolísticos, Fernando Barata disse que o Farense aspira a situar-se a meio da tabela classificativa e que neste momento, feitas já algumas aquisições, necessita ainda de mais dois jogadores e de uma «estrela» para o meio-campo.

Fernando Barata falou das dificuldades que se fazem sentir num sector de futebol, indicando o exemplo de jogadores do Farense que ganhavam 220 contos mensais e que foram recrutados para auferirem 600 contos no Estrela da Amadora.

Dirigente do V. Setúbal na Hungria para «trazer» Meszaros

O secretário permanente do Vitória de Setúbal partiu, ontem para Budapeste, com a missão de tratar de todos os pormenores relacionados com a vinda de Meszaros para a cidade sadina. Entretanto, no dia 11 do corrente, o Estádio do Bonfim abrirá as portas para recomeço dos trabalhos futebolísticos que passarão a ser orientados pelo inglês Allison, cabendo a preparação física ao seu compatriota Roger. Quanto a aquisições e definitiva composição do quadro pensa-se que ainda virá um avançado de origem inglesa cujo nome não foi ainda revelado.

«Fatacil-86»

A equipa francesa de juniores do Racing de Toulon, participa este ano no torneio internacional de futebol júnior «Fatacil-86», a realizar-se entre 22 e 24 de Agosto em Lagoa.

Para além do Racing de Toulon participam no torneio as equipas do Benfica, Torralta, Portimonense e Silves.

Na primeira edição da prova, disputada no ano passado, o vencedor foi o Benfica que bateu, na final, o Torralta.

Torneio «Juventude-86»

O Grupo Desportivo Torralta realiza no corrente mês o torneio de futebol juvenil «Juventude-86», prova que se realiza pelo terceiro ano consecutivo.

A prova deste ano, que se disputa entre os dias 12 e 27 distribui-se pelas categorias de iniciados e juvenis e conta com a participação de nove equipas do barlavento algarvio.

Segundo a organização, este torneio tem como objectivo «captar novos valores para a modalidade e possibilitar aos jovens a prática de futebol durante o período de férias».

Nas duas edições anteriores, a prova movimentou cerca de meio milhar de jovens futebolistas.

Guiné: Sporting conquista título

O Sporting Clube de Bissau é o novo campeão de futebol da Guiné-Bissau, apesar de ter sido derrotado no encontro da última jornada, no domingo, pelo Benfica por 1-0.

O novo campeão totalizou 51 pontos, seguido do Benfica, com 50 e do Clube do Bafata, com 42.

Para o Sporting Clube de Bissau, fundado em 1935, foi o primeiro título alcançado após a independência.

Jugoslávia: título para o Partizan

O Partizan de Belgrado conquistou o título de campeão da Jugoslávia em futebol apesar de no último jogo contra o Zeljeznicar Sarajevo ter registado uma falta de comparência.

A Federação Jugoslava de Futebol anulou os jogos da última jornada há duas semanas e ordenou a sua repetição por se ter confirmado que em sete das nove partidas os resultados foram combinados.

A Agência Tanjug disse que o Partizan faltou ao seu último jogo por não ter o número suficiente de jogadores, mas acabou com 47 pontos, os mesmos que o Estrela Vermelha, tendo conquistado o título pela diferença de golos.

COVA DA PIEDADE:

Tendo assegurado o concurso do treinador Vítor Esmoriz, o Desportivo da Cova da Piedade contratou 10 futebolistas, renovou com 8 e promoveu os juniores Leonel e Zé Carlos. As aquisições são: Mário Rui (ex-Estoril), Álvaro Cruz (ex-Elvas), Baía e Pedro Gomes (ex-Vila Franquense), Paulo Meneses (ex-Farense), Serafim (ex-Olivais), Zé Monteiro (ex-Amadora), Caio Cambalhota (ex-Nacional), Calhau (ex-Amarante) e Diallo (ex-Caldas).

Carlos Resende: pintor salta da Imprensa desportiva

Carlos Resende em boa companhia

Difícil encontrar caso paralelo: Carlos Resende, um jornalista desportivo «doublé» de artista plástico, apresentando trabalhos ao lado de nomes de primeira fila na pintura. Mas, com a inauguração do 1.º Salão de Pintura de Lisboa, localizado no enorme «Amoreiras Shopping Center», ficou criada a galeria de arte «Espaço 2062» que, com o decisivo apoio da «Sunsilk» se propõe, em 500 metros quadrados, levar até junto da mais ampla plateia os trabalhos de quantos artistas desejarem (sem o menor dispêndio) expor obras para o juízo mais consciente de quem entende de cultura.

Na «vernisage» juntou-se gente muito conhecida: Maluda e Real Bordallo, Jorge Neto e Manuel Vieira, Tomaz de Mello (Tom) e Luís Lobato, Abell Mata e João Califórnia, Melina e José Ribeiro, José Manuel Soares e Carlos Resende (expositores admirados e aplaudidos) num cerco de amigos que também aplaudiam obras de Alberto de Sousa, Américo Taborda e Silva Lino (pintores homenageados), de J. Contreras e Filipe Cappeluni (clássicos de renome) do japonês Watanuki e outros artistas que se debruçaram sobre o tema Lisboa nas suas multiformes facetas.

Microscópio

Golfe: Daniel Silva muito bem entre os «Europeus»

A selecção de golfe amador da Grã-Bretanha/Irlanda conquistou a Taça «Saint Andrews», apesar de vencida por 7-5 na segunda e última jornada.

Na primeira jornada da prova, que se efectuou sexta-feira em Halmstad, na Suécia, tal como a segunda, a selecção da Grã-Bretanha/Irlanda ganhou por 9-3, pelo que o seu triunfo final se cifra em 14-10.

Da equipa da Europa continental faz parte o português Daniel Silva que, com um «drive» de 272 metros, venceu o concurso da pancada mais comprida, integrado na realização da taça «Saint Andrews».

Em segundo lugar, com menos 15 metros do que Daniel Silva, classificou-se o sueco Peter Tergergard.

Máximos

O nadador alemão-federal Michael Gross, de 22 anos, melhorou o seu próprio recorde de mundial dos 200 metros mariposa ao conseguir o tempo de 1.56,24.

O anterior máximo era de 1.56,65.

A partir do dia 8

III Festa de Teatro de Almada

Entre o dia 8 e o dia 23 deste mês tem lugar a «III Festa de Teatro de Almada», organizada como é habitual pela Companhia de Teatro de Almada-/Grupo de Campolide, com a colaboração da Câmara Municipal local.

Este ano a Festa contará com a participação de mais de quinze grupos profissionais e amadores. Entre outras, poderão ser vistas representações do Teatro Nacional, do TEAR, Centro Cultural de Évora, A Barraca, Teatro Experimental do Porto, O Bando e das Marionetas de S. Lourenço, além das participações de grupos amadores vindos de vários pontos do País.

Serão apresentadas peças de autores como Almeida Garrett, Gil Vicente, António José da Silva, Camões, Camilo Castelo Branco, Molière, Marivaux, Jorge Amado e Alfonso Sastre, entre outros.

Paralelamente à apresentação de espectáculos de teatro, foi elaborado um vasto programa de animação da zona velha de Almada, que incluirá uma Feira do Livro de Teatro, exposições de pintura, feira de artesanato, fantoches, actuações de bandas de música e recitais de poesia. Uma das noites da Festa contará, também, com a participação do Coro da Academia dos Amadores de Música.

Uma das particularidades desta «III Festa de Teatro de Almada» é que a maioria dos acontecimentos desenvolvem-se ao ar livre, na zona velha da cidade, praticamente desconhecida dos moradores dos novos bairros urbanos.

Festival da Figueira da Foz já tem cartaz

Guida Maria dos Santos Teixeira, aluna da ESBAL, foi a vencedora do concurso do cartaz para o Festival da Figueira da Foz 1986 — informou fonte do Festival.

Foram ainda atribuídas quatro menções honrosas, das quais duas a Luís Beato, artista gráfico de Lisboa, e as restantes a Orlando José Gaspar, aluno da António Arroio, e a Sofia Lucas, também aluna da ESBAL.

O júri, que esteve reunido quinta-feira, era constituído por Manuel José Gascão Nunes, da Secretaria de Estado do Turismo, João Nunes, da Cooperativa «Árvore» do Porto, Vítor Manuel Simões, do «Arco», Fernando Azevedo, da Fundação Calouste Gulbenkian, Tulia Saldanha, do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Maria Luísa Meira, do IADE e Fernando Calhau, da Secretaria de Estado da Cultura.

Dos 195 trabalhos apresentados a concurso, o júri seleccionou 39 que serão mostrados em Lisboa, Coimbra, Figueira da Foz, Porto, no âmbito da Bienal de Vila Nova de Cerveira e no Funchal.

Em Lisboa, a exposição realiza-se às 19:30 horas do dia 9 de Julho na Galeria da Cervejaria Trindade, sendo na ocasião entregue o prémio pecuniário no valor de 100 contos à vencedora do concurso.

O Festival, que este ano terá lugar entre 11 e 21 de Setembro, tem garantidos diversos programas, nomeadamente um de novíssimos realizadores da Alemanha Federal e outro de cinema de autor da Índia, no campo das longas- metragens.

Nas curtas-metragens haverá dois programas dos Estados Unidos, um da Áustria e outro de cinema da Galiza.

FERA e IPC continuam em "guerra"

O Secretariado da Federação Europeia de Realizadores de Audiovisuais (FERA), reunida em Munique, acusou o Instituto Português de Cinema de «ter mais preocupações burocráticas» que verdadeira vontade de promover e divulgar o cinema português».

Em comunicado, a FERA, que representa cerca de 5500 realizadores europeus, refutou as afirmações feitas pelo IPC, segundo as quais a responsabilidade pela anulação da iniciativa «Uma Janela Aberta sobre Portugal» seria dos organizadores em Bruxelas.

A FERA denuncia a «lamentável atitude de hostilidade do IPC que tentou ocultar as responsabilidades que lhe cabem, dissimulando as faltas graves de um organismo cujas atribuições incluem o dever de manter e promover o cinema português».

«O IPC fechou as portas ao que poderia ter sido uma «Janela Aberta sobre Portugal» — salienta o Secretariado da FERA.

A iniciativa, que incluia a exibição de 23 filmes de longa metragem portugueses, 14 dos quais de realização recente, em Bruxelas, onde estava prevista decorrer «Une Fenêtre Ouverte Sur le Portugal» de 5 a 15 de Junho foi anulada, segundo a FERA, entidade organizadora, «dado o envio tardio do material por parte do IPC».

Brasil e Cuba assinam contrato para distribuição cinematográfica

O primeiro contrato comercial entre o Brasil e Cuba após o reatamento das relações diplomáticas foi assinado quinta-feira entre a distribuidora cinematográfica Caribe Comunicações e o Instituto de Cinema Cubano.

A Caribe Comunicações, pertencente ao cineasta brasileiro Nei Srolevitch, ficou com o exclusivo da distribuição no mercado brasileiro dos filmes cubanos.

Srolevitch referiu que, durante o regime militar brasileiro, as relações culturais entre os dois países nunca foram efectivamente rompidas, tendo-se mantido sempre um intenso intercâmbio artístico.

Acrescentou que as telenovelas brasileiras alcançaram grande êxito em Cuba, em particular «Escrava Isaura», cuja protagonista, Lucélia Santos, foi recebida pelo presidente Fidel Castro.

Srolevitch sublinhou igualmente que os dois povos têm uma forte componente africana e recordou que os escravos da tribo Urubah foram enviados apenas para o Brasil e para Cuba.

«O passo do presidente Sarney vem fazer justiça histórica, unindo legalmente dois países que sempre estiveram intimamente ligados», disse Nei Srolevitch ao enaltecer o recente reatamento das relações diplomáticas entre o Brasil e Cuba.

O actor Mário Lago, ao comentar o reatamento das relações diplomáticas, afirmou que o Brasil e Cuba têm muito a aprender um com o outro, tanto no campo político, como comercial, diplomático, cultural e artístico.

Mário Lago referiu ainda que Cuba organiza diversos concursos internacionais de literatura e artes plásticas, cujos júris incluem brasileiros, como o escritor António Calado e o compositor Chico Buarque de Holanda.

Gunter Grass contra declarações de Vargas Llosa

O escritor alemão Gunter Grass acusou Vargas Llosa de ter ofendido Gabriel Garcia Marquez quando afirmou que ele é uma «cortesa» de Fidel Castro.

Grass afirmou que as palavras do escritor peruano Vargas Llosa, pronunciadas em Nova Iorque, são um escândalo e constituem uma ofensa idêntica às que fazem por vezes os países de Leste quando pretendem eliminar alguém.

Depois de sublinhar que também «os nazis falavam de forma semelhante», acrescentou que «Vargas Llosa pôs de lado a sua elegância e o seu estilo».

«Vargas Llosa disse também em Nova Iorque que se na América Latina se fizessem eleições honestas e se perguntasse aos intelectuais se queriam uma democracia ou uma ditadura, a maioria pronunciava-se pela ditadura», recordou Gunter Grass, para classificar estas declarações de «monstuosa falta de vergonha, que o desqualificam como um interlocutor válido».

O escritor alemão referiu que conhece um grande número de escritores latino-americanos, muitos deles exilados, e que todos são partidários da democracia.

Grass referiu que Vargas Llosa também disse que «nos países de Leste os escritores ou escrevem sobre aldeias ou são dissidentes», o que considerou uma ofensa para muitos autores, por exemplo o soviético Rasputin e Christa Wolf da República Democrática Alemã.

Acrescentou que poderia citar mais nomes de escritores que não se enquadram em nenhuma das duas categorias e intimou Vargas Llosa a retirar publicamente as suas ofensas, «pois se o não fizer deixará de ser para mim um interlocutor válido».

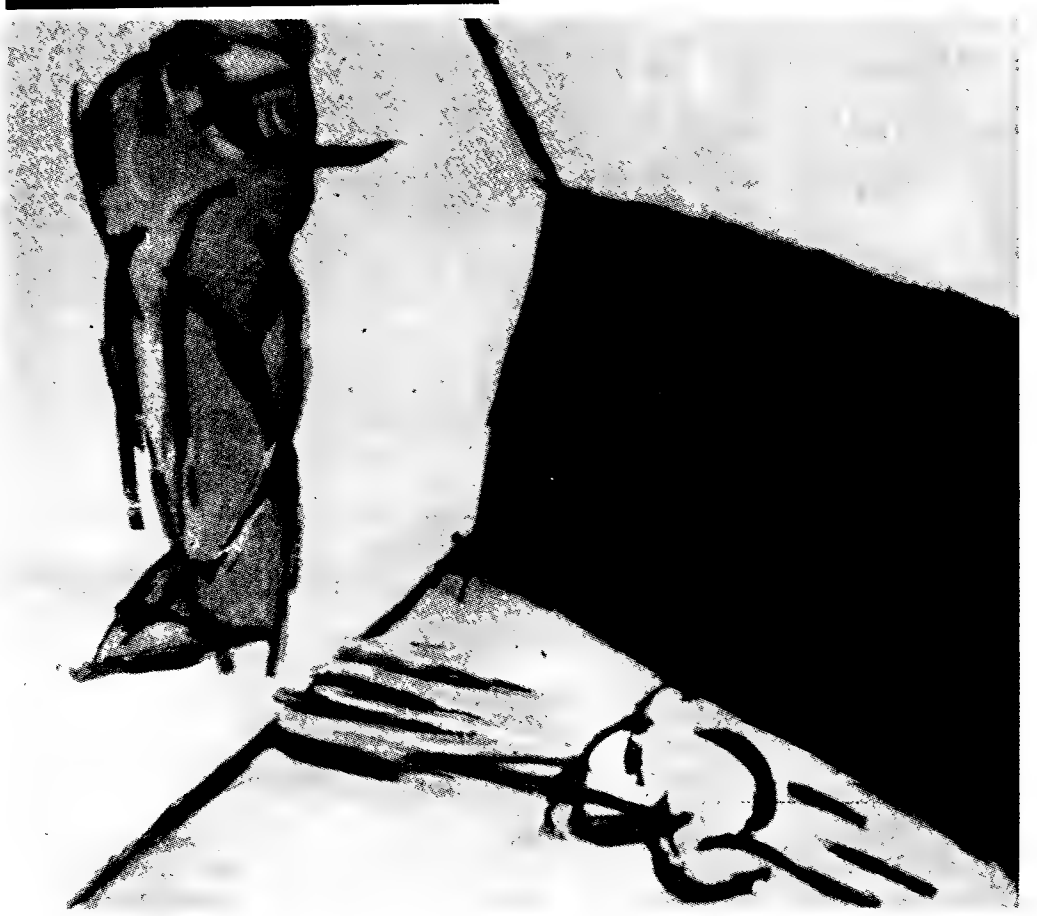
Grass, que está a participar em Hamburgo no Congresso da Federação dos Pen-Clube, confirmou que vai retirar-se para a Índia, para Calcutá.

Tendo-lhe sido perguntado porquê a Índia e não a América Latina, por exemplo, Grass respondeu que pretende fazer uma pausa na sua vida e conhecer experiências fora do centro cultural cristão-europeu Ocidental.

«Para mim, ir para a Asia é em primeiro lugar a possibilidade de ver de longe os problemas da Europa, e a forma centrista de considerar estes problemas, perigo que detectei de vez em quando em mim próprio e que me faz sair daqui», afirmou o autor de «O Tambor».

Um discurso sonegado

Porfírio Alves Pires



O descuido no acto de pintar é só aparência. Mas mesmo que ele seja, que seja total e efectivamente descuidado esse acto de pintar, o que é certo é que a sua pretensão é atingida.

A história que cada um dos fotogramas deste conjunto dá a história do todo. De tela para tela a mudança é imperceptível e e vai afirmando a história narrada, singela e complexa. Tudo se passa entre uma figura (um símbolo) vertical e uma figura horizontal. À volta delas, e elas dentro, organiza-se um espaço sem saídas, murado, sem hipótese. Complacente, expectante a figura vertical, quase sempre. Encaracolada, indefinida, esquissada e agressiva a figura deitada. Entre elas o contacto é meramente posicional: uma ameaça em gesto suspenso. Uma marcação empobrecida de cores (azul, branco, preto) acentua a frieza e as agressividade da cena. **Artur Varela** pinta assim. E depois?

Utilizemos a primeira pessoa: não sou seduzido. Esta pintura tem pouco a ver com esta primeira pessoa. Vou ser franco: não agarro esta pintura. Mas tenho que o dizer também: sinto-me agarrado. É um **não** e um **sim** entrecortados.

Na pintura de **Artur Varela** gosto dos espaços, quase da cor e seduz-me o seu vigor expressivo. Na pintura de Artur Varela não gosto da expressão brutalista que a sublinha e, no entanto, ela é necessária às primeiras.

Esta exposição na galeria Ana Isabel, tem qualquer coisa de minguamento das formas e da cor, enrobado num pintar barroco. Quero dizer que se sente um pintar excessivo, um agitar do estar pintando com a finalidade de minimizar as resultantes. Uma espécie de muito erguer para pouco levantar; um discurso sonegado pelo silêncio imposto e a vitória do não-dito.

"Os Sapatinhos" de Tchaikovski calçados em "Noite de Natal" de Gogol

A ópera «Os Sapatinhos», de Piotr Tchaikovski, baseada no conto de Gogol «Noite de Natal» e inspirada na música folclórica russa, subiu à cena no «Teatro Lírico Stanislavski-Nemirovitch Dantchenko» com uma nova encenação de Yoakim Charoev.

A peça, que está a obter um nótavel êxito entre o público e a crítica, tem como principais intérpretes Lidia Tchernykh, Viatcheslav Marutaiev, Larissa Kurdimova e Leonid Boldine.

«Trabalhamos em 'Os Sapatinhos' conscientes de se tratar de duas obras-primas da cultura russa: um conto de Gogol e uma ópera de Tchaikovski», diz Charoev sublinhando que Nikolai Gogol figurava entre os escritores preferidos do compositor que relia frequentemente os seus livros e assistia às representações das suas peças tendo participado na qualidade de encenador e intérprete em várias comédias de Gogol montadas por artistas amadores.

«O espírito da prosa gogoliana reflecte-se na música de 'Os Sapatinhos'; o humor e o lirismo, o carácter folclórico e o realismo, o fantástico e o quotidiano, tudo isso é revelado com vigor na partitura de Tchaikovski. Tentamos encarnar tudo o que de melhor têm as obras do escritor e do compositor», frisa Yoakim Charoev.

Um concurso

A obra foi criada por Tchaikovski no âmbito de um concurso promovido em 1871 pela Sociedade Musical Russa que pedia uma ópera baseada no conto de Gogol «Uma Noite de Natal». O compositor concorreu com «Vakula, o Ferreiro» que o júri, integrado por Rimski Korsakov, Eduard Napravnik e Anton Rubinstein, atribuiu, por unanimidade, o primeiro e segundo prémios.

Montada em 1876 no Teatro Mariinski, (actual Teatro Kirov de Leninegrado), tendo obtido um grande êxito. Dez anos mais tarde o autor, sempre muito exigente consigo próprio, introduziu algumas modificações na partitura e deu um novo título ao trabalho: «Os Sapatinhos».

A estreia desta segunda versão da obra decorreu no Bolchoi, em 1887, com novo e estrondoso êxito. Tchaikovski dirigiu pela primeira vez a orquestra durante uma representação das suas obras.

O conto de Gogol tem por cenário a aldeia ucraniana de Dikanka e as personagens principais são uma linda e caprichosa jovem, a feiticeira Solokha, o seu filho Vakula, o Ferreiro, e o Diabo que quer, a todo o custo, castigar o filho de Solokha por este o ter representado na Igreja sob um aspecto tão hediondo que até os outros diabos troçavam dele, no inferno.

A noite de Natal é uma excelente ocasião para a vingança, pensa o Diabo. Vakula vai encontrar-se com a sua bem-amada, Oksana, e Satanás decide apagar a luz da lua e das estrelas e desencadear uma violenta tempestade.

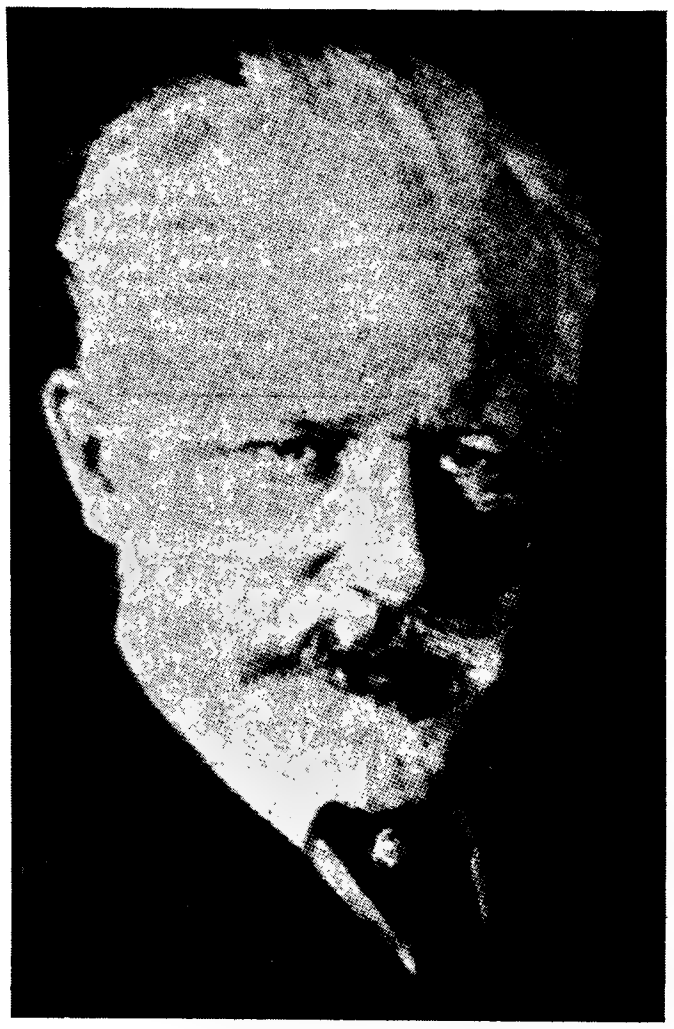
Na rua, os jovens festejam. Entre eles está Oksana que promete solenemente casar com Vakula se este conseguir arranjar um par de sapatos da czarina.

O Ferreiro fica seriamente embaraçado com o pedido mas o Diabo acaba por ir em seu auxílio. Antes do nascer do sol os dois chegam a São Petersburgo, conquistam as boas graças da czarina, conseguem um par dos seus sapatos e regressam a Dikanka. Entretanto, Oksana que pensava que o seu amado tinha morrido, fica tão feliz por vê-lo de novo que aceita desposá-lo mesmo sem os sapatos...

A encenação de Charoev apresenta soluções notáveis para esta peça fantástica e de grande comicidade, nomeadamente para o passeio da feiticeira e do diabo pelos céus nocturnos a fim de fazerem desaparecer a lua e as estrelas. As salas do palácio do czar surpreendem pela magnificência, os trajes folclóricos dos habitantes da aldeia, as roupas majestosas dos membros da corte imperial e o vestuário fantástico do Diabo e dos diabretes são deslumbrantes.

Momentos altos da peça são as danças executadas pelos Zaporegues, no palácio, e pelos diabretes na casa da feiticeira.

A nova encenação desta ópera centenária, baseada num tema com mais de 150 anos, surpreende, escreve a crítica, pela vivacidade, a expressividade e a juventude.



Tchaikovski

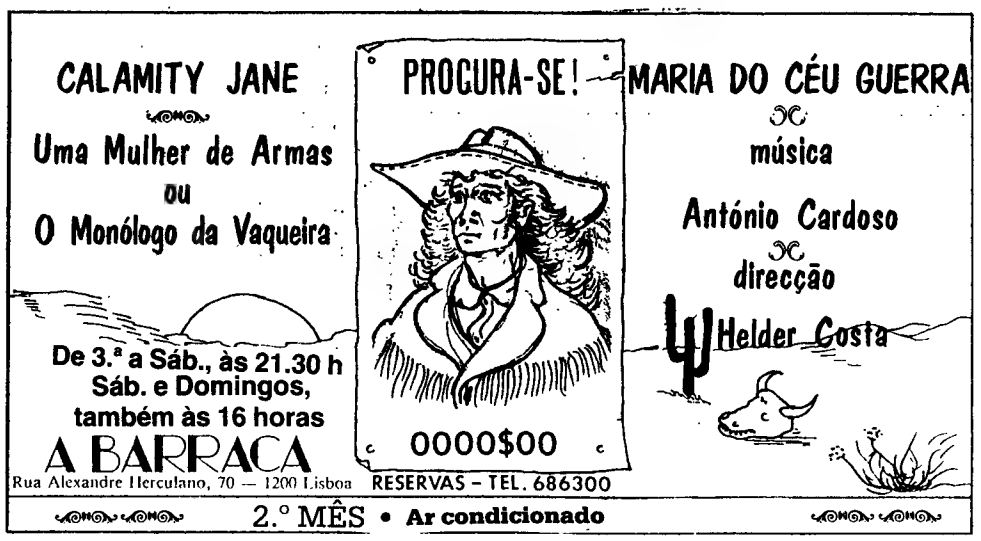
Moscovo tem nova orquestra sinfónica

A «Pequena Orquestra Sinfónica de Moscovo» acaba de ser criada na capital soviética sob a direcção do antigo maestro do Bolchoi, Iuri Simonov.

Sessenta e cinco músicos fazem parte do novo colectivo musical, seleccionados entre os 350 candidatos que se inscreveram no concurso de admissão, realizado em finais de 1985.

A orquestra, cujo repertório integra as melhores obras de autores clássicos e contemporâneos russos e estrangeiros, dividirá a sua actividade entre a realização de concertos em pequenas salas moscovitas e «tournées» pelas mais recônditas regiões da URSS.

Um dos grandes objectivos da «Pequena Orquestra Sinfónica» segundo Iuri Simonov, é o de inculcar o amor pela música no maior número possível de jovens pelo que nos seus espectáculos haverá reservas permanentes para os estudantes das universidades e escolas de Moscovo. (NOVOSTI)



TEATRO CULTURAL

O artista SAM, durante a inauguração da sua exposição

Exposições

• Entre as 10 e as 19.30 horas, está patente ao público, nas instalações da «Altamira» (R. Filipe Folque, 48-A), em Lisboa, uma **exposição de esculturas de SAM.** A mostra pode ser visitada até ao dia 17 deste mês.

• Termina amanhã a exposição do escultor moçambicano **Alberto Chissano** na Galeria de Arte do Casino do Estoril, que pode ainda ser visitada entre as 15 e as 24 horas.

• É inaugurada pelas 18 horas a exposição do concurso de cartazes referentes ao filme **Onde Vais Tu Esta Noite?,** no Instituto Franco-Português. O protagonista da média metragem é o cantor e compositor Jorge Palma, e trata-se de uma simbiose de documentários e ficção da vida do autor de «Deixa-me Rir», dirigida por Américo Firmino.

• Na sala de exposições das Arcadas do Parque, no Estoril, **Isabel Neves** inaugura esta noite, pelas 21.30 horas, a sua exposição de tapeçarias e batiks.

• Outra inauguração tem lugar ainda hoje, mas na Casa da Cultura das Caldas da Rainha. Trata-se da exposição **Cenografia para Teatro,** de Fernando Filipe. A mostra é composta por cerca de 30 maquetas e cenários da autoria daquele artista e ficará patente até ao dia 13.

Música

• Interregno nas comemorações do 34.º aniversário da Força Aérea Portuguesa realiza-se esta noite, a partir das 21.30 horas na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa um concerto durante o qual a **banda da Força Aérea,** dirigida pelo maestro capitão Mário Marques interpretará as obras «Finlândia», poema sinfónico de Sibélius; «An Original Suite», de Gordon Jacob e «Nobody's fool», de «Scherzo» de Pi Scheffer, entre outras. A entrada é livre.

• **Fernando Pereira e a sua banda** vão estar pela primeira vez na ilha da Madeira, num conjunto de Vários espectáculos a realizar a partir de hoje e até dia 7. Esta digressão coincidirá com as comemorações do dia da região, em que estarão presentes entre outras individualidades o sr. Presidente da República, dr. Mário Soares, e a sua comitiva. Fernando Pereira, que se deslocará com todo o seu pessoal e equipamento, vai actuar, nomeadamente, no Teatro Baltasar Dias (Teatro Municipal) na sexta-feira, dia 4 e, nos dias 5 e 6, respectivamente, nos pavilhões gimnodesportivos do Funchal e Machico, tendo como artista local convidado o cantor Luís Filipe.

Conferências

• **L'Evolution du Parlement Européen et les Perspectives de la Communauté** é o tema da conferência que o dr. Francesco Pasetti Bombardella, jurisconsulto do Parlamento Europeu, pronuncia esta tarde, pelas 18 horas, na Sociedade de Geografia de Lisboa.

• O escritor **Orlando Gonçalves,** que acaba de publicar o romance «Os melros cantam na Primavera», vai debater o seu livro nas «3.ªs Feiras da SLP» de hoje, às 18.30, no Auditório Dois da Sociedade de Língua Portuguesa (Rua de S. José, 41-2.º). Orlando Gonçalves, também jornalista, dirigie desde há muito o jornal «Notícias da Amadora», intimamente ligado ao movimento de que resultou a promoção da Amadora a cidade e concelho. A entrada é livre.

Uma cena do filme «Nova Iorque fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização/Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
PLENTY – UMA HISTÓRIA DE MULHER
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
13.30, 16.15, 18.45, 21.30 e 00.15 h

Alfa Club
T. 763319
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
PLENTY – UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70
VIVER EM MORRER EM LOS ANGELES
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila
— T. 539930

GANDHI
(maiores 12 anos)
14.45, 18.15 e 21.45 h

Avis
— T. 547163

A HISTÓRIA DE JOANA
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00 e 21.30 h
Contém cenas chocantes

Berna
— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358

AS 1001 NOITES EROTICAS
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

OS AMANTES DE MARIA
(maiores de 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824

AMANTES DE VERÃO
(não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194

OS COMANDOS DE S. MAJESTADE
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 21.30 h

Cinemateca
DER KONGRESS TANZT/1931
(legendado em português)
18.30 h
DIE FRAU MEINER TRAUME/1944
(legendado em português)
21.30 h

Cine 222
— T. 579460

LAGOA AZUL
(não acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA
(não acons. men. 18 anos)
24 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
LOUCURAS NA NEVE
(maiores 12 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sheza
ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES

City Cine
— T. 549999

CHRISTIANE F.
(int. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
LAGOA AZUL
(não acons. menores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523

EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Éden
— T. 320768

GIGANTES EM DUELO
(não acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

1941 — ANO LOUCO EM HOLLYWOOD
(maiores 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

UM AMERICANO EM BERLIM
(maiores 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
A ÚLTIMA REPORTAGEM
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Fórum Picoas
— T. 541037

MUNDIAL/86
Recordando Mundial 66
21.30 h

Gemini
— T. 734009

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
A EXPERIÊNCIA DE FILADÉLFIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Império
— T. 555134

FIRE FOX
(interdito menores 13 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
ABSOLUTE BEGINNERS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

ABSOLUTE BEGINNERS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. menores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362

ENCERRADO PARA FÉRIAS
Até 1 de Julho (inclusivé)

Odeon
— T. 326283

PRISIONEIROS DO UNIVERSO PERDIDO
(int. menores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309

ESTÍMULO SEXUAL
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

O PELOTÃO CHANFRADO
(não acons. men. 13 anos)

Politeama
T. 326305

MENINAS BEM
(não acons. men. 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O CASAMENTO DE MARIA BRAUN
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O DUETO DA CORDA
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2
«PSICO»
(maiores 17 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O TOURO ENRAIVECIDO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
BALBÚRDIA NO OESTE
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4
OS MARGINAIS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
ROLLING STONES (A Memória do Cinema
(maiores 16 anos)
23.30 h

N'Gola
— T. 573407

ENCERRADO PARA OBRAS

Restelo
T. 610375

ENCERRADO

Cinema Rex
— T. 864756

DESFORRA DO VIETNAM
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192

A MAÇÃ
(não acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

ENIGMA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
007 – OPERAÇÃO RELÂMPAGO
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715

O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

2001 ODISSEIA NO ESPAÇO
(não acons. men. 13 anos)

Xenon
T. 368480

AMERICANA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

PRESTÍGIO REAL
(não acons. men. 12 anos)
(filme indiano)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio – «África Minha», às 15.30 21.30 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Cineteatro Lido — «justiceiro de Nova Iorque», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «O Jogo do Falcão», às 15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Babilónia — «Outland — Atmosfera Zero», às 15.15, 18.30 e 21.30 h

ESTÚDIO DOIS EME — «A Lenda da Floresta», às 21.30 h (maiores 12 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — «Era Uma Vez na América», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «A Jóia do Nilo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Em Busca da Esmeralda Perdida», às 15.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)

CASCAIS – Miramar/Sala 1 — «África Minha», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Experiência de Filadélfia», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS – Atlântida Cine — «Ano do Dragão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Oxford — «África Minha», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 16 anos)

Arredores

ALMADA — Incrível — «1990 – Guerreiros de Bronx», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

ALMADA — Academia — «Amor e Sangue», às 15.30 e 21.30 h (maiores de 12 anos)
ALMADA — Cinestúdio Almada — «Jovens Guerrilheiros», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano – Sala 1 – «Pela Noite Dentro», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 12 anos).
Sala 2 – «Don Camilo», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CRUZ DE PAU – Lord – «Máscara», às 16.00 e 21.00 h (maiores 12 anos)
BARREIRO – Cinestúdio Barreirense – (Encerrado)
LINDA-A-VELHA, «A noite do Espanto», — às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ODIVELAS – Cineodivel — «A Baía do Ódio», às 18.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)

Cineoceano – «A Experiência em Filadélfia», às 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

TRAFARIA – Pavilhão Jardim — «Chamavam-lhe o Buldozer às 16.00 e 21.30 h (maiores 6 anos)

MOSCAVIDE – Stop – Encerrado para férias

Farmácias

PERMANENTES

ALFAMA — Costa — Rua Escola Gerais 88 A (Tel. 863940); **ALTO SANTO AMARO — Tapada** — Cç. da Tapada 83 A (Tel. 634721); **ALVALADE — Belo** — Av. Roma 53 A (Tel. 776314); **BENFICA-PORTAS BENFICA — Progresso** — Est-A-Damaia 64 C (Tel. 702226); **CAMPO D' OURIQUE — Porfírio** — Rua Francisco Metrass 59 B (Tel. 663349); **CAMPO PEQUENO-APOLO 70 — Campo Pequeno** — Av. Júlio Diniz 10 LJ 18-19 (Tel. 771661); **CHILE-ALTO SÃO JOÃO — Vitalis** — Rua Morais Soares 69 C (Tel. 841779); **LICEU PEDRO NUNES — Janeiro** — Av. Alvares Cabral 96-100 (Tel. 661453); **LUMIAR — São Tomé** — Est. do Desvio Lote 12 C (Tel. 790704); **OLIVAIS — Antunes Rosas** — Pc. Cidade do Luso Lt. 199 (Tel. 313610); PEDROUÇOS — Soc. Higilux — Rua Pedrouços 50-52 (Tel. 610280); **ODIVELAS-PATAMEIRAS — Amaral** — Rua Antero Quental 8-8 A (Tel. 9825455); **PONTINHA — Pontinha** — Est. Santo Eloi 4 Lt. SE (Tel. 990220).

REFORÇO

AMOREIRAS-CAMPOLIDE — Pinto — Rua Campolide, 11 (Tel. 682610); **AREEIRO-APEADEIRO — Ideal** — Av. Alm. Gago Coutinho 49 A (Tel. 892803); **CAMINHOS FERRO — Alves Carvalho** — Rua Vale Santo António 7-9 (Tel. 840125); **CAMPO GRANDE — Nova Iorque** — Av. Estados Unidos América 140 B (Tel. 760658); **ENCOSTA RESTELO-MOINHOS — Tanara** — Rua Rodrigo Reinel 3 A (Tel. 611814); **INFANTE SANTO-PAMPULHA — Infante Santo** — Rua Olival 290 (Tel. 661003); **PICHELEIRA — Marluz** — Cç. Picheleira 140 BC (Tel. 880703); **Marluz** — Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **ROSSIO — Estácio** — Rossio 60-63 (Tel. 327067); **S. BENTO-PALÁCIO — São Bento** — Rua Poiais S. Bento 73 (Tel. 601673); **SALDANHA — Saldanha** — Av. Praia Vitória 53-55 (Tel. 543938); **SANTA BARBARA — Romano Baptista** — Rua Passos Manuel 6-10 (Tel. 570593); **SETE RIOS — Canto** — Est. Laranjeiro 202 B (Tel. 724841); **BRANDOA-AMADORA — Brito** — Rua do Colégio Lote 32-B (Tel. 993351); **BURACA-AMADORA — Vaz Martins** — Rua António Ferro 6 A (Tel. 970660); **OLIVAL BASTO — Nova** — Rua Açores 11 A (Tel. 4810305); **PRIOR VELHO — Matos** — Tv. Prioras (Tel. 2519939).

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Jardim — Av. Conde Oeiras, 120 Reboleira (T. 4938424) Perm.; **Confiança** — Av. D. Nuno Álvares Pereira (T. 4938149) Até às 22 h; **DAMAIA — Lemos** — R. de Goa, 21-A (Tel. 971121) Perm.; **QUELUZ — Simões Lopes** — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123) Até às 22h; **CAMARATE — Flores** — Av. Forças Armadas V. Mor Catujal (Tel. 2510850) Até às 19h; **CACÉM — Guerra Rico** — Av. Bombeiros Voluntários (Tel. 9244002) Perm.; **MEM MARTINS — Cristina** — Av. Vitorino Nemésio, 14-A (Tel. 2918820) Perm; **MERCÊS — Claro Russo** — R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275) Até às 22 horas; **RIO DE MOURO — Rionouro** — Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (Tel. 9260194) Até às 22 h; **SINTRA — Teresa Garcia** — L. D. Afonso, 3-A (Tel. 9232747) Perm.; **COLARES — Abreja** — (Tel. 9290088); **S. PEDRO DE SINTRA — Valentim** — (Tel. 9230456) Perm.

OUTRAS FARMÁCIAS

MOSCAVIDE — Pedro Gomes — B.º 25 Abril, lote 13 (Tel. 2519670) Perm; **SACAVÉM — Cortes** — Av. M.ª Luísa Braamcamp 2-A (Tel. 2519420) Até às 22 h; **LOURES — Sálvia** — Av. República, 29 (Tel. 9831240) Até às 22h

OUTRA BANDA

ALMADA — Reis — R. Comandante António Feio, 19 (Tel. 2750504) Per.; **COVA DA PIEDADE — Avelar da Silva** — R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (Tel. 2750337) Perm; **COSTA DA CAPARICA — Chai** — Av. General Humberto Delgado (Tel. 2403218) Até às 19h. **(LARANJEIRO — Almeida Araújo** — R. D. Duarte, 7-B (Tel. 2292324). Até às 22 h; **SESIMBRA — Leão** — Av. Liberdade, 13 (Tel. 2233471) Até às 19h; **LAVRADIO — J. Consolado** — Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (Tel. 2043126) Até às 19h; **BARREIRO — Avenida** — Av. Alfredo Silva, 88 (Tel. 2073212) Perm.: **BAIXA DA BANHEIRA — Teixeira** — B.º Moçambique, 84-B (Tel. 2040946) Até às 19h: **CORROIOS — Universo** — Est. Nacional, 10 (Tel. 2290084) Até às 19h; **AMORA — Moura Carneiro** — Até às 22h; **TORRE DA MARINHA — Alves Velho** — L. Camões, 27 (Tel. 221132) Até às 22h; **MONTIJO — Diogo Marques** — R. Almirante Reis, 50 (Tel. 2310032) Até às 22h; **MOITA — Silva Rocha** — P. República, 16 (Tel. 239029) Até às 19h; **ALHOS VEDROS — Gusmão** — R. Cândido Reis, 30 (Tel. 2040020); **ALCOCHETE — Gameiro** — L. António Santos Jarse, 15 (Tel. 234100) Até às 19h; **SETÚBAL — Louro** — R. Frei António Chagas (Tel. 1424491) Perm; **Bocageana** — R. Romeu (Tel. 23425) Perm.; **OLIVEIRA RODRIGUES** — Vale Cerejeiras lote 11 (Tel. 31567) Até às 22h

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — Almeida Nifo — Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 2112070) Perm.; **LINDA-A-VELHA — Melo** — R. D. Diogo Couto, lote 182 (Tel. 4191697) Até às 19 h; **TIRES — Guimarães** — L. Duartes, Lote A-r/c (Tel. 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECHE — Carvalho** — B.º Padre P. Correia, 4 (Tel. 2690363) Até às 22 horas; **PORTO SALVO — Ferreira Bastos** — R. D. Firmino Rebelo (Tel. 2421015) Até às 22 horas; **CARCAVELOS — Central** — R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037). Perm.; **S. DOMINGOS RANA — Godinho Silveira** — R. A. Albuquerque, Lote B-Lj/2 (Tel. 2470361) Até às 22h; **MALVEIRA DA SERRA — Luz** — Estrada Nacional (Tel. 2850635) Até às 22 h; **OEIRAS — Mourão Vaz** — Av. Moçambique, 17-C (Tel. 2437196) Perm.; **NOVA OEIRAS — Leal** — Quinta da Palmeira, Lote 24 (Tel. 2478737) Até às 22h.; **PAREDE — Grincho** — Av. República, 87-A (Tel. 2471204) Perm; **S. JOÃO DO ESTORIL — S. João** — Quinta da Carreira, 29-A (Tel. 2681186) Até às 22 h; **SASSOEIROS — Amaral** — Quinta das Encostas (Tel. 2461312) Até às 22 h; **BIRRE — Imani** — Lote 7-B Hera (Tel. 2852121); **MADORNA — Madeira** — Rua A (Tel. 2476326) Até às 22 h; **AMOREIRA — Abrantes** — Viv.ª Maria Carlos Anjos (Tel. 2682313) Até às 22 h; **CASCAIS — Nova** — Est. Alvide Fontaínhas (Tel. 281044) Perm.

TEATROS

Teatro do Século

5.ª, 6.ª e domingo às 18.30; sábados às 21.30

«VIAGEM PARA A FELICIDADE», de Franz Xaver Kroepv. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretado por Lucinda Loureiro.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 372246 Sala Garrett

De 3.ª a sáb. às 21.30; dom. às 16.00

«**MÃE CORAGEM E OS SEUS FILHOS**», de Bertold Brecht. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Encenação de João Lourenço. Interpretado por: Eunice Muñoz, Irene Cruz, Rui de Carvalho, Rogésio Paulo, Francisco Pestana, São José Lapa, Carlos Daniel, entre outros.

Rex

R. da Palma, 253 — Tel. 864756
2.ª a 6.feira às 21.45
Sábados e Domiongos às 21.45 e às 16.00

«**A SEVERA**» de Júlio Dantas. Interpretado por Cândida Vieira, Virgílio Castelo, Pedro Pinheiro, António Machado, Armindo Taveira, Rui Anjos, Ana de Sá, Reis Jorge, Rui Filipe, Henrique José e Edgar Sotto.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 (Tel. 686300)
De 3.ª a sáb., às 21.30. Sáb. dom. às 16.00

«**CLAMITY JANE**» uma mulher de armas ou o Monólogo da Vaqueira. Dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretada por Maria do Céu Guerra.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00
«**AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA**», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16 30

A RUA DOS FANTASMAS, de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkvn. Intérpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Instituto Franco-português

Av. Luís Bivar, 91 (Telef. 544574)
De 3.ª a sáb., às 21.00. Sáb. e domg., às 16.30

«**O HERDEIRO DA ALDEIA**» de Marívaux, pelo Teatro da Rainha. Enc. de Fernando Mora Ramos. Interpretado por José Eduardo, Rosário Konzaga, Vítor Santos, Isabel Muñoz, entre outros.

Cooperativa da Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64-2.º — Tel. 87 56 10

5.ª, 6.ª e sábado, às 22.00

«**O MEU CORPO TEM AS MESMAS IDEIAS QUE EU**», de António Rodrigues. Encenação e interpretação pela Companhia do Teatro Amador da Caixa Económica Operária.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 16.00

«**VOLPONE**», de Ben Jonson. Pelo Novo Grupo. Direcção e encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular — Tel. 76 86 90

Teatro Estudio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CESÁRIO QUE?**» Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Interpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Felix, Luisa Ortigoso, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Teatro Oficina
R. S. Mamede (ao Caldas), 19
Sexta, sábado, doming. e seg., às 21.30

«**COMANDO PARA A MORTE**» de Alfonso Sastre, com prólogo de Fernando Dacosta. Encenação de João Barros.

Comuna

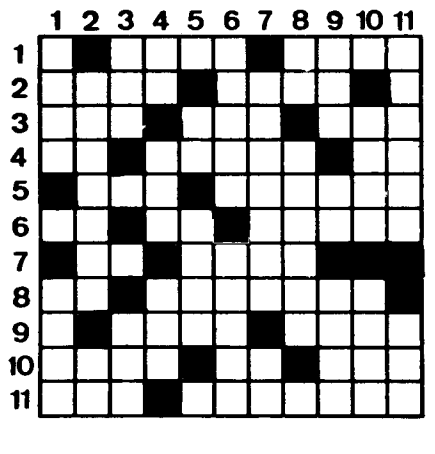
P. de Espanha —Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 17.00

«**CALÍGULA**», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 767



HORIZONTAIS:

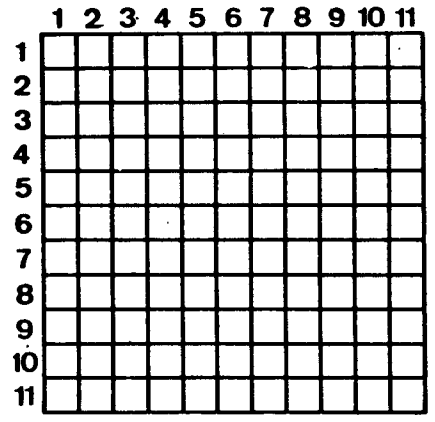
1 Artigo definido. Freguesia do concelho e distrito de Leiria. Implora.
2 Estimai. Ilha do Pequeno Belt.
3 Cabelos brancos. Termo. Em as.
4 Pátria de Abraão. Regressar. Em a.
5 Rio do Estado do Acre, afluente do Juruá. Iritai. (fig.).
6 Preposição e artigo. Acrescentando uma vogal é cidade da URSS. Além.
7 Rubídio (s.q.). O mesmo que agude. (Prov.).
8 Pronome reflexo. Aparelho de Cavalgadura. (pl.).
9 Deus egípcio, patrono de Tebas. Rezas.
10 Gota (fig.). Preposição latina que designa movimento. Deseja.
11 Fruto da ateira. Empregarias.

VERTICAIS:

1 Ilha do Havai. Artigo definido. Régulo.
2 Pedra calcária dura utilizada em arquitectura e escultura. Antigo Testamento.
3 Colina na Suécia. Nome de letra.
4 Nota musical. Título honorífico na Índia. Capital da Jordânia.
5 Crença. Ilha de Portugal.
6 Ódio. Caixões funerários.
7 Simpatia. Oferece.
8 Prasiodímio (s.q.). Medo.
9 Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel. Compaixão. Rezai.
10 Anual. Caruma.
11 Prepara. Sadias.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 606



HORIZONTAIS:

1 Antiga região da Ásia Menor. Manto real.
2 Cidade da URSS. O mesmo que acarretar. (pop).
3 Suspiros. Jarro (planta).
4 Basta. Nome de fruto. Artéria.
5 Espera Deferimento. Artigo definido (ant.). Matemática. (abrev.).
6 Tépidas. Intriga.
7 Uma das partes do mundo. Cidade da Inglaterra.
8 Amontoa.
9 Equipo. De Roma.
10 Ide pelos ares. Zombar.
11 Boca muito grande ou escancarada. Guarneço de asas.

VERTICAIS:

1 República da América. Central.
2 Aguçados. Curso de água natural e abundante.
3 Pêlos de certos animais. Escarneçam.
4 Vila e sede de concelho (Castelo Branco).
5 Centiare. Pronome pessoal. Sufixo que designa estado.
6 Erguer. Cortar com serra.
7 Cidade da Suíça. Cidade da Ásia Menor.
8 Rádio (s.q.). Censurem.
9 Torturara.
10 Bário (s.q.). Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Erva-doce.
11 Corrigendas. Rogo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 766**

HORIZONTAIS:

1 BOA. MESA.
2 Écula. Ávido.
3 Socar. Cones.
4 Bió. Içú.
5 Aa. Pião.
6 Mad. Missa.
7 Elaras. Ois.
8 Na. Anosas.
9 Trapaças. Ta!
10 Dó Aló. Arum.
11 Eis. Só. MAU.

VERTICAIS:

1 TESTAMENTO.
2 Co. Alarde.
3 Buchada.
4 Olaia. Rapas.
5 Aaro. Canal.
6 Socos.
7 Macuim. Sá.
8 Evocai. Asa.
9 Sinuosos. Rm.
10 Ade. Si. Tua.
11 Ostras. Uma.

PROVÉRBIO:

Boa mesa mau testamento.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 605**

HORIZONTAIS:

1 Jungfrau. És.
2 Ural. Entala
3 Natália. Bom.
4 Anémonas.
5 Dia.
6 Ju. Ut. Atiro.
7 Du. Lontras.
8 Nicas. Rá.
9 Eco. Amargor.
10 Aoro. Cão.
11 Usos. Casaca.

VERTICAIS:

1 Juno. Juneau.
2 Ura. Púdicos.
3 Nata. Coro.
4 Glândulas. Os.
5 Leitosas.
6 Reima.
7 Anão. Atraca.
8 Ut. Trarás.
9 Abatia. Goa.
10 Elos. Rs.
11 Sam. Co. Urca.

Radio

ANTENA UM
16.00: A Gaita dos Sete Foles; **17.00:** Pequeno jornal; **17.15:** Musicomania; **19.00:** Informação e música; **20.00:** Música portuguesa; **20.15:** No Estúdio e no Estádio (Informação Desportiva — 2.ª Edição); **20.30:** A Voz da Solidariedade (Programa da Embaixada de Cabo Verde); **21.00:** Movimento; **21.30:** Imaginário; **23.30:** Títulos do «Jornal da Meia-Noite». Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

16.00: Música do século XX; — Obras de Erik Satie; **16.33:** Trechos de Óperas — Madamina, il Catálogo, ária da ópera «D. João», de Mozart — Excertos da ópera «A Noiva do Czar», de Rimsky-Korsakow; **17.00:** Integrais — As 6 suites para violoncelo solo de Bach — Suite n.º 4 em si bemol maior BMW 1010; **17.25:** Sinfonia n.º 4 em lá maior, op. 90 «Italiana», de Mendelssohn; **18.00:** Quarteto n.º 1 em ré maior op. 11 de Tschaikowsky; **18.40:** Os grandes intérpretes — Sinfonia n.º 9 em dó maior «A Grande» D. 944 de Schubert; **20.40:** Música sinfónica — Sinfonia n.º 3 «Litúrgica», de Honegger; **21.10:** Música de câmara — Trio em sol maior, de Haydn — Quarteto n.º 3 op. 26, de Leo Weiner — Concerto Grosso op. 6 n.º 2, de Corelli — Três Peças para orquestra de Câmara, de Schoenberg; **22.00:** Música portuguesa — Canções regionais portuguesas, de Fernando Lopes Graça — Concerto para cravo e orquestra, de Carlos Seixas; **22.30:** Música de Cena — A Tempestade op. 109 n.º 1 e 2, de Sibelius; **23.00:** Intercâmbio musical — Gravações cedidas pela Radiodifusão Polaca — Recital de Piano por DezsO Ránki. **1.ª parte:** — Sonata em si bemol maior, K. 570, de Mozart — Sonata em dó maior, op. 53 «Waldstein», de Beethoven. **Intervalo:** — Sonata em si bemol maior, de Telemann. **2.ª parte:** — 24 Prelídios op. 28, de Chopin; **01.00:** Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **16.00:** A feira mágica; **19.15:** Musical; **20.00:** Conta corrente; **21.00:** Discos pedidos; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.30:** Tempo de desporto; **23.00:** Vigésina quarta hora; **02.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; **17.00:** Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em Órbita; **20.00:** Nova geração: **21.00:** Jazz; **22.00:** As mil e uma noites; **00.00:** Morrison Hotel; **02.00:** Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

TELEVISÃO

RTP/1

15.00 — Desenhos Animados
«As Vidas Secretas de Waldo Kitty».
15.40 — Imaginação da Matéria
16.05 — A Tragédia da Rua das Flores
(1.º episódio)
17.10 — Histórias com Pés e Cabeça
17.25 — Ontem Viu?
(Ferro Forjado) 2.º episódio: aplicação e tentativas de substituir outros materiais.
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais Novos
«O Jovem Ramsay» e «O Urso Teddy».
18.45 — País, País
19.20 — Trânsito
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Corpo a Corpo
(81.º episódio):
Osmar, Eloá, Alfredo e Bia desmascaram o grupo formado por Teresa, Rogério, Nadia e Raul.
Nervosa Teresa grita com Osmar, acusando-o de a ter abandonado grávida. Osmar não reage mas regista a declaração daquela.
O delegado toma o depoimento de todos mas não prende ninguém, ficando a aguardar o julgamento em liberdade.
Alfredo liga para Eloá pedindo-lhe que se apresente imediatamente na Firma pois ele necessita resolver alguns assuntos.
Cláudio propõe deslocar-se ao Cairo para orientar o ramo internacional da Fraga Dantas.
Osmar procura Teresa em casa de Vania.
21.25 — Actual
«Agricultura 6 meses depois da entrada na CEE»
22.25 — Um César Americano
(1.º episódio):
«O seu pai conquistou as Filipinas aos espanhóis. O jovem viveu sempre ali. Era a sua terra. Quando o Japão ocupou as ilhas, fazer a guerra era uma questão de honra pessoal («American Caesar»).
Este é um excerto da biografia de Douglas MacArthur, um dos maiores soldados norte-americanos e uma peça fundamental no xadrês da história contemporânea.
Baseado nesta obra escrita por William Manchester Host, a «Thames Television» produziu uma série de 10 episódios que, recorrendo a filmes documentos e fotos da época nos retrata este Herói da II Guerra Mundial de uma forma viva e objectiva. Aqui iremos tomar contacto com a sua infância e adolescência, em que viveu totalmente dominado e aterrorizado pela mãe, a sua educação em West Point, o seu amor às ilhas Filipinas, a sua irreverência e rebeldia às suas imensas contradições, magnificamente condensadas numa das suas célebres frases: «It's the rules you break that make you famous» (É o infringir das regras que te torna famoso).
A série, cujo primeiro episódio será exibido esta noite na RTP/1, inicia-se com a tomada das Filipinas pelos japoneses, recusando-se Mac Arthur a abandonar as ilhas após as ordens recebidas de Washington.

«Um César Americano»: esta noite o 1.º episódio da nova série

Finalmente parte para a Austrália prometendo: «Eu voltarei».
22.50 — 24 Horas

RTP 2

16.30 — Europa TV
Indicativo; o Tempo
16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos
«Tic-Tac» e «D'Artacão e os 3 Moscãoteiros»
17.05 — Count Down — Contagem Rock
17.45 — O Tempo
17.50 — Europa/México/86
18.50 — O Mundo Amanhã
O Tempo; Eurorepórter
19.05 — Série Juvenil
«Dick Turpim»
19.30 — Eureka
«Ciência, Tecnologia e Indústria na Europa»
20.00 — Notícias
20.05 — Videopólis
20.35 — Cinema Português em retrospectiva
«Meus Amigos»:
Integrado na série «Cinema português em Retrospectiva», a RTP vai apresentar no 2.º Canal, esta noite, às 20.35 horas, o filme «Meus Amigos» de António da Cunha Telles.
A geração de 62, protagonista de um período de grande agitação política e de crises académicas é revisitada alguns anos depois neste filme, que constitui um reencontro de antigos amigos da Universidade, equacionando o seu desencanto, as esperanças destruídas, numa Lisboa irreversivelmente mudada, em época de guerra colonial.
António da Cunha Telles é uma figura indissociável de toda a fase de renovação do cinema português, iniciada por si próprio, com o seu primeiro filme como realizador, «O Cerco».
«Meus Amigos» foi o filme seguinte como realizador numa experiência vanguardista de «cinema directo» cujo interesse não se sobrepõe ao que existe de mais interessante na obra deste autor.
Dinamizador da actividade cinematográfica em Portugal como distribuidor e exibidor de cinematografias pouco divulgadas, Cunha Telles tem ainda um currículo valiosíssimo como produtor, lançando novos valores, ousando co-produções que tentaram agitar o marasmo dos anos mais pobres do cinema português.
Como realizador, Cunha Telles estreou recentemente «Vidas», olhar atento sobre a juventude urbana actual, num curioso contraponto com a «geração de 60» que é o tema de «Meus Amigos»
«Notícias» no 1.º intervalo
23.00 — Últimas Notícias
23.05 — Vereda Tropical
(42.º e 43.º episódios)

AMANHÃ

RTP/1

11.00 — Sumário
11.07 — Memória dum Povo
11.35 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical
13.15 — Jornal da Tarde
15.00 — Desenhos Animados
15.40 — O Homem Montanhês
16.05 — O Conde de Monte Cristo
17.05 — O Dia a Dia
17.30 — Ontem Viu?
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Telemundo
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Vamos Jogar no Totobola
20.55 — Corpo a Corpo
21.40 — Noite de Cinema — «A Felicidade da sr.ª Blossom»
23.30 — 24 Horas

RTP 2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — Conheça Melhor
20.30 — A Aventura da Arte Moderna
21.25 — Notícias
21.30 — Foi Êxito na TV
22.35 — Últimas Notícias
22.40 — Vereda Tropical

AOS PAIS

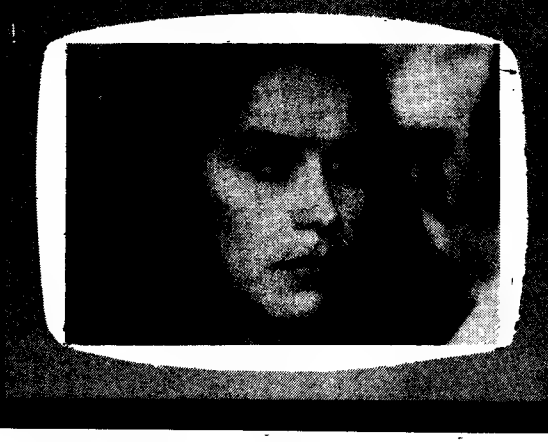
"Transporte sempre as crianças no banco de trás"

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1 Actual

RTP 2 Count Down



GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 64 / 5 - 32 02 71 - 2 - 3 Publicidade: 36 87 40
Serviços da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 60 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.58	3,2 m	4.28	1,6 m
23.23	3,3 m	16.54	1,7 m
Dia 2			
11.56	3,3 m	5.20	1,6 m
...	...	17.48	1,6 m

BRAGANÇA	14º
VIANA DO CASTELO	14º
VILA REAL	16º
PORTO	13º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	24º
LISBOA	16º
ÉVORA	14º
BEJA	13º
FARO	20º
SAGRES	16º
PONTA DELGADA	19º
FUNCHAL	19º

FRETILIN e UDT aceitam mediação internacional

A criação de uma força internacional, integrada pela Austrália e pelas Filipinas e com a participação de Portugal como potência administrante, que garanta o processo de autodeterminação e independência do povo de Timor-Leste, foi esta manhã defendida por representantes da UDT e da Fretilin, durante um encontro com jornalistas.

Abílio Araújo, da Fretilin, e Paulo Pires, da UDT, criticaram uma vez mais a passividade dos sucessivos governos de Lisboa relativamente à questão timorense e consideraram que a eventual visita do dirigente do CDS a Timor-Leste, a convite dos indonésios, «poderá servir a causa de Timor».

«O engenheiro Anacoreta Correia é um amigo nosso, com posições claras e porofundos conhecimentos do problema. Não pomos obstáculos à sua visita, embora saibamos que comporta riscos», comentou Abílio Araújo, salientando a possibilidade de a Indonésia manipular a visita Manifestou, porém, a esperança de que o responsável centrista seja autorizado a contactar a resistência armada maubere.

Paulo Pires, cuja organização (UDT, mais conservadora) mantém boas relações com o CDS, considerou que Anacoreta Correia «saberá ultrapassar os obstáculos, pois conhece bem o nosso problema».

Abílio Araújo salientou, aliás,a importância em termos políticos e diplomáticos do apoio que a recente reunião internacional de Lisboa dos partidos democratas-cristãos formulou em relação à luta pela autodeterminação de Timor-Leste. Citou, igualmente, a moção (a única sobre política externa) aprovada no Congresso do PS e que — frisou — foi lamentavelmente esquecida pelos órgãos de Informação. Referiu ainda a reunião, há duas semanas, em Amesterdão. de solidariedade com o povo maubere e uma evolução positiva no interior da Indonésia («filipinização»), favorável a médio prazo aos timorenses.

Durante o encontro com os jornalistas foi divulgado o conteúdo e análise de um mapa indonésio referente à parte oriental de Timor-Leste, capturado pela resistência maubere em Dezembro de 1985, numa operação que causou 20 baixas, entre mortos e feridos e permitiu a captura, ainda de outro material e equipamento militar.

O mapa, enviado pelo comandante guerrilheiro, Xanana Gusmão, contém elementos sobre o efectivo e dispositivo indonésio (incluindo os efectivos de «hansip» e «ratih», elementos locais recrutados por Jacarta num esforço de (timorização» da guerra) e indica a localização exacta de 53 campos de concentração nessa zona da ilha (um terço de Timor-Leste).

Foi distribuído ainda um resumo-balanço das mais recentes operações da resistência durante o passado mês de Abril, nomeadamente em Baukau e em Lospalos, que causaram um total de 23 baixas mortais e a captura de três soldados inimigos.

Como retaliação, os ocupantes prenderam 48 elementos da população, 18 dos quais estão presos na comarca de Dili, desconhecendo-se o paradeiro dos restantes.

Olímpio Bra... (Fretilin), Paulo Pires (UDT) e Abílio Araújo (Fretilin).

DE/CA/RA/S/

FREITAS DO AMARAL considerou, em artigo ontem publicado no «Jornal de Letras», que o novo acordo ortográfico luso-brasileiro é inconstitucional. No mesmo artigo o antigo candidato à Presidência da República e actual catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa escreve que só o Estado tem competência para dirigir as negociações em matéria de política externa. Mas Freitas do Amaral manifestou-se igualmente contra o novo acordo por motivos de ordem cultural e política.

OCTÁVIO PATO, dirigente do PCP, recebeu ontem a delegação da Organização de Libertação da Palestina (OLP), que estava presente no VI Congresso do PS. De acordo com a SIP do PCP, Octávio Pato, que se encontrava acompanhado por Domingos Lopes, suplente do Comité Central, recebeu Yahja Habash, do Conselho Central da OLP e secretário-geral do Conselho Revolucionário da FATAH, que estava acompanhado de Issam Bisseivo, representante em Portugal da OLP, e de Saah el Qatta, segundo-secretário.

HERMÍNIO MARTINHO, presidente do Partido Renovador Democrático (PRD), enviou telegramas de felicitações ao novo líder socialista, Vítor Constâncio, e ao novo presidente do Partido Socialista, Tito de Morais. Os dois telegramas felicitavam aqueles dirigentes pela sua eleição, verificada no sexto Congresso do partido, realizado no fim-de-semana em Lisboa.

MÁRIO SOARES tomará o pequeno-almoço com o seu colega francês François Miterrand, no dia 7 em Paris, soube a NP de fonte oficial. O Presidente da República parte para a capital francesa na véspera, dia 6, no avião do Estado português, no início de uma visita que o leva a discursar no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, no dia 9.

FRANCISCO NICHOLSON, Rogério Bracinha, Mário Zambujal e Henrique Santana são os autores dos textos do novo espectáculo da equipa do Maria Vitória, que nos bastidores do Teatro Maria Matos está já em ensaios. Aquele espaço foi cedido pela Câmara Municipal de Lisboa, que tem dado grande apoio à equipa do Maria Vitória. O espectáculo é aguardado com grande expectativa, pois representa a vontade de toda a companhia em superar as dificuldades que se lhe têm erguido, após o incêndio no Teatro Maria Vitória.

O ALMIRANTE SOUSA LEITÃO Chefe de Estado Maior da Armada, proferiu ontem uma alocução durante a cerimónia comemorativa do 15.º aniversário da criação da Escola de Fuzileiros. Durante o acto, o ministro de Defesa Nacional, dr. Leonardo Ribeiro de Almeida, procedeu à imposição da Medalha Militar de Serviços Distintos — Ouro no estandarte daquela Unidade.

Companhia de seguros burlada em largos milhares de contos

Uma importante companhia de seguros, com sede em Lisboa, e cujo nome não foi fornecido aos jornalistas, foi lesada em «largos milhares de contos» num processo em que estão implicados funcionários dos seus quadros (chefes e subchefes de secção e peritos) e ainda proprietários e responsáveis por algumas oficinas de automóveis que com eles colaboravam.

Os arguidos forjaram para o efeito processos respeitantes a acidentes fictícios, envolvendo segurados ou terceiros, igualmente fictícios, utilizando noutros casos as identidades de verdadeiros segurados ou de terceiros efectivamente existentes, mas sem o conhecimento de ambas as partes. Uma terceira modalidade era a de, a partir de acidentes reais, apresentarem desproporcinados orçamentos de reparação das viaturas sinistradas.

Massacres no Peru originam demissões

O governo peruano anunciou a demissão e passagem à reserva do comandante-chefe da Guarda Nacional Republicana, general Maximo Martinez Lira, na sequência da violenta repressão dos motins da semana passada em estabelecimentos prisionais do país.

As autoridades atribuíram à Guarda Nacional Republicana a responsabilidade material do ocorrido na Penitenciária de Lurigancho, onde mais de 100 presos amotinados foram fuzilados depois de se renderem.

Entretanto o ministro da Justiça, Luís Posada também apresentou o seu pedido de demissão ao presidente Alan Garcia.

Na ssa carta de demissão Luís Possada pede uma exaustiva investigação dos excessos da força da ordem na cadeia de Lurigancho, onde morreram numerosos detidos.

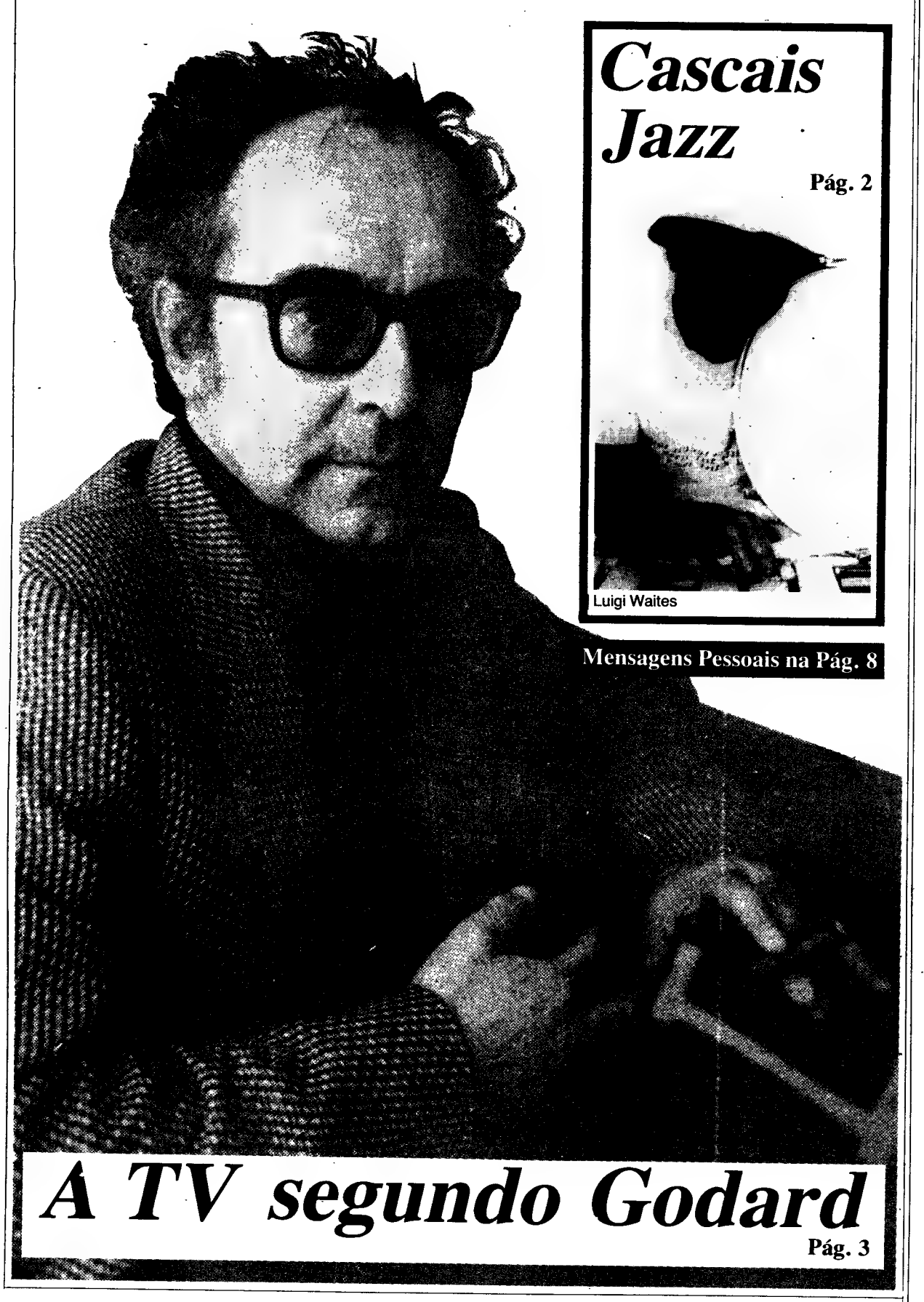
SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

O futuro pertence aos vírus

Entrevista com o «patrão» do departamento de virologia do Instituto Pasteur, por ocasião da Segunda Conferência Internacional sobre a SIDA

Pág. 5



Cascais Jazz

Pág. 2

Luigi Waites

Mensagens Pessoais na Pág. 8

A TV segundo Godard

Pág. 3

Sinais dos Tempos

Cambada I

Nada como estar sempre ao lado do patronato; atrás deste, outro virá. Por isso, alinho perfeitamente entre o opulento lote de federativos do nosso futebol: onde já se viu os trabalhadores, a arraia que labuta de sol a sol ou sob chuva de picaretas, exigir mais que dez réis de mel coado para se divertir andando aos pontapés a uma bola, comendo e bebendo do melhor, vestindo à Lagardère por conta do Orçamento e ainda passeando em tudo o que é avião, conhecendo a rigor todos os átrios dos melhores hotéis e, ainda por cima, poder um dia contar aos netos que já esteve em cento e oitenta e cinco aeroportos, fora os ameaços?

Cambada II

Sigam o avisado conselho: ao lado dos juristas é que é bom. Porque (certo e antigo) as leis têm paus de dois bicos: os «magisters» é que sabe como devem acomodá-las ao momento. Por isso, nada contra os homens que usam toga negra, mesmo que até possam ser árbitros de futebol ou presidentes de Federações desportivas. Advogado, cidadão com canudo, sujeito pensante e bem falante tem tudo a seu favor: imagine-se o que poderia acontecer a um pobre jogador de bola, desses que andam por aí nas bocas do mundo, retrato todos os dias nos jornais mas uma mão à frente e outra atrás, a ousar sentar-se a uma mesa para discutir condições de prestação de serviços com um cavalheiro que até já foi soberano chefe de quase defunto partido político! Onde se viu tal ousadia, tão grande desconhecimento da distância que medeia entre um membro do povoléu e um nobre senhor dos gabinetes?

Cambada III

Fixem esta norma: aliança permanente com quem tem a mão no cofre é de grande valia e toda a utilidade. Primeiro: não precisamos duvidar das contas porque, se houver algum erro, é facilmente remediado com um vale à caixa. Segundo: se não carecemos de dinheiro, que venha um passeiozito à medida, com ou sem liras convertidas em dólares, mesmo que afunilados na meia de um pé só. Se a gente se enganar ao preencher qualquer impresso oficial (e, por exemplo, trocar as idades de uma data de malta só para tirarmos um lucrozito daí) toca de pedir desculpa, afinal a guedelha pelo chinó de quem então preside e toca em frente. Se a malta se enganar e abalar para uma terra distante sem bússola nem esquadro, seja o que Deus aprouver: desde que estejamos na boa graça do patrão, o pior que pode suceder é chegar a seleccionador nacional de futebol. Ou pior ainda: mandar nele.
N. de S.

Moção de confiança I

Muita gente continua a congeminar sobre as razões que levaram o Governo a apresentar a moção de confiança ao Parlamento. No entanto, as conclusões expressas por António Capucho na intervenção final que produziu em nome da bancada do partido que apoia o actual Executivo desvanecem quaisquer dúvidas: «Se a moção de confiança for aprovada (...) nada ficará como dantes. O Governo sairá politicamente reforçado, a responsabilização das oposições no futuro ficará acrescida e evidenciada perante a opinião pública.» Aguardam-se com expectativa quaisquer chumbos de iniciativas legislativas do Governo... e a próxima moção de confiança de Cavaco.

Moção de confiança II

Espantados mesmo ficaram José Apolinário e Tiago Bastos, respectivamente líderes juvenis do PS e do PRD, ante o apoio incondicional que a JSD expressou à posição do Governo. Apolinário diria mesmo a Carlos Coelho — que interveio fazendo um panegírico à política de juventude do Gabinete de Cavaco — que a JSD perdia assim a imagem de «autonomia» que tinha criado em relação ao seu próprio partido. E não é de estranhar que poucas semanas depois de ter visto cilindradas por Cavaco, no Congresso do PSD, as suas pretensões a uma maior representação nos órgãos do partido, a JSD se tenha assim rendido aos encantos do líder?

Moção de confiança III

As hostes governamentais desmentem com veemência qualquer alusão a um eventual «negócio» com o CDS para a aprovação por este partido da moção de confiança. Mas há gente que, certamente com maldade, explica estes temores: primeiro, porque a predisposição negocial evidenciava uma fraqueza que o Governo não quer admitir; segundo, porque isso mandava às urtigas uma das principais conclusões do Congresso do Coliseu — PSD sozinho, sozinho e sozinho no Governo e na definição da política por este prosseguida; terceiro, dava força aos que no partido têm os olhos postos nas virtualidades da Fundação do Século XXI. Advertência aos crédulos: é tudo má língua.

Versus-versus

Telejornal sábado, telejornal domingo: entrevista com o vencido, entrevista com o vencedor. Gama diz que a sua proposta era mais moderna, mais europeia, mais de acordo com o que hoje vale a pena pensar do socialismo, e que a nova direcção, com a maioria que alcançou, tem agora a grande responsabilidade de dar ao PS o que legitimamente lhe pertence.

Constâncio responde que as mudanças ocorridas correspondem a ideias mais modernas, mais europeias, mais de acordo com o que hoje vale a pena pensar do socialismo, e que a nova direcção, com a maioria que alcançou, tem agora a grande responsabilidade de dar ao PS o que legitimamente lhe pertence. Constâncio, no entanto, ganha aos pontos: previu que a Argentina venceria o Mundial, embora se tenha enganado ao acrescentar que tal sucederia «dada a liderança da equipa por Maradona». No jogo final, com efeito, Maradona não esteve num dos seus melhores dias. Quer dizer: Constâncio acertou na linha geral, mas falhou no tocante a quem dirigia o quê...

Bipolarização

A frase de Constâncio «com o poder não se namora, com o poder casa-se» deve ser entendida à luz da sua defesa da bipolarização político-partidária, ela mesma familiar do princípio político defendido por Sá Carneiro em 79-80: também para o malogrado dirigente social-democrata o regime saído do 25 de Abril só se estabilizaria se PSD e PS conseguissem hegemonizar a alternância, com exclusão do CDS e do PCP. O inverso desta ideia foi a de «bloco central», defendida, no PS, por Mário Soares. O factor imponderável desta nova defesa da bipolarização política é, naturalmente, o que futuras eleições legislativas reservam ao PRD. Conseguirá Constâncio «esvaziá-lo»? Para já, o novo secretário-geral dos socialistas prefere hostilizar o partido de Eanes: «Há» — diz ele — «partidos que não têm programa, por mais renovadores que se apregoem.»

Sábado à noite e domingo à tarde no Parque de Palmela

O fim-de-semana do Cascais Jazz

O «Jazz num dia de Verão» e o «Festival Internacional de Jazz de Cascais» casam-se este ano num só fim-de-semana — o próximo — no Parque de Palmela, junto ao Estoril-Sol; deles resulta, assim, a 16.ª edição do **Cascais Jazz,** que apresentará ao público português o Moreiras Jazztet, o quarteto de Alan Skidmore, o quarteto de Luigi Waites e o trio de Lonnie Smith, repartidos entre a noite de sábado e a tarde de domingo.

Eis como os organizadores, Duarte Mendonça e Luís Vilas-Boas, apresentam os músicos participantes:

Moreiras Jazztet

A qualidade da música criada pelos irmãos Centeno Moreira atingiu já o nível suficiente para ultrapassar e nos fazer esquecer o «fenómeno» que representa em Portugal (como em qualquer outro país representaria) a existência de quatro irmãos dialogando entre si numa fluente linguagem de jazz.

Cherchez le père e encontrareis Bernardo Moreira o contrabaixista da «nossa» (do Quarteto do Hot Clube de Portugal) saudada presença no Festival de Comblain-la-tour, de 1963.

• **Pedro Centeno Moreira** nasceu em Lisboa, tem 17 anos. Estuda no liceu francês Charles Lepierre.

Começou a tocar sax alto aos 13 anos e tenor há cerca de ano e meio. Autodidacta, tem tocado em diversos locais, em Lisboa, Porto e Coimbra, nomeadamente no 1.º Festival Jazz de Lisboa e no 3.º Festival Internacional Jazz de Lisboa e no 3.º Festival de Música Instrumental de Coimbra.

Gravou também para a televisão diversas vezes.

• **João Centeno Moreira** tem 15 anos, começou a tocar trompete aos 12 anos.

É estudante no liceu francês, fez gravações para a televisão e participou em actuações públicas em Lisboa, no Porto e em Coimbra.

Participou no 1.º Festival Internacional de Jazz de Lisboa e em Jam-Sessions, juntamente com Jon Eardley, Dom Um Romão, Wilson de Oliveira e outros.

• **Miguel Centeno Moreira** nasceu em Lisboa, tem 19 anos.

Estuda Física, querendo seguir Astronomia e Astrofísica, na Faculdade de Ciências de Lisboa.

Começou a tocar piano aos 16 anos, já orientado para o Jazz, frequentou alguns meses a escola do Hot-Clube de Portugal. Estuda actualmente na Academia dos Amadores de Música, onde frequenta o 2.º ano de piano.

Participou no 11.º Festival de Música Instrumental, em Cascais, em Fevereiro de 1985. Gravou recentemente para a RTP.

• **Bernardo Moreira** tem 20 anos e toca contrabaixo há 3 anos.

Actualmente está inscrito na Academia dos Amadores de Música onde estuda contrabaixo com o professor Fernando Flores.

Participou em vários programas de televisão e espectáculos em Lisboa, Porto e Coimbra. Estudante de Economia, na Faculdade Nova de Lisboa onde frequenta o 3.º ano da Licenciatura.

Os irmãos do «Moreiras Jazztet»

• Carlos Vieira (bateria) — Este baterista é um caso ímpar de autodidactismo e de afirmação de querer... O seu instrumento foi comprado através duma comissão de serviço em terras africanas, em resposta drástica à impossibilidade de juntar dinheiro a trabalhar no seu país. A anedota é verídica e revela a personalidade de Carlos Vieira como um músico pleno de fé na sua profissão. De resto, são vicissitudes como esta e que se ultrapassam que fazem justiça à profunda vontade de afirmação de músicos que lutam contra a adversidade económica, neste caso, eficazmente.

Tenor Tonic

• Alan Skidmore (saxofones — líder do grupo): Nasceu em Londres, Inglaterra, em 1942. Em 1958 começa a tocar como profissional, em orquestras de dança e grupos pop. Trabalha pela primeira vez com Tony Levin. Em 1961 inicia-se no programa Jazz Club, da BBC. Em 1963 grava um álbum com Eric Delaney e Louis Bellson. Em 1964, juntamente com Eric Clapton, grava com os John Mayall's Bluesbreakers. Em 1965 trabalha no Quinteto de Ronnie Scott, em concertos e gravações. Participa num concerto no Royal Festival Hall, em que actuava também o Quarteto de Theloniows Monk. Em 1965-69 trabalha em vários programas da televisão alemã, com Chick Corea, Dave Holland, Albert Mangelsdorff e John Surman, além de outros. Tocou na orquestra de Maynard Ferguson. Colaborou com Herbie Hancock em músicas de filmes. Em 1969 representou o Reino Unido no Festival de Jazz de Montreux à frente do seu próprio quinteto que compreendia: Kenny Wheeler, Tony Oxley, Harry Miller e John Taylor.

Foi solista convidado, durante 3 anos, na West German Radio & TV onde trabalha com Gil Evans, Airto Moreira, Mel Lewis, Bill Holman, Karl Berger, etc. Representou a BBC no Festival de Jazz de Belgrado, com o «SOH» (Skidmore Oxley e Haurand). No ano passado formou o Tenor Tonic, com Tony Levin, Paul Dunmall e Paul Rogers.

• Tony Levin (bateria), tornou-se conhecido, na década de 60, através das suas actuações no Ronnie Scott's Club e por toda a Europa, trabalhando com Kenny Wheeler, Johnny Griffin, Zoot Sims, Hank Mobley, Dave Holland, John Surman, Gordon Beck, etc.

• Paul Dunmall (Saxofones), trabalhou em digressões pela Europa e EUA com Bluesman Johnny «Guitar» Watson. Quando nos Estados Unidos, tocou na orquestra dirigida por Alice Coltrane. Recentemente trabalhou com o «Spirit Level», Keith Tippett e Tony Levin.

• Paul Rogers (contrabaixo), estabeleceu-se em Londres em 1974 e começou a trabalhar com Art Themen, Evan Parker e Paul Rutherford. Na Europa, actuou com Joachim Kuhn e Alex Von Schlippenbach. Efectuou recentemente uma digressão pelo Médio Oriente com Harry Beckett.

Quarteto Luigi Waites

• Luigi Waites, responsável do quarteto (bateria), nascido em Omaha, Nebraska, em data misteriosa («assim posso ser tão novo ou tão velho quanto vos agradar»), Luigi Waites é um dos pilares, um dos «tesouros» do jazz nessa região dos EUA.

Com um impressionante currículo como bateria, que inclui participações nos grupos de Ella Fitzgerald, Sarah Vaughan ou Dizzy Gillespie, por exemplo — Luigi Waites tem sido o grande animador da actividade jazzística no «Midwest».

• **Laurent Filipe** (trompete e fliscórneo), nasceu em S. Paulo em 1962.

Iniciou-se no jazz, e na música em geral, com a Orquestra Girasol e as actividades pedagógicas de José Eduardo e da Escola de jazz do H.C.P. Em 1979 fazia parte do «Quinto Crescente», com o qual tocou no Festival de jazz de Cascais.

Encontra-se desde 1985 em Boston na Berklee School of Music, tendo já também beneficiado de duas bolsas dessa escola e uma outra instituída por Art Farmer para trompetistas.

Os seus estudos estão mais orientados para a composição, em particular a composição de música para filmes.

Toca regularmente em grupos constituídos a partir de Berklee.

• **Tommy Halferty** (guitarra) nasceu na Irlanda do Norte em 1945.

Iniciou os seus estudos de guitarra com o lendário Louis Stewwart e na primeira metade dos anos 70 começa a tocar regularmente com grupos de jazz locais.

Tornou-se também na secção rítmica mais solicitada para tocar com músicos visitantes, nomeadamente Phil Woods, George Mraz, Eddie «Cleanhead», Winson e outros.

• **David Gausden** (contrabaixo), nasceu, há 33 anos em Omaha, Nebraska, nos EUA.

Frequentou a Universidade de Indiana, famosa pela sua Escola de Música nomeadamente de música de jazz, onde foi aluno de professores como David Baker, Rufus Reid e Jamey Aebersold.

Na sua formação mais recente, com o contrabaixista David Gausden, o grupo tocou já com Lee Konitz no Festival de Jazz de Cork 85 e com Bobby Shew e Pepper Adams em 1986. O novo trio, com Luigi Waites, inicia agora uma actividade estival que o levará em tournée por Portugal e Espanha.

Tocou com grupos locais na sua região e ainda na zona de Kansas, onde teve oportunidade de absorver a rica tradição musical «swing» do Sudoeste.

Mais tarde, no Creative Music Studio em Woodstock, estudou com Anthony Braxton e Roscoe Mitchell. Aí conheceu Carlos Zíngaro através do qual chegou ao País.

Em Portugal, David Gausden tem tocado com inúmeros grupos, nomeadamente o Quinteto de Maria João, o Sexteto de Jazz de Lisboa e outros que, sob a sua direcção têm lançado muitos dos jovens músicos portugueses.

Tocou nos Festivais de Jazz de Cascais 84 e 85 e participa regularmente nos programas Clube de Jazz da RTP-2 e Jazz Para Todos da RTP-1.

Trio de Lonnie Smith

• **Lonnie Smith** (orgão/piano), organista e pianista com Lee Morgan, Freddie Hubbard membro regular do grupo Lou Donaldson e foi também o organista de George Benson na sua etapa inicial, gravando com este o álbum «Coock Book», para a Columbia.

• **Nathen Page** (guitarra), tocou com Sonny Rollins, Roberta Flack, Charles Tolliver, e foi guitarrista permanente de Jimmy Smith.

• **Alvin Queen** (bateria), considerado menino prodígio desde que tocou aos 12 anos com John Coltrane.

Vive na Europa desde os anos 70 e tocou praticamente com todos os músicos desde Dizzy Gillespie a Harry Edison, de Buddy Tate a George Coleman, de McCoy Tyner e Hank Jones.

Tenor Tonic: Skidmore, Tony Levin Paul Dunmall e Paul Rogers

A televisão segundo Godard

«A TV e os "media" são um mundo post-incesto. O cinema vem de um mundo atrasado, de antes da descoberta desse incesto»

Fogo-de-artifício godardiano na televisão francesa: diversos canais repassam os seus filmes, enquanto a TF1 lhe encomendou uma «Série Negra», com base num livro de Jams Hadley Chase. Nem todos gostam: João Botelho, realizador português, dizia na última «Mesa DL» (de quinta-feira passada) que Godard se tinha limitado a filmar personagens conversando à mesa do café. Catherine Humblot e Thomas Ferenczi ouviram o autor para Le Monde. É essa entrevista que aqui transcrevemos, em exclusivo para Portugal.

OS escritórios de Jean-Luc Godard em Nevilly. Espaço e luz. Cortinas nas janelas, uma grande mesa de madeira escura, alcatifa clara... O velho garoto chistoso (mas que nunca ri!) lança as suas **boutades** como se fossem berlindes e olha-nos bruscamente nos olhos. Joga com as palavras, as ideias, a TV. Um provocador totalmente gentil. Perguntas e respostas em contra-luz, em claro-escuro.

— Desde quando vê televisão?

— Comprei o meu primeiro aparelho de televisão em 1965, a conselho de François Truffant, que pensava que era uma boa maneira de ver os actores. Era a época das grandes reportagens de «Cinq colonnes à la une». Esse estilo de jornalismo teve decerto influência no meu trabalho — penso em Masculin — Féminin. Era sensível a essa ideia de um olhar sobre o mundo por interposta pessoa, a essa câmara que vai aos quatro cantos do mundo e nos traz um monte de informações. Mas depressa tive dúvidas, senti-me como o director de um serviço de informações num romance de John Le Carré, interroguei-me sobre os relatórios que os meus espiões me enviavam. Ao ver uma reportagem sobre a Birmânia ou sobre o Vietname, pensava: «Mas que é isto? Eles foram manipulados, estão no serviço adverso!» Como contribuinte e como cineasta, senti-me enganado, duplamente enganado. Depois, como toda a gente é enganada, habituamo-nos...

— É um telespectador assíduo?

— Nem por isso. Olho por cansaço ou por acaso, como toda a gente. Às vezes vejo o desporto, por exemplo o futebol ou o ténis, baixando o som porque não suporto os comentários. Também gosto das emissões sobre os animais, são as únicas que duram um pouco, cujas sequências não se reduzem a clips. Na Suiça costumo ver o magazine «Tempo presente» quando o tema me interessa.

Mas há tão pouca coisa para ver! Não só a televisão fala demais e não mostra, a não ser de vez em quando (e ainda é preciso ser-se capaz de ver, e, no caso afirmativo, exercer essa capacidade no tempo exacto), mas, sobretudo, fala-se dela. E quanto mais se fala dela, menos medidas se tomam.

— Como explica que a televisão não mostre, quando cada vez oferece mais imagens?

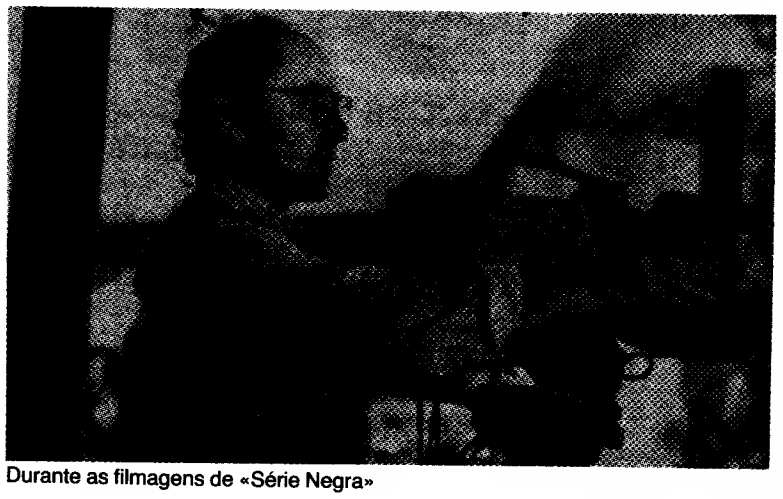
— Uma imagem não mostra obrigatoriamente. Uma verdadeira imagem é um conjunto de imagens. E há poucos conjuntos de imagens na televisão. Se você filmar uma «madalena», não tem a «madalena» de Proust. A televisão filma «madalenas» mas não basta filmar uma «madalena» para ter uma recordação. A televisão transmite e não faz nada. Ela não produz, difunde. Não pode dizer a verdade.

O desporto na televisão conserva uma certa verdade porque mostra o trabalho na sua duração. Vê-se o corpo a trabalhar. O cinema começou assim, depois dos grandes romances do século dezanove. Veja Dickens, os grandes romances anglo-saxónicos: Tess é uma trabalhadora. No principio o cinema retomou essa tradição. Charlot é um homem que trabalha (ele trabalha para roubar um pão, mas trabalha...) A atração que o cinema de gangsters exerce vem decerto do facto de mostrar ao mesmo tempo o trabalho e a liberdade no trabalho. Já não sei quem dizia: o detective é alguém que trabalha, mas de mãos nos bolsos.

— No entanto, acontece-lhe trabalhar para a televisão. Acaba de realizar uma série negra para a TF1. No cinema tê-la-ia feito diferente?

— No cinema não a teria feito, já a fiz vinte vezes. Se o tema fosse livre, teria feito outra coisa.

— Não o tratou livremente?



Durante as filmagens de «Série Negra»

— Era, em todo o caso, um tema imposto. É um pouco como um concurso de dança, onde me dissessem: você vai dançar o tango. Bom, danço o tango à minha maneira, mas não digo: não, quero dançar a valsa.

— Supunhamos que lhe dizem: «Faça o que quiser.»

— É uma hipótese piedosa. Nunca nos dizem: «Faça o que quiser.» dizem-nos: «Quer preencher este espaço?» Na televisão há espaços, grelhas, cadeias, não fui eu que inventei esses nomes, e eles não são completamtente inocentes.

– Há sempre espaços, mesmo no cinema, o orçamento de um filme, por exemplo.

– Creio que o cinema ainda não tem espaços. O que ainda agrada nele é que é o irmãozinho a quem falta um espaço.

– Opõe a televisão, que considera um «sistema fechado», ao cinema, que seria um «sistema aberto».

– O cinema começa a ser uma simples recordação do «sistema aberto». Mas ainda é um mundo antigo, um mundo de antes da descoberta do incesto. A televisão, os «media»s, são um mundo de depois do tabu do incesto. O cinema ainda se faz ali (Jean-Luc Godard mostrar a rua), a televisão só se faz aqui (mostra o fundo da sala).

– Porque têm os filmes a maior taxa de escuta na televisão?

O cinema faz hoje parte da indústria dos cosméticos. Mas, no creme de beleza, ainda resta a beleza.

– As diferenças entre filmes e telefilmes tendem a diminuir.

– Inteiramente. Vê-se isso nos maiores cineastas. e percebe-se muito bem em que momento Wajda começa a fazer tele-filmes, sente-se na terra, na narração.

– Como homem de comunicação deveria alegrar-se com o desenvolvimento dos meios de comunicação, por cabo, satélite etc.

– Não creio que os meios de comunicação se desenvolvam. Pelo contrário. Eles deterioram-se, tal como as linhas de comunicação de um exército que penetra em território estranho. Comunica-se menos e menos depressa, mas diz-se que se comunica mais e mais depressa. Trata-se pois da palavra e do poder da palavra.

– Pensa que a televisão não comunica?

– Porque foi um jornal – Le Monde – que falou de Greenpeace? Porque se trata – ainda – da sua vida. Mas para a gente da televisão não se trata da sua vida de criadores ou de jornalistas. A televisão não tem a vocação de ser local de vocações, como são a literatura, a pintura, o cinema. Há uma vocação no facto de o productor de cinema esperar o público, mas não há vocação no patrão de televisão atingir público, só beneficiar com ele. A televisão não pode ter a vocação de comunicar.

– É essa a sua vocação de homem de cinema?

– Direi antes que o cineasta é um local de transfert, no sentido freudiano da palavra. Ele tem a vocação, como um feiticeiro, de fazer passar pelo seu corpo a palavra, como outros fazem passar a palavra de Deus ou da natureza. O cinema é uma feiticeira: é impossível queimá-la como na Idade Média e por isso é venerada, dão-lhe prémios em Cannes, mas às obras menos interessantes. O cinema é tolerado com o bobo nas praças de Shakespeare, e, tal como ele, arrisca a vida. Sim, deve haver no cinema esse transfert da realidade que não há na televisão.

No fim da entrevista, Jean-Luc Godard acrescenta num tom que, não se sabe se reflecte um súbito receio ou uma última pirueta.

– Na sua entrevista não me faz em todo o caso aparecer como demasiado crítico perante a televisão?

– Será difícil fazê-lo aparecer como um entusiasta!

–Porquê não? Os cristãos são entusiastas do céu, mesmo quando chove.

Cahterine Humblot
Thomas Ferenczi

Algumas notas entre outras...

■ O escritor Jean Genet escrevia que os sonhos são para o indivíduo o mesmo que a polícia é para a sociedade. Em francês diz-se um posto de televisão como se diz um posto da polícia.

■ Poucas coisas, muito poucas são ditas ou escritas nos programas, para além das piedosas declarações habituais que se parecem com as dos bancos quando se trata de falar da fome no mundo. É porque um programa de televisão não se fala — nem para bem nem para mal, — ao contrário de um argumento de um filme de cinema. Um programa de televisão olha-se ou fabrica-se à imagem do gesto aborrecido ou repetitivo do moderno operário de fábrica. Um programa de fábrica e o espectador gasta-se a olhá-lo. Se Deus tivesse falado tanto de criação como um ministro ou director de canal, é pouco provável que a vida tivesse aparecido algum dia na Terra.

■ O cinema, que tentou ser uma arte, na medida em que tentou ser uma indústria, foi interrogado pela televisão como um serviço secreto interroga um espião de outro campo. Para o atrair. Mas o cinema era um espelho que atravessava os mil e um perigos da realidade. Uma vez invertido o espelho, a realidade apaga-se. O cinema trabalha hoje para a televisão, como uma prostituta para um chulo, que mantém uma bailarina: a publicidade.

■ O terrorismo da publicidade é tão imenso e quotidiano que se aproxima do terrorismo político. Se a mulher do papagaio de Delacroix apoia os «soutiens-gorge» Pérèle, porque razão não subenteriam os métodos de Malboro os dos que fazem reféns?

■ Os jovens são em minoria quanto ao número da sociedade francesa. Essa minoria quantitativa é dèclarada de grande interesse pelos «clips» e os «media». Portanto, sempre que um filme — não um livro, um filme — se dirige abertamente a uma minoria — Vigo, Duras, Garrel — é declarado fora da lei como se o seu tom menor já não representasse a juventude em audácia e em pensamento. A infância da arte faz ainda mais medo do que a infância pura e simples.

■ Os japoneses querem impor a televisão alta-definição. Trata-se de destruir a perspectiva inventada na Europa no que diz respeito à cultura, e as perspectivas no que diz respeito à economia. O «vanner» electrónico de uma imagem é o irmão ciumento do registo químico herdado da pintura. Trata-se de roubar a herança. Claro que os americanos estão ao lado dos japoneses. Podemos perguntar o porquê. É que a Mafia não pensa em termos de porquê.

■ Picasso dizia: julga-se sempre quando não se sabe nada. Os ladrões da TF 1 gostam da justiça.

■ Os homens sabem por vezes adiar a morte alguns anos. A arte fá-la recuar alguns séculos. É por isso que os grandes quadros são seguros por muito dinheiro. Mas pode imaginar-se a Lloyds assegurando o **concerto para orquestra** de Bartok, tal como assegura o enterro nos trigos, de Van Gogh? Claro que não. Porque uma imagem não se imagina. Ela reconhece-se Bernadette — a de Lourdes — viu a Virgem. Mostram-lhe Rafael, Murílllo, as imagens do Vaticano. É uma camponesa e isso passa-se no Segundo Império: Ela diz sempre: não é ela. Por acaso, naquilo que lhe mostram, há um íncone, sem movimento, sem profundidade, a Virgem de Cambrai, inventada pelos Bizantinos. Bernadette cai de joelhos: é ela. Não a tinham imaginado, à sua Virgem, mas tinha-a reconhecido. Em frente do seu televisor, espírito e corpo violados, o telespectadore espera em vão o milagre.

■ Abel, cinema. Caím, televisão, Jacob, cinema. Isaac, televisão, Renoir, cinema. Berlusconi, televisão — para porque há ainda Renoirs no seu «living»?

Jean-Luc Godard

China: a vida quotidiana na Universidade

O meu amigo Xiao Wang, estudante em Beida

MODERNIZAR a China... É a obsessão dos chineses e o objectivo da viagem de Hu Yaobang, secretário- geral do PC na Europa. Há muito para fazer, em todo o caso na Universidade. A acreditar numa jovem leitora que acaba de estudar dois anos em Pequim, e nos envia algumas páginas de recordações...

Xiao Wang monta na bicicleta e pára diante de uma enorme estátua de Mao sem a ver. Uma parte do casaco de pedra está levantada. Em Yanan — na província de Shanxi — devia fazer vento num dia de 1942 em que o futuro timoneiro posava para uma arte ao serviço do povo, de olhos fixos na revolução que se aproximava... A estátua encontra-se em frente da biblioteca da Universidade de Pequim. Fundada em 1898, Beida está instalada a uns quinze quilómetros a Noroeste do centro da cidade, num vasto parque que, no fim do século XVIII, era propriedade de um favorito do imperador. De vocação literária, a Universidade também possui, naturalmente, secções científicas. Alojada num dormitório reservado a uns trezentos estudantes estrangeiros acabo de aí passar dois anos para, segundo a expressão que ali se utiliza, me *«aperfeiçoar»* em História.

Xiao Wang, de vinte e um anos, foi um dos meus colegas de classe. Discutíamos muitas vezes e prestávamos pequenos serviços um ao outro. Ele emprestava-me livros ou os apontamentos se eu estivera ausente. Eu tentava «contar-lhe a Soronne» e corriagia os seus deveres de inglês. E via-o levar uma vida quotidiana de estudante que ele partilhava com tantos outros e que, sem dúvida, não mudou.

Como todas as manhãs, Xiao Wang atravessa o campus, onde há inúmeras construções avermelhadas todas parecidas. Arruma a bicicleta e entra no «número 38». São 7 e 30 e a aula só começa às 8 horas, mas ele quer ter lugar para se sentar. Os colegas chegam e instalam-se em grande algazarra. Mais matinal do que eu, Xiao Wang tinha a gentileza de guardar um lugar na carteira à sua «colega de nariz comprido». Todas as aulas estão, com efeito, sobrecarregadas, uns sessenta estudantes numa aula normal e uns duzentos num anfiteatro. Não é por falta de professores. Em Beida há três vezes mais professores do que alunos. Muitos brutalizados ou estropiados durante a revolução cultural, já não podem ensina, mas recebem o seu salário mensal e, no papel, continuaram a ser titulares da sua cadeira. Futuro professor, Xiao Wang, depois de obter o seu diploma, terá de esperar que um professor morra para ocupar o seu lugar.

Teoria da História

A sineta toca e o professor chega, trazendo com cuidado a sua chávena de chá e os seus paus de giz. Um dos estudantes assegura-se de que a garrafa de termos colocada junto do estrado, está bem cheia. A aula começa então. Durante duas horas cortadas por uma pausa, o professor mantém um monólogo que ninguém se atreve a interromper. Se um estudante é interrogado, ele responde de pé, ou antes, repete o melhor possível as palavras do mestre aprendidas de cor na véspera. Hoje está frio porque as janelas vedam mal e o radiador, muito fraco, não é eficaz. Xiao Wang não tirou o casaco. Com a sua mão avermelhada, anota, como discípulo perfeito, as palavras do professor. O esquema confuciano parece intacto. Por definição, o mestre tem razão, não há lugar para a contestação nem para a dúvida. Escuta-se com um respeito quase obsequioso. Hoje, em teoria da História, o dr. Zhang define a parada do seu ensino: *«Estudar a História, diz ele, é, antes de mais, servir a pátria. Também é participar na grande causa do internacionalismo. Vejam o filho mais velho de Mao Zedong.*

Depois de ter vivido na União Soviética, onde recebeu a sua formação, juntou-se aos combatentes comunistas que lutavam pela libertação da Coreia, e morreu na frente. Serviu a causa histórica, é pois um herói da História. A história segue uma lei. A Comuna de Paris, a revolução russa e a nossa revolução, tudo isso responde a uma só e mesma lei histórica...»

Dez horas, fim da aula. Lá fora os altifalantes difundem um programa de ginástica transmitido pela rádio. Depois de alguns movimentos, Xiao Wang põe-se à procura de um dos pequenos vendedores independentes que, por alguns oferecem *mantu*, pãezinhos cozidos em vapor.

Aula de inglês: como todos os seus colegas — ou quase todos — Xiao Wang escolheu a língua que, segundo ele lhe permitirá *«desenrascar-se»* se um dia puder sair da China. Ele sonha com Nova Iorque e com a Coca-Cola, talvez a ocasião se apresente mas, de momento, deve aprender de cor frases inteiras. No seu manual são raras as fotografias e as descrições da sociedade americana. Nada excita a sua imaginação que, no entanto, parte tão facilmente à deriva para o Novo Continente. *«Peter Brown vai à escola. Na parede da sua aula está um grande mapa da China...»* As salas de aula serão as mesmas em Nova Iorque e em Pequim?...

O sistema de «genpai»

Ao meio-dia certo termina a aula. É a hora do almoço. Não se pode andar devagar. São raros os lugares no restaurante universitário. Xiao Wang entra na bicha e espera pacientemente a sua vez de estender a gamela de ferro. Do outro lado do guichet, uma mulher de quem só vê as mãos, enche-a, e ele entrega-lhe os tickets em troca, depois de ter calculado o total dos preços afixados no grande quadro negro. Quando o tempo está bom, Xiao Wang prefere instalar-se num banco ou numa pedra junto dos numerosos lagos, longe do barulho da cantina, e conversar com alguns colegas.

Todos aqui sabem que devem obedecer às directrizes do *fempai*. Graças a este sistema, que coloca todos os estudantes, no fim dos quatro anos de universidade, não saberão o que é o desemprego, mas as suas preferências e mesmo a sua especialização não entram necessariamente em linha de conta. Um amigo de Xiao Wang, diplomado em letras clássicas, foi recentemente nomeado quadro num instituto de planeamento familiar. Um irmão de um colega suicidou-se quando soube qual o lugar que lhe fôra atribuído.

Xiao Wang e a sua namorada foram muitas vezes ao badminton, à noite, adiando assim o triste momento em que cada um deles vai para a sua camarata respectiva, com os seus sete companheiros os companheiras.

À tarde volta a haver aulas. Hoje é educação física. Num terreno, o professor ensina movimentos de «handball». Para aperfeiçoar a técnica defensiva, dois estudantes colocam-se em face do guarda-redes, enquanto outros dois, fazendo-lhes frente tentam apanhar a bola. Este combate entre os cinco jogadores é repetido durante toda a aula. Cada um deles vai tomando o lugar de um atacante, de um defensor e do guarda. A decomposição dos gestos e a repetição dos movimentos, serenamente vigiados pelo professor, talvez permitam que a equipa de Beida ganhe um desafio universitário.

Às quatro horas Xiao Wang vai fazer algumas compras numas das numerosas lojas do «campus». Há ali oficinas de reparação de relógios, ou de bicicletas, um cabeleireiro, um correio, um banco e um bar. À volta de uma das seis mesas de fórmica pode beber-se um sumo de laranja, uma cerveja ou um copo de leite, e mesmo comer um yogurte ou um bolo de creme, espantoso para o meu paladar ocidental. Aberto até às 11 da noite, é muito frequentado, porque em Pequim poucos restaurantes ou bares praticam esse horário.

Depois do jantar, Xiao Wang propõe a um amigo irem ver um filme. O seu companheiro falhou o concurso mas foi, mesmo assim, admitido, visto ser Miao, minoria nacional do Sul, porque cada promoção conporta uma parte dessas minorias. Os espectáculos não faltam na universidade. Durante os exames, em Janeiro e em Julho, as salas de teatro, do concerto e de cienma estão desertas, mas a biblioteca está cheia atá às 22 horas, hora do seu encerramento. São raras as noites em que Xiao Wang pode trabalhar na sua pequena camarata. Os oito estudantes têm uma única secretária e o barulho é infernal porque alguns ouvem música disco, importada de Hong Kong ou dos Estados Unidos, em cassettes que um estudante estrangeiro lhes emprestou. Duas vezes por semana Xiao Wang pode tomar duche. As casas de banho, situadas a alguns minutos dos dormitórios, são em número insuficente, e a água só corre duas horas por dia.

Xiao Wang é um provinciano. Os pais, ambos professores, incitaram o filho único a estudar. Aluno brilhante no liceu, apresentou-se no concurso de admissão de Beida e entrou com facilidade. Quando, durante as férias de Inverno e de Verão vai à aldeia, sente-se orgulhoso de usar na lapela a insígnia da sua unidade de trabalho: em fundo branco, os quatro caracteres vermelhos *«Beifing Dazve»*, caligrafados outrora por Mao em pessoa. E, no verão passado, quando a avó o viu pela primeira vez com óculos receitadsos pelo dispensário de Beida, exclamou cheia de admiração: *«Então sempre é verdade que tu és intelectual!»*

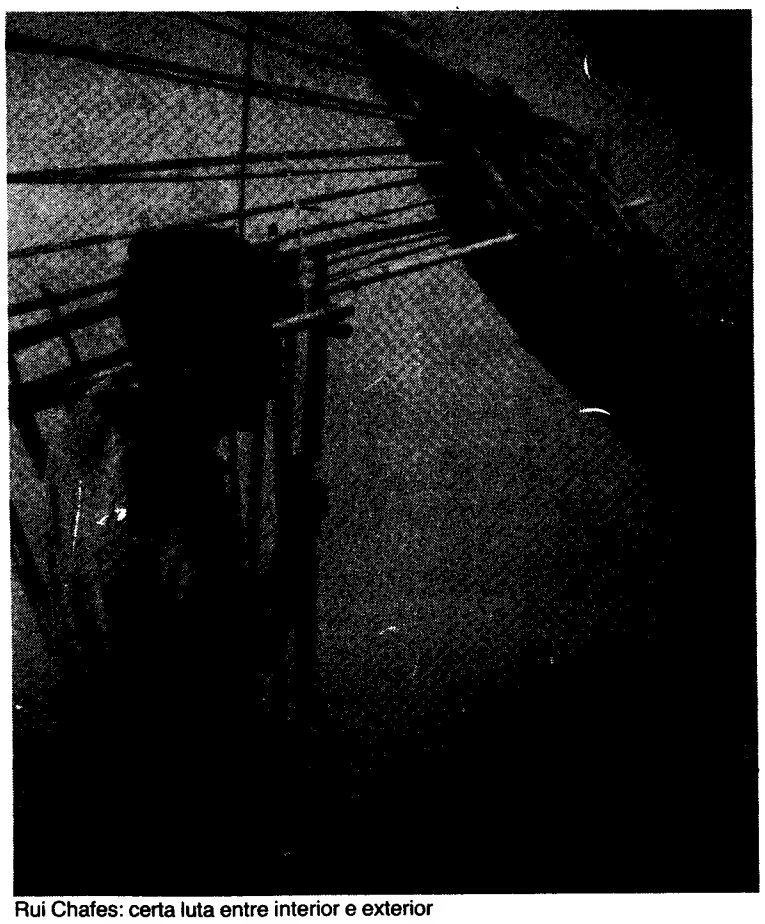
Sophie Crisloup

ARTE

Pássaro ofendido

Imagine-se uma caldeira disforme. Um convite ao Inferno, talvez ao Inferno em que vivemos. Um olhar para o passado, em que as árvores tinham cheiro, desses que a cidade vai perdendo. Talvez esteja tudo isso na «escultura» que Rui Chafes acaba de mostrar ao público, na Galeria Leo, em Lisboa.

Sente-se, em grande parte dos jovens que começam, actualmente, a dar parte da sua actividade como artistas plásticos, o reflexo da violência de uma época. Da agitação em que nos encontramos mergulhados. Da luta que alguns travam pela preservação de algo, nem que seja a capacidade de gritar, de incomodar, de agredir. Rui Chafes parece não escapar a esta posição. Já a sua escultura mais recente, em pedra, que o público pôde ver na ESBAL há pouco tempo mostrava bem a violência e a solidão dele, evidentemente, mas talvez, também, a de uma geração inteira em que a inquietação e a pergunta se repetem, de modo diferente de caso para caso... para onde vamos? O que é que existe? O que é que vale a pena?



Rui Chafes: certa luta entre interior e exterior

Neste caso, através de um objecto escultórico de forma irregular, tirando partido, tanto quanto possível, do espaço (curto) da Galeria Leo, Rui Chafes construiu uma estrutura em troncos naturais revestida de plástico vermelho cuja dimensão permite ao visitante colocar-se «dentro» da obra, ser envolvido por ela e, certamente através disso, de uma carga simbólica nela contida. A luta violenta de que acima se fala trava-se aqui, entre o interior e o exterior onde materiais de origem natural parecem entrar em guerra com outros, de origem sintética, num diálogo provavelmente impossível. Até o cheiro dos troncos, no interior, se opõe ao da matéria plástica cuja cor violenta, poderia ser um possível grito de alerta.

Uma experiência que pela sua carga criadora e experimental merece, desde já, toda a atenção.

■ Pássaro Ofendido, de Rui Chafes, Galeria Leo, Travessa da Queimada, 48 (Bairro Alto), Lisboa, Junho-Julho 1986

M.C.

O futuro pertence aos vírus

■ *Uma entrevista com o prof. Luc Montagnier, por ocasião da Segunda Conferência Internacional sobre o SIDA*

Pedimos ao Professor Luc Montagnier que preside com o Professor Jean-Claude Gluckmann à 2.ª Conferência Internacional sobre a SIDA, que fizesse o ponto dos conhecimentos — e do que ainda se ignora — sobre uma doença que parece, em 1986, não poupar nenhum país, nenhum continente, e que receia-se que possa provocar na África negra equatorial uma verdadeira hecatombe.

COMO se explicá que numa época em que a maior parte das doenças infecciosas são vencidas — por vacinas ou tratamentos — possa surgir no Ocidente uma epidemia tão grave devida a um vírus que ainda ninguém observara antes?

— As circunstâncias que levaram ao aparecimento da epidemia da SIDA não são fundamentalmente diferentes das que desencadearam as epidemias do passado. Estas últimas dependiam do encontro de um germe preexistente e de uma população «nova» perante o germe, isto é, geneticamente muito sensível. Mesmo num passado recente, a humanidade teve de fazer face a graves epidemias (gripe, cólera). Os antibióticos têm um espectro de acção muito amplo, que lhes permite agir sobre bactérias ainda desconhecidas, ou pouco conhecidas, como as **legionella.** Quanto ao vírus, não se dá o mesmo. Não há antiviral universal, à parte o interféron, que é uma substância natural, inventada há muito tempo pelos vertebrados. Há pois, segundo as mudanças de ambiente, um lugar para vírus antigos que até então vegetavam. O futuro pertence ao vírus!

Quanto à SIDA, há provavelmente um vírus antigo (ou vários) em África, e bem tolerado por certas populações que, devido a circunstâncias geopolíticas — transtornos profundos ligados à descolonização — infectou populações africanas não preparadas geneticamente para esse vírus, depois populações «caucasianas», americanas e europeias, igualmente não preparadas para o vírus.

A promiscuidade sexual, ligada às viagens — tanto em África como no Ocidente — e a utilização intensiva do sangue ou dos produtos do sangue estão na origem da brusca explosão que actualmente vemos. Na África Central a epidemia precedeu em alguns anos a dos Estados Unidos. E ela atinge agora a Europa.

— *Quais serão as consequências das descobertas recentes, entre os africanos, de dois vírus (LAV-II e HTLV-IV) próximos — mas diferentes — do da SIDA um deles provocando a doença e o outro não? A existência desses vírus que os testes de despistagem actualmente disponíveis não identificam, põe em causa a viabilidade desses testes e a segurança das transfusões?*

— Esses dois novos vírus, LAV-II e HTLV-IV, foram isolados simultaneamente na África do Oeste, o primeiro entre pacientes atingidos pela SIDA ou doenças aparentadas, o segundo só entre portadores sãos. Estes dois vírus parecem próximos mas, para ter a certeza disso é preciso compará-los entre si graças a uma análise molecular, e situá-los em relação ao LAV/HTLV-III e ao STLV-III, provocando este no macaco uma síndroma aparentado com a SIDA do homem.

Desde já é possivel encarar as consequências científicas e as consequências práticas importantes destas descobertas. O facto de estes novos vírus estarem mais próximos do vírus dos macacos pode fazer pensar que talvez se trate de vírus mais «primitivos», derivados de um antepassado comum a certos macacos e ao homem.

Por outro lado estas descobertas poderiam permitir dispor de um modelo animal muito importante para estudar o mecanismo da doença, tentar novos tratamentos e vacínas. Com efeito, é provável que o vírus do tipo LAV-II, ao contrário do LAV-I, possa multiplicar-se nos macacos inferiores, e talvez provocar nesses animais uma doença próxima da SIDA.

Quanto às consequências práticas, elas dizem respeito à despistagem do vírus entre os dadores de sangue. Os testes actuais são de grande credibilidade e permitem detectar, na sua versão recente, quase todos os dadores de sangue portadores de anti-corpos contra o LAV-I. Eles também permitem detectar os portadores de LAV-II se estes tiverem uma taxa de anti-corpos suficientes contra as proteínas internas do vírus. Em caso inverso, tais portadores só são detectados através dos testes específicos para o vírus LAV-II. O Instituto Pasteur de Paris encara pois a hipótese de, num futuro próximo, utilizar este vírus na despistagem, aumentando assim a credibilidade dos seus testes.

— *Alguns dos 100 00 a 200 000 franceses cujos testes em questão revelam que estão contaminados pelo vírus — e portanto contagiosos — terão a doença e outros não, sem que possa, na hora actual, predizer tal evolução.*

Que tipo de investigação está a levar a efeito no que diz respeito a este problema?

— É um problema fundamental. Ele preocupa, com razão, as pessoas seropositivas e os médicos que as tratam.

É um objectivo importante da nossa investigação. Faltam-nos actualmente testes que permitam saber quem vai ter uma doença grave ou não. A realização destes testes depende na verdade do nosso conhecimento do mecanismo exacto da doença. Trabalhamos actualmente no modelo de uma doença secundária auto-imune. Uma primeira fase de infecção viral mais ou menos longa e relativamente bem suportada (teste positivo: poucos sinais clínicos ou ausência deles), depois, bruscamente, por razões mal conhecidas tudo se complica. O sistema linfocitário auto-destrói-se depois das primeiras destruições induzidas pelo vírus. A presença deste já só tem então um papel secundário.

— *As equipas do Instituto Pasteur realizaram um teste que permite identificar a presença do próprio vírus, e já não a presença, mais incerta, dos anticorpos que ele suscita?*

O chefe dos serviços de virologia do Instituto Pasteur

— A grande maioria das pessoas infectadas pelo vírus são portadoras de anticorpos, excepto nas primeiras semanas que se seguem à infecção. A detecção do vírus directamente nas células do sangue seria o ideal, mas ele só é produzido numa pequena fracção das células sanguíneas (entre 1 por 10 000 e 1 por 100 000 linfócitos produto do vírus) e os testes de detecção do vírus (pelos seus antígenos ou pelo seu ácido nucleico), embora muito sensíveis, não o são ainda suficientemente para suplantar os testes actuais de detecção dos anticorpos.

Por outro lado, o vírus pode manter-se em estado latente durante muito tempo nos linfócitos ou noutras células do organismo, de um modo quase indetectável.

— *Algumas companhias americanas já submeteram às autoridades governamentais pedidos de colocação no mercado de testes ditos de segunda geração. Os franceses estão no mesmo estado? Qual é a vantagem desses testes?*

— Os testes ditos de segunda geração consistem na utilização de fragmentos de proteínas purificadas, fabricadas geneticamente ou por síntese química, em vez do vírus inteiro produzido por células de cultura.

Trabalhamos activamente neste domínio, em ligação com os nossos colegas americanos da sociedade Genetic Systems. Mas o problema consiste em fazer tão bem (ou melhor) como os testes de primeira geração.

Estes, fabricados segundo o processo realizado por Diagnostic Pasteur e Genetic Systems têm grande credibilidade, superior à dos concorrentes de primeira geração. Esse ainda não é o caso dos testes de segunda geração.

«Ainda não temos nenhum antiviral não tóxico»

— *Segundo os dados americanos e franceses, a doença continua a ser 100% mortal. As concepções terapêuticas progridem? E em que caminho? Haverá meios que permitam — no que diz respeito aos portadores sãos — impedir o desencadeamento da infecção viral e do processo de destruição do sistema imunitário, que constituem a SIDA estudada?*

— Uma doença viral nunca é mortal em 100% dos casos, salvo talvez a raiva. Dito isto, em certos grupos de homossexuais americanos acompanhados desde 1978, o número de casos de SIDA aumenta regularmnete de ano para ano, depois da primeira infecção pelo vírus. Mas não se podem extrapolar os dados de um grupo de risco, para todas as pessoas infectadas, principalmente para os hemófilos.

Segundo a nossa teoria, que está a ganhar numerosos adeptos, toda a estimulação antigénica e todo o factor de imunodepressão contribuem para aumentar a difusão do vírus nos linfócitos, e a atingir o ponto crítico onde tudo é perturbado. Daí a utilização contínua de um antiviral não tóxico seria recomendado nos portadores ditos «sãos» de vírus. Ainda não possuímos um tal antiviral.

Entretanto aconselha-se às pessoas infectadas que evitem a todo o custo as estimulaçõs antigénicas (dadas por qualquer infecção ou contacto com proteínas estranhas) e também que evitem entrar de novo em contacto com o vírus. Para os homossexuais isto implica uma mudança radical de estilo de vida, uma manutenção em bom estado do sistema imunitário através de imuno-estimulantes ligeiros. Para os hemofílicos, recorrer o menos possível aos factores anti-coagulantes e levar uma vida o mais calma possível.

No que diz respeito aos doentes atingidos pela SIDA ou por severos sinais percursores da SIDA, a associação de antivirais (HPA.23, Ribavirine, Azidothymidine, etc.) a medicamentos imunomoduladores ou imunodepressivos (corticóides, ciclosporina A, na hipótese de uma doença auto-imune) pode ser encarada. No entanto, os ensaios clínicos que implicam uma associação de vários medicamentos são por vezes muito longos. Também aí ganhar-se-ía muito tempo se se disposesse de um modelo animal.

— *Que pensa da vacina actualmente realizada nos Estados Unidos por manipulações genéticas e recorrendo ao vírus da vacina?*

— A introdução no vírus da vacina do gene «env» (1) responsável pela secreção das proteínas que induzem no homem os anticorpos responsáveis pela sua defesa está em estudo nos Estados Unidos e em França. Temos a este respeito uma colaboração com as sociedades Transgéne e e Pasteur-Vaccines. Uma tal vacina, de vírus benigno (o da vacina), mas vivo, pode dar uma boa protecção como a que já foi demonstrada pela proteína de enveloppe, «env», da raiva.

Estão em curso experiências em chimpanzés e saber-se-á provavelmente antes do fim de 1986, se uma tal vacina protege o chimpanzé de uma infecção pelo vírus. Se for este o caso faltará depois encontrar voluntários humanos.

Trata-se pois de um caminho interessante, mas não é o único. Há outras vias, por exemplo a utilização de certos fragmentos das proteínas que envolvem o vírus, fabricados por bactérias ou quimicamente sintetisadas para induzir os anticorpos neutralizantes. Mas aí a imunidade será provavelmente menos sólida e menos duradoura, sem que se possa garantir uma total ausência de perigo, de resto não mais do que no caso precedente.

O risco de tais vacinas é que podem induzir uma auto-imunidade contra proteínas do organismo apresentadas com as proteínas do vírus. O perigo é, na verdade, difícil de avaliar. Foi, de resto, referido para a vacina contra a hepatite B, mas isso não se produziu. Esta última vacina é particularmente segura. Podemos pois ter um certo optimismo no que diz respeito à vacina contra o LAV. Mas será necessário um longo período de avaliação.

Uma vacina obrigatória

– Tendo em conta a gravidade da doença e o seu custo assustador para a saúde pública (6,2 mil milhões de dólares para os primeiros 10 000 casos americanos), pensa que a vacina será obrigatória para todos?

– Sim, num primeiro tempo para as pessoas de risco, depois, talvez para todas as crianças antes da idade dos primeiros contactos sexuais.

– A Organização Mundial de Saúde é um dos organizadores do congresso de Paris. Ela preocupa-se particularmente com a situação africana, que parece dramática. Pensa que o Ocidente deva distribuir gratuitamente aos países africanos os testes de despistagem e – ulteriormente – a vacina? A rede dos institutos Pasteur africanos colabora com a vossa equipa?

– Há, efectivamente, um grande esforço de solidariedade a fazer, por parte dos países industrializados no que diz respeito à África. Há, antes de mais, a informação a comunicar às populações africans, pondo em evidência o papel dos contactos sociais na propagação da doença. 70% das prostitutas e 10% da população geral de certas grandes cidades da África Equatorial Central estão infectadas. A utilização de testes de despistagem não muito caros seria um passo muito importante para avaliar a extensão exacta da epidemia.

Colaboramos activamente com os institutos Pasteur do Senegal e da Costa do Marfim, principalmente no que diz respeito aos testes de diagnóstico e ao LAV-II.

– Os trabalhos levados a efeito sobre a SIDA trouxeram esclarecimentos importantes sobre o conhecimento dos cancros, e permitem encarar processos terapêuticos ou preventivos manifestos nesse domínio?

– *É difícil predizr o impacto exacto dessas investigações sobre novas contribuições terapêuticas do cancro, mas será provavelmente importante. Os trabalhos sobre a SIDA já mostraram o papel essencial das diferenças imunitárias celulares na resistência do organismo ao desenvolvimento de certos cancros, entre os mais antigenéticos. Porquê estes e não outros? Talvez porque eles são causados por vírus que falta encontrar.*

Isto pode pois estimular a procura de novos vírus cancerígenos no homem e também conseguir um desenvolvimento da imunoterapia específica e não específica, actualmente mais lenta. Por fim, a estratégia molecular do vírus da SIDA pode ser semelhante à utilizada por células cancerosas para escapar ao sistema imunitário. Essa última estratégia é ainda mal conhecida e necessita de novas investigações, que os resultados sobre a SIDA ajudarão a orientar.

Dr. Escoffier Lambiotte

Nota:

(1) «Env», por enveloppe. Trata-se de proteínas do enveloppe do vírus, que provocam a formação de anticoros com que os quais o organismo se esforça por o destruir.

O relançamento americano

Quando os peregrinos acordam

Ao cabo de vinte e cinco anos de torpor o Massachusetts conduz o crescimento

«*QUANDO anunciei a Michael Dukakis que ele lutaria por um novo mandato de governador, em Novembro próximo, valendo-se da mais baixa taxa de desemprego dos Estados Unidos, da mais forte subida do poder de compra e de uma baixa histórica do fisco, ele perguntou-me... se eu tinha bebido de mais.*» Com maior voltagem, como toda a equipa dirigente do Massachusetts, o secretário de finanças, Frank Keefe, tem boas razões para estar contente.

Berço dos Estados Unidos, a puritana Boston joga de novo aos pioneiros e suscita a inveja dos que há pouco troçavam: «*Se os peregrinos tivessem desembarcado na costa oeste, só teriam sido capazes de criar um grande parque nacional.*»

Uma brincadeira injusta perante a história. O Massachusetts esteve na origem da revolução industrial de além Atlântico no século XIX, e do primeiro sobressalto tecnológico ligado ao esforço de defesa lançado pelo presidente Roosevelt durante a segunda guerra mundial. A queda foi por isso mais rude. A excepção só saltou do meio dos anos 60, ainda devido à injecção de créditos destinados à defesa, a região caiu literalmente num torpor económico de vinte e cinco anos, que só terminou depois de uma recessão muito severa, em 1974-75.

Vinte e cinco anos durante os quais os americanos tiveram perante Boston e o Massachusetts o olhar vagamente enternecido e condescendente dos amadores de museus ou de universidades prestigiosas, de onde se apressavam a fugir logo que terminavam os estudos. Vinte e cinco anos cujas rudes lições os responsáveis da região querem conservar na memória. «**Diversificar**» tornou-se uma palavra de ordem, quase uma obsessão.

Um estranho cocktail

Já não se trata de depender de um único sector para assegurar o nosso crescimento. Temos que fazer o casamento do público e do privado, diversificando os programas propostos pelo Estado, usar a alta tecnologia em domínios diversos, modernizar sempre que possível, as indústrias mais tradicionais, tirar melhor partido das receitas turísticas para que o futuro seja brilhante», afirma Michael Dukakis.

Vivo sorridente, mas de olhar incisivo sob espessas sobrancelhas pretas, o governador do Massachusetts, estrela que sobe no Partido democrata, é um atacante lúcido e pragmático. Levou-o a isso a sua experiência pessoal.

O seu primeiro mandato de governador, entre 1974 e 1978, marcado por novas subidas de impostos num Estado dito «Taxachusetts», valeu-lhe uma terrível derrota, com o que ganhou um republicano, Edward King. De novo à frente do Estado, em 1982, deu, com maleabilidade e imaginação, a sua parte, a esse estranho cocktail que faz hoje do Massachusetts e sobre tudo da «grande Boston», a região económica «mais quente» dos Estados Unidos.

A dinâmica que permitiu à região renascer depende, com efeito, de uma conjugação de factores muito particulares: uma mão-de-obra tradicionalmente qualificada, uma ajuda de capital-risco abundante e estimulado pela acção do governo, uma boa parte do maná distribuído pelo Pentágono e, sobretudo, elemento catalisador, uma riqueza universitária excepcional. Com cento e desanove colégios e estabelecimentos e ensino Superior, entre eles o MIT (Massachusets Institute of Tecnology), Harvard, Brandeis ou a Boston University, o Massachusetts há muito que merece a sua reputação de viveiro de investigadores. A emergência de uma era dos serviços e o aparecimento da «*revolução da alta tecnologia*» transformaram essas vantagens em trunfos formidáveis.

Num Estado que conta menos de 6 milhões de habitantes — isto é, 2,5% da população americana, — cinquenta mil novas empresas, por vezes minúsculas, permitiram criar cento e sessenta mil postos de trabalho em dois anos. Um ritmo que não poderá manter-se indefinidamente. O principal economista e vice-presidente do Bank of Boston, James Howell sublinha-o com uma prudência que exclui todo o pessimismo: «*A maturação das novas sociedades caminha a par com uma lentidão das criações de postos de trabalho concentrador na «Grande Boston», que, só por si, assegura três quartos do rendimento do Estado*», acha que Texaco, hoje apaixonado pela aventura do Nordeste. O que equivale a dizer que ele se sente mais próximo da DRI (Data Resources Inc.) que aposta em 290 000 novos postos até 1995, do que da Associação nacional de planificação, afirmando que serão criados 754 700 postos de trabalho na «Grande Boston» até ao fim do século.

Os drogados de trabalho

Campião americano do desemprego, com uns 12% em 1974, o Massachusetts é hoje o Estado com menos desempregados (3,8* em Abril contra uma média federal de 7,3%). E, no segundo ano consecutivo, 1985 permitiu-lhe obter a fita azul dos números mais altos de poder de compra, com uma progressão de 7,8%. É certo que, em parte, isto é devido ao facto de os salários terem estado durante muito tempo abaixo da média americana, deixando ainda às empresas uma vantagem avaliada por Howell em dois dólares, em relação às remunerações horárias da costa oeste ou da Região dos Grandes Lagos.

Em todo o caso, o que alguns qualificam de «*pequeno milagre económico*» nunca se teria produzido se, com o correr dos anos, a lendária desconfiança entre o público e o privado não se tivessem atenuado graças à multiplicação dos projectos que aliavam fundos federais ou governamentais, espírito de empresa dos meios de negócios, investigação dos meios universitários.

Uma síntese cujos meios mais espectaculares permitiram a criação de Wang, Digital Equipment ou Data General, e cujos arquitectos são esses «*workaholics*» (drogados do trabalho) que, na «*estrada 126*» nos anos 70, até à «**estrada 485**» da actualidade, puseram em concorrência os superdotados das melhores universidades.

Essa efervescência não exclui um mínimo de organização. Segundo a opinião geral o MIT continua a ter um papel de «incubadora» Vital, com os seus cinquenta laboratórios interdisciplinares que beneficiam de um orçamento para investigação de mil milhões de dólares por ano. A ligação com os meios de negócios é assegurada por um pequeno organismo de cinquenta pessoas, o Programa de ligação industrial bem conhecido das empresas americanas, mas também estrangeiras.

«*Por um direito de entrada modesto, 40.000 dólares para as maiores sociedades, asseguramos o acesso às investigações do MIT*», indica o director-adjunto de Programa, Thomas Moebus, um nova-iorquino também seduzido pela ebolição de Boston. «*À volta de 35% das companhias inscritas são agora estrangeiras: metade europeias — 9 francesas, poucas alemãs (querem fazer elas próprias a sua investigação) — e metade japonesas.*»

Esse interesse asiático preocupa alguns. Não irá o Japão renovar, na biotecnologia, o seu «tour de force» dos vídeos e tirar partido do esforço de investigação — desenvolvimento dos outros países para melhor preparar uma entrada triunfal no mercado internacional onde os seus dons de comercialização são sempre maravilhosos? De momento ninguém põe em causa as sólidas teses liberais de políticos, banqueiros ou investigadores, que afirmam todos eles: «*Basta continuar a provar que somos os melhores*».

Para o conseguir, o Massachusetts sabe que pode contar com contactos impressionantes do departamento da defesa: 7,7 mil milhões de dólares em 1985 e, sem dúvida, uns 12% dos 1700 mil milhões de dólares previstos pela administração Reagan para os próximos sete anos.

Centros ao mais alto grau

Resolvido a não misturar tudo, como o diz um dos seus colaboradores, o governador Dukakis lançou, há pouco mais de um ano, cinco programas de promoção da oceanografia, , da energia fotovoltaica, da biotecnoilogia, da química dos polimeros e da microelectrónica. Cinco «*centros ao mais alto nível*» destinados a ampliar a gama dos sectores de ponta onde o Estado pensa ter uma cartada séria a jogar, fora da investigação médica ou da inteligência artificial — «*a melhor equipa encontra-se aqui*», diz um dirigente francês.

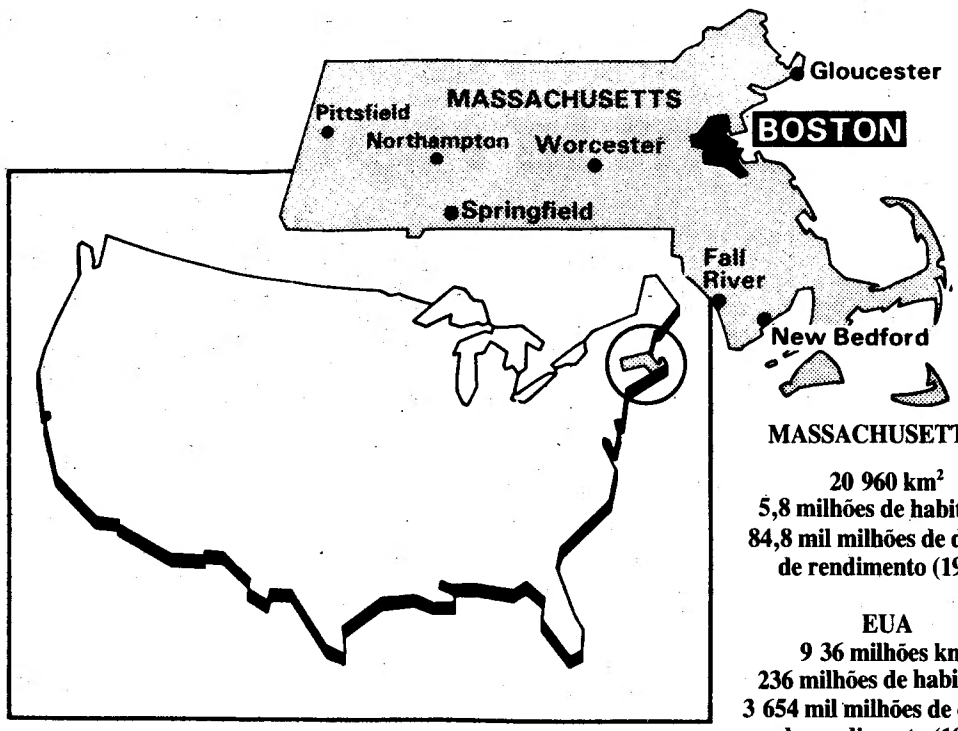
Os centros encontram-se instalados fora da «Grande Boston». Porque, mais prosaicamente, será necessário encontrar uma solução para sérios problemas de infra-estrutura e de construção. Reverso da medalha de uma expansão rápida, a cidade de Boston está superpovoada. Os engarrafamentos tornam-se um pesadelo quotidiano. «*Em dez anos, o preço do metro quadrado duplicou e atinge praticamente os níveis nova-iorqueinos*».

Encontrar uma solução que preserve os duzentos e setenta edifícios classificados, estabelecer um plano de urbanismo em que os arranha-céus não esmaguem os bairros nostálgicos de pequenas casas de tijolo do século passado, orgulho dos naturais de Boston, parece ser uma missão impossível. Mas «Impossível» não faz parte do vocabulário do responsável pelo desenvolvimento da cidade. Steven Coyle, de regresso depois de ter adquirido em Nova Iorque e na Calofórnia uma reputação de génio. Assim, os habitantes de Boston esperam, meio inquietos meio apaixonados, pelo novo rosto de uma cidade cheia de andaimes. Sem entusiasmos excessivos.

«*Menos acolhedores dos que os habitantes do Middle-West, menos indolentes do que os californianos, os bostonianos não são extrovertidos. Mesmo a sua opulência é discreta,* constata um europeu. Para melhor fazer valer a solidez das bases de uma properidade assegurada pelo menos por cinco anos, a acreditar nos economistas. Depois disso, quem se atreve a ter uma certeza? Howell acha que se jogará muito na capacidade das empresas «*tomarem uma melhor medida da concorrência internacional, europeia ou asiática*».

Prudente, o governador Dukakis decidiu, por sua vez, prever o pior. O excedente orçamental de 575 milhões de dólares de que dispõe será utilizado na criação de prédios de habitação, no financiamento já este ano, das diminuições fiscais de 340 milhões de dólares inicialmente previstos para daqui a dois anos, mas também na criação de um fundo de estabilização. «*Para os dias maus*», diz o secretário das finanças, sorrindo. De novo confiante na sua boa estrela, o Massachusetts «*dormir demasiado para se deixar surprrender de novo pela sonolência*». Palavras que soam como uma prevenção.

Françoise Crovigneau



MASSACHUSETTS

20 960 km²
5,8 milhões de habitantes
84,8 mil milhões de dólares de rendimento (1984)

EUA
9 36 milhões km²
236 milhões de habitantes
3 654 mil milhões de dólares de rendimento (1984)

A sétima face do dado

A **American Economic Review** contém uma série de artigos sobre um domínio pouco tratado, a economia da arte. William B. Baumol trata do assunto: **«Os valores não naturais: o investimento em obras de arte com um jogo de dados»** (1). A ideia do autor é que não pode existir preço de equilíbrio para as obras dos pintores desaparecidos. O preço dos quadros pode flutuar, tanto mais que os profissionais consideram a pintura como um objecto de investimento.

A oferta não é elástica. Isto não impede que, tal como no mercado de um título, o preço flutue de modo aleatório. Uma dificuldade provém da falta de dados.

No entanto dispõe-se da lista das transacções públicas feitas com quadros dos pintores mais célebres num período de cinco séculos. Baumol utilizou séries de mais de seiscentas transacções efectuadas entre 1652 e 1961. Claro que para tornar os preços comparáveis, teve que proceder à deflação dos preços através de um índice, a fim de ter em conta a evolução do poder de compra.

A taxa de rendimento médio do investimento em obras de arte foi da ordem dos 0,55% por ano e a taxa de rendimento médio, de 0,85%, quer dizer que metade das obras de arte tiveram um rendimento superior, mas metade um rendimento inferior. Em comparação, um título garantido pelo Estado, teve um rendimento anual médio três vezes superior.

A fraqueza do rendimento não é a única característica deste tipo de investimento. O rendimento também é extremamente disperso. Baumol encontra, com efeito, taxas de rendimento anual de 27%, mas também taxas de — 19%! Em mais de 40% dos casos, o rendimento é negativo. Em 60% dos casos ele é inferior ao de um título garantido pelo Estado.

Para mais, produzem-se os ganhos e as perdas maiores quando a obra de arte foi de novo vendida mais de cinquenta anos depois de ter sido comprada. Quanto mais o período de detenção se alonga, mais as taxas de rendimento tendem para o valor médio. Os quadros de mestres são pois valores artísticos e não valores de carteira. ■

Nota:

(1) William B. Baumol, «unnatural Value of Art Investment as Flooting Grasp Game», **American Economic Review**, de Maio de 1986.

Aquelas empresas sem estrela-guia

O relançamento americano

Por vezes faltam pontos de referência à modernização

PARA o amador de suspense, o quadro de bordo da conjuntura americana não é nada excitante. Desde meados de 1985 que a maior parte dos indicadores de procura e de produção estão perto da horizontal, no melhor dos casos em fraco crescimento. É tal a convergência dos sinais que a publicação das contas provisórias do primeiro trimestre de 1986 mostraram um ritmo anual de crescimento de 3,7%, deixando os observadores incrédulos. Uma vez mais o movimeno dos stocks era acusado. O número revisto é de 2,9%...

O que chama sobretudo a atenção do viajante é o contraste entre este país sigularmente calmo e o optimismo que continuam a mostrar os economistas das grandes empresas, no que diz respeito aos próximos meses. Todos explicam que a descida dos juros, o nível competitivo do dólar, os preços particularmente baixos das matérias-primas e os stocks ainda fracos constituem outros tantos indicadores que levam a uma previsão de aceleração do crescimento. De momento, porém, a realidade é francamente menos cor de rosa do que as antecipações.

Devemos espantar-nos com esse caminhar hesitante da economia americana? Antes de mais é bom não esquecer que esse país tinha um bom avanço sobre nós. A recuperação data do fim de 1982, com um «boom» espectacular do investimento. Não tem nada de anormal que os americanos tenham agora entrado no **«após-recuperação»**. Acrescenta-se-lhe, no plano mundial, uma expansão mais fraca do que fora previsto.

A baixa dos preços do petróleo foi considerada demasiado depressa como a fonte de riqueza que devia trazer automaticamente consigo uma aceleração do crescimento dos países industrializados. Na realidade ela implica que os países que acumulam os excedentes, os reciclem, activando a sua procura interna, o que não é visivelmente feito — ou não suficientemente — pelos dois principais «acumuladores», o Japão e a Alemanha Federal. Quanto a este último país, os indicadores mais recentes não são bons e sugerem, na melhor das hipóteses, uma estabilização da actividade.

Nestas condições, não causa espanto que o crescimento mundial fique áquem das previsões. E quando os nossos interlocutores americanos nos dizem que o estado das suas finanças — internas e externas — lhes proibe armar em locomotivas, o argumento parece dificilmente contestável.

Em proveito do consumo

Quer então dizer que nada mexe nos Estados Unidos? É aí que o contacto directo com as empresas é insubstituível: para além das estatísticas globais, caras ao autor das conjunturas, é preciso procurar as tendências de fundo, investigar os comportamentos mais significativos.

É assim o reequilíbrio em favor do consumo, não desmentido há já vários meses, depois de três anos de moderação em favor do investimento. No primeiro trimestre deste ano, a tendência ainda se afirmou: a Sears and Roebuck mostra uma notável progressão do seu volume de negócios; a General Electric evoca a expansão dos bens duradouros, ligados à construção civil, de resto estimulados pela difusão de novos produtos (a electrónica doméstica começa, enfim, a tornar-se uma realidade).

Em comparação, o investimento mantem-se mole, átono, e as encomendas actuais não sugerem nenhuma melhoria a breve prazo, tanto que se põe por vezes em causa o credo dos últimos anos, em glória do investimento. Não terá havido, dizem-nos economistas de toda a índole, uma certa **«indigestão»** de investimentos? E evocam os excessos ligados à existência de numerosos **«abrigos fiscais»**, precisamente os que o projecto de reforma recentemente votado pela comissão senatorial, se vai esforçar por suprimir. O equilíbrio global do projecto não irá traduzir-se numa clara transferência da carga fiscal dos particulares para as empresas avaliado nums 100 mil milhões de dólares?

Assim, tudo converge. Espontaneamente iniciado, o reequilíbrio em proveito do consumo vai ser reforçado pela reforma fiscal. Socialmente agradável, essa pequena revolução não é, evidentemente, de encarar no nosso país, onde seria, pelo menos, prematuro falar de excessos de investimentos! Aqui, é o contrário. Os americanos estão na colheita, enquanto nós ainda semeamos.

Outro tema à moda, que alimenta as conversas nos meios económicos americanos: o **«remodeling»** que quer ao mesmo tempo dizer reabilitação e reconcepção das construções antigas. Se a ideia não é nova, a sua tradução em termos de mercado tomou dimensões espectaculares nos três últimos anos. Pode tratar-se de pequenas melhorias numa casa, mas também pode ir até à completa remodelação de um bloco habitacional.

Visivelmente, os Estados Unidos querem reduzir a distância entre o alto nível técnico — e estético — das construções novas e o estado por vezes lamentável dos edifícios antigos. As casas são arranjadas e isso participa de um esforço que é outra maneira de pôr em primeiro lugar a preocupação pelo bem-estar do consumidor. Isto representa mercados imensos para a indústria da construção e seus fornecedores!

Também participa neste grande movimento, a costa Leste, outra surpresa que salta aos olhos do visitante. A imagem de Epinal apresentava-nos essa região como em vias de subdesenvolvimento, já que a moda empurrava para o Sul e para o Oeste. Segundo as últimas notícias, o Sul já não é tão brilhante — por razões evidentes — e o Nordeste, enretuanto, reagiu.

As tradicionais indústrias pesadas dão lugar, cada vez mais, aos sectores **high tech,** às indústrias sem fumo, e aos laboratórios que a pouco e pouco substituem os altos fornos, fundições e laminadoras do passado. Nada de miraculoso, o simples sinal de uma adaptação imfinitamente superior à da indústria europeia. Por razões humanas, claro está, mas também, mais prosaicamente, por razões financeiras. A amplidão das margens de exportação das empresas americanas facilitou a modernização, a grande miséria das europeias atrasou-a. O que explica que os americanos possam hoje fazer uma pausa no que diz respeito a investimentos, enquanto nós temos que acentuar mais ainda o nosso esforço.

É certo que o facto de estar à cabeça em matéria de inovação nem sempre dá benefícios. A indústria informática americana sabe algo àcerca disso. Por se ter desenvolvido muito mais depressa do que a europeia, conhece hoje uma crise muito mais grave. O tema é discutido em todos os debates. Nada a ver com a actual moleza do conjunto dos investimentos: o fenómeno é muito mais grave, trata-se na verdade de uma **baixa** das vendas de computadores, como nunca se tinha visto antes.

Economistas e engenheiros já passaram horas a fazer o inventário dessa crise. Dever-se-á falar de saturação? Não haverá antes uma dificuldade dos homens utilizarem essa ferramenta-milagre — subitamente multiplicada pelo aparecimento dos micro, — adaptarem-na à organização da firma? Não se deverá evocar muito simplesmente os problemas orçamentais dos utilizadores? Outrora considerada um gadget, a informática não era vigiada. Agora que ela se tornou um investimento importante, suportou as voltas de parafuso impostas pelas direcções gerais.

Vai-se por vezes mais longe, até ao problema global da «economia» da informática: utilidade, tamanho preferencial, relação custo-sucesso. A sua difusão fez-se à custa de baixas de preço espectaculares no hardware. Mas hoje é o soft que pesa, e aumenta constantemente. Eis muitas perguntas e poucas respostas asseguradas.

Albert Merlin

Não se esperem milagres

As revistas especializadas confirmam que a economia da oferta foi apresentada de modo extravagante

QUE resta da economia da oferta? É a pergunta que faz Martin Feldstein no seu artigo da **American Economic Review:** «A economia da oferta: velho mito e novos clamores» (1). O termo à moda, «economia da oferta», é uma resposta ao de «economia da procura», saído do pensamento keynesiano, segundo o qual o nível do produto nacional e do emprego depende da amplitude da oferta. Durante os anos 60 e 70 as pessoas deram-se conta de que não bastava estimular a procura para assegurar a prosperidade, mas que também era preciso interessar-se pela oferta, isto é, pela acumulação do capital, pelo progresso técnico e pela melhoria da qualidade do trabalho.

Em 1981, o Congresso americano tomou uma medida muito importante de estímulo, que consistiu em baixar a taxa marginal dos impostos. A poupança, em especial, teve as taxas largamente diminuídas. Daí resultou um incitamento à poupança, ao risco e ao trabalho. Tudo isto era bem clássico. No entanto, os «modernos» apresentaram a política económica de modo estravagante, com a curva de Laffer, e daí resulta que a baixa da taxa de impostos aumenta as entradas fiscais em proveito do Estado. Também se disse que, mesmo que o défice orçamental fosse aumentado, a redução do imposto estimularia tanto a poupança que o défice poderia facilmente ser financiado.

Quando os resultados não corresponderam às esperanças, houve quem concluísse que os indivíduos tinham preferido consumir tempos livres. É, no entanto, clássico, que uma redução das taxas de impostos mais elevadas tem poucas consequências na oferta de trabalho e que os efeitos que incitam à poupança e ao investimento não se produzem muito depressa. O lado muito excessivo da apresentação moderna da economia da oferta não deve lançar o descrédito sobre ela. O que é necessário é que não se esperem milagres.

Há dez anos que se considera que há dois tipos de política económica: uma delas repousa em regras ou normas conhecidas de todos, a outra em medidas discricionárias. Robert Barro procurou fazer o ponto sobre os «desenvolvimentos teóricos recentes da política de normas contra a política discricionária» (2). As regras devem ser compreendidas como uma espécie de empenhamento em fazer qualquer coisa, eventualmente em função de um acontecimento qualquer. As medidas discricionárias, pelo contrário, são o resultado de um empenhamento em fazer o melhor possível, em funcção das circunstâncias.

Vejamos a política monetária para ilustrar o conteúdo de uma política económica discricionária. De um modo clássico, diz-se que a política monetária tem efeito sobre o nível geral dos preços. Como só as subidas inesperadas de preços têm um efeito positivo sobre o volume da actividade económica, ao contrário das subidas previstas, as autoridades monetárias vão criar uma política de inflação inesperada. Os agentes económicos prevêem a realização de tal política, mas não sabem em que momento. Esperam pois taxas de inflação elevadas e regem a partir daí o seu comportamento. Neste quadro, a inflação não pode desaparecer. Ela será sempre mais ou menos elevada do que a prevista, mas ficará.

Se a política económica responde a normas, as autoridades monetárias empenham-se na taxa de crescimento da massa monetária e na inflação. Se os empenhamentos são credíveis, os agentes económicos vão tomar como previsão da taxa de inflação, a taxa anunciada pelas autoridades monetárias. A inflação pode ser de uma taxa baixa e manter-se constantemente a esse nível. Isto implica que se resiste à tentação do relanço monetário, que podia ser benéfico no imediato, mas faria perder às autoridades monetárias a sua credibilidade.

A política discricionária cria uma taxa de inflação mais elevada do que a política normativa. Paradoxalmente, ela é, no entanto, preferível, porque a economia aproveitará, pelo menos, os efeitos de surpresa que ela cria.

Os estudos recentes sobre a moeda fazem todos eles surgir uma ruptura em 1980. Com efeito surgiu à luz a existência de uma ligação bastante estável entre a massa monetária e o produto nacional bruto durante os anos 60 e 70. Mas desde o fim dos anos 70, a estabilidade dessa relação foi de novo posta em causa. Richard Kopcke, no seu artigo da **New England Economic Review,** faz esta pergunta: **Qual é a irregularidade do crescimento da massa monetária?** (3).

O autor examina três relações entre a massa monetária e o produto nacional bruto. A primeira relação é definida pela velocidade de circulação da moeda. Essa velocidade é calculada pela relação entre o produto nacional bruto e a massa monetária. Nos Estados Unidos a taxa de crescimento anual do produto nacional bruto foi muito regularmente superior em 3,1 pontos ao da massa monetária. A velocidade de circulação da moeda foi pois estável durante este período.

A definição da massa monetária é muito controvérsa, mas encontra-se uma velocidade mais ou menos estável seja qual for a definição da massa monetária em causa. Com o fim dos anos 70 verifica-se, no entanto, que a velocidade de circulação diminuiu, sensivelmente, afastando-se mais da tendência passada, tanto mais que a massa monetária é encarada num sentido pouco lato.

Também são examinadas as relações entre a massa monetária e o produto nacional bruto, que resultam da procura de moeda. As dificuldades provêm do facto de as previsões relativas à massa monetária dependerem das previsões sobre o produto nacional bruto, as taxas de juro e a inflação. Mas mesmo estas variáveis dependem da evolução da massa monetária. Há portanto riscos de racioncínio circular, se não se tiver cuidado. Tal como nos outros testes, depois de 1980, o erro de previsão aumenta muito sensivelmente.

Para tentar encontrar uma relação estável entre a massa monetária e o produto nacional bruto, o autor propõe voltar às bases de análise da moeda, de que resulta que a moeda é uma reserva de valor. A moeda deve pois ser considerada como uma das componentes da pasta de activos financeiros na posse dos agentes económicos. A parte da pasta mantida sob forma monetária, dependerá então das necessidades para assegurar os intercâmbios, do rendimento comparado dos diferentes activos, do custo de substituição de um activo por outro.

Assim, pode, por exemplo, explicar e ter em conta o facto de parte da moeda no total dos activos ter baixado sensivelmente desde o início dos anos 60 tanto nas famílias como nas empresas. Isso sugere que a baixa recente da velocidade de circulação da moeda pode explicar-se em parte pelo facto de o crescimento da pasta de activos financeiros detidos pelas famílias e pelas empresas ser actualmente mais rápido do que o do produto nacional bruto.

Daniel Vitry
Professor na Universidade de Paris II

Notas

(1) Martins Fedestein: «Supply - Side Economics: Old Truths and New Claims, **Americ Economic Review,** Maio de 1986.

(2) Robert J. Barro: «Recent Developments in the Theory of Rules Versus discretion», **The Economic Journal,** Março de 1986.

(3) Richard W. Kopcke: «How Erratic is Money Growth?», **England Economic Review,** Maio-Junho de 1986.

Janelas indiscretas XXXII

Os cimos da sedução

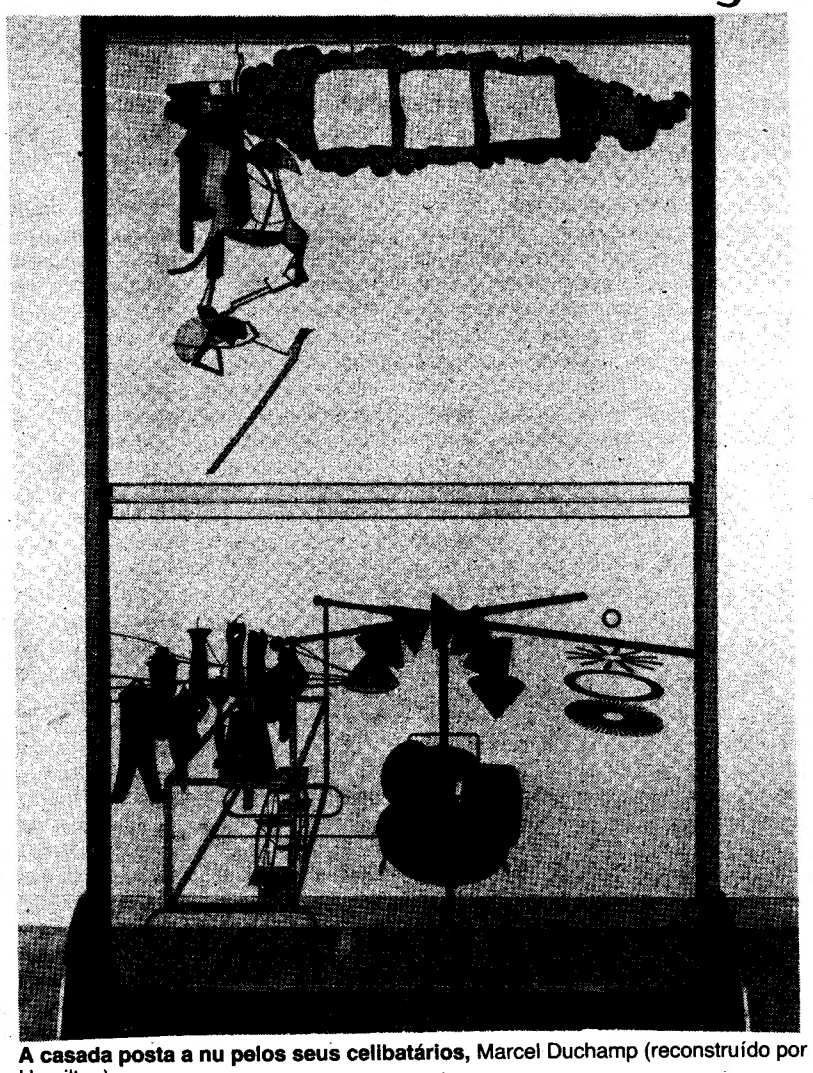
A janela, pela sua própria ambiguidade, e porque é o limite e ao mesmo tempo a passagem dos opostos (fora/dentro, transparência/opacidade, ar/ambiente...), porque pode ser escondida, ocultada, fechada, aberta, velada, munida de retrovisor, etc., revela-se como o espaço próprio de sedução. Justamente, Kierkegaard indica diversos tipos de janelas no *Jornal do Sedutor (1)*.

Já mencionámos a existência da sua janela particular (munida de retrovisor) e a recusa da linha recta. O plano de acção do sedutor requer a obliquidade a todos os níveis e priveligia, por isso mesmo, a janela na medida em que esta, distante do chão, constitui um ponto de vista de sobrevoo, um observatório. Também acontece ao sedutor quedar-se ele próprio no passeio para espiar a rapariga à janela. Que ele esteja do lado de dentro e num plano elevado, ou do lado de fora e ao nível do solo, o sedutor é sempre o observador, e a rapariga a observada. De resto, mesmo quando uma jovem olha ansiosamente ou discretamente pela janela, para ver chegar o amante que espera, ela não deixa de ser ao mesmo tempo olhada por Johannes, que a *vê ver*. «Entrevejo essa encantadora cabecinha encaracolada que se debruça à janela quanto pode. Desde há três dias que observo este gesto... Uma rapariga não se debruça assim da janela sem ter para tal uma boa razão» (1, pág. 356).

No mesmo sentido, o sedutor conta-nos uma pequena história paralela à sua. Trata-se de relações de olhar (uma história oblíqua) a que ele assiste enquanto *voyeur*. Uma rapariga espreita pela janela, todos os dias, à mesma hora, a passagem de um oficial que ergue a cabeça para responder ao olhar. A descrição da janela manifesta-se importante para o sedutor, na medida em que um sinal distintivo a marca: «uma vidraça coberta por uma cortina que a mascara. O tecido dessa cortina é muito leve...» (1, pág. 366).

Esta janela inscreve-se, assim, no mundo da decoração de bastidores e, ao mesmo tempo, necessariamente, no mundo da sedução. A cortina quase-transparente atrai o olho do especialista da representação: «na verdade, foi o tecido que atraíu a minha atenção para essas gentis comunicações telegráficas. As outras janelas estão despidas; haverá alguma cortina ocultando uma vidraça isolada? Esse é o sinal que alguém ali vem permanentemente» (1, pág. 366).

Como a janela é o elemento estratégico da sedução (vê-lo-emos igualmente em Freud), Johannes tem-na em conta, e de diversos modos. Faz dela um uso diurno e um outro, nocturno. No momento em que Cordélia ainda não é senão um ponto verde, móvel e anónimo, fugitivo e perdido, o sedutor que procurava desesperadamente os seus traços encontra-a por fim. Segue-a e, desejando olhá-la de mais perto, ultrapassa-a, precipita-se numa casa amiga para a ver sem ser visto instalando-se «à janela que dá para o caminho» (1, pág. 313).



A casada posta a nu pelos seus celibatários, Marcel Duchamp (reconstruído por Hamilton)

Ao travar conhecimento com Cordélia, o sedutor, na sua fase de indiferença e de insignificância, não falará senão com a tia e não dirá senão coisas racionais. Por oposição a essa actividade diurna, adopta, à noite, uma conduta passional quando, escondido na sua capa, invisível, obseva a janela da jovem e penetra fantasmaticamente no seu «habitat», enviando suspiros e como que vibrações (uma respiração que ocupa o lugar da palavra): «à noite... envolvo-me na minha capa, desço o cabelo sobre os olhos e vou para debaixo das janelas dela... Por vezes, ela aparece por um instante na janela, ou então abre-a e olha para as estrelas... e eu vagueio como um espírito e também como um fantasma, pairo junto à sua morada» (1, pág. 330).

O sedutor insinua-se no cenário, recria-o, marca por toda a parte a sua presença mantendo-se embora invisível. Não concebe cenário sem janela. Esta permite, por um lado, penetrar no lugar de modo ínvio, oblíquo, criminoso, e criar, por outro lado, um certo ambiente graças aos pontos de vista que se oferecem ao olhar.

As janelas do cenário derradeiro, aquele mesmo que surgirá como reconstrução onde culminará a sedução, mostram-se, assim, essenciais. O último cenário reconstitui aquele que a jovem conheceu em casa dos Wahl, repetindo-o ainda com mais requinte e perfeição(2). De modo inteiramente genial, o sedutor que trabalha sobre-/com a memória, num revirar da temporalidade — «o esteticista procura na memória o que devia procurar na esperança» (2, pág. 68) — teve em conta a idealização que esse cenário implica, os efeitos de ampliação.

Por isso, o cenário apresentado a Cordélia corresponde à evocação idealizada do cenário familiar. Ele parece contido numa caixa de vidro ou, por outras palavras, o sedutor aparece nele como uma parede de vidro, omnipresente, um limite transparente e inultrapassável: «estou presente por todo o lado, embora invisível» (1, pág. 409). As janelas do cenário abrem-se sobre três tipos de panoramas correspondendo, cada um deles, a determinado estado de alma:

1 — «A cúpula de uma floresta semelhante a uma coroa que limita a visão» recordará o paraíso.

2 — «Um calmo lago» levará à deriva a imaginação.

3 — E por fim o mar responderá à infinita necessidade do pensamento e do amor (1, págs. 409-410).

O sedutor pintou três quadros representando paisagens, diante das quais se senta, invisível, para melhor examinar, de modo oblíquo, a reacção de Cordélia. Ele repete, levando-a ao seu cúmulo, a situação vivida na *exposição*, do mesmo modo que repetirá, concluindo-a, a circulação do livro. O último livro deixado no cenário e rapidamente guardado, de modo a atrair a atenção, conterá a derradeira mensagem, a mensagem do fim (relativa ao mito do andrógino), acompanhada de um cheiro de mirto, decerto emblema do amor, mas igualmente evocador da situação «em que há um máximo de sedução», a saber, aquela em que, no dia do casamento, «diante do altar, a jovem esposa apaga, com a sua beleza, a magnificência da sua roupa... a promessa feita transporta-a, a oração abençoa-a, a flor coroa a sua fronte...» (1, pág. 405).

O noivado rompido do sedutor kierkegaardiano, pela temporalidade regressiva e pele melancolia que o caracterizam, poderiam ser aproximados do «Grande Verre» de Marcel Duchamp. Totalmente de acordo com a temporalidade do estado estético kierkegaardiano, Duchamp intitula o seu quadro «Atraso em vidro». E é nesse atraso, tal como o analisa Emílio Rosa de Oliveira, que poderíamos aperceber algo como a ruptura infinita do noivado, ligada à cultura do ínfimo: «No *Grand Verre* é desta vez a fotografia que nos impede de ver o que nunca ocorrerá: o *despir da casada pelos seus celibatários*, para nos deixar entregues às livres conjecturas das movências de um olho celebatário sem casada» (3).

Chaké Matossian

Notas:

(1) Kierkegaard, *Journal du Séducteur*, ed. de L'Orante, Paris.
(2) Jean Wahl, *Etudes kierkegaardiennes*, Paris, Vrin, 1974
(3) Emídio Rosa de Oliveira, «De Marey a Duchamp: fotomorfoses ou a forma espectral do movimento», in *Colóquio-/Artes*, Lisboa, Fundação Gulbenkian (Junho de 1986, no Prelo).

A Rua dos Fantasmas

JAVIER Villafañe, autor argentino muito ligado no seu país à actividade dos títeres, contará neste momento os seus setenta e muitos anos. Tendo, durante anos, percorrido o interior da Argentina com um carro puxado por dois cavalos em cima do qual montava os seus espectáculos de fantoches, viria mais tarde a leccionar e escrever obras ligadas a essa actividade.

É com base num conto seu, «O Metal e a Madeira» assim como numa dessas peças para fantoches que foi construído o espectáculo de criação do Grupo Maizum e que se encontra em exibição até ao fim de Julho. Espectáculo que aborda o problema da existência do teatro e o seu funcionamento, a distância que se cria ou não entre aqueles que constroem e aqueles que assistem, foi concebido sob forma de teatro para a infância, mas também para o público em geral. Nele é focada uma actividade hoje em dia praticamente morta no nosso país: o teatro de fantoches ambulante.

Instalado recentemente na Casa dos Tabuenses, o Grupo de Teatro Maizum deu consigo num bairro de Lisboa onde a actividade comercial, por exemplo, é intensa, mas, onde em tantos outros, a actividade cultural é nula ou quase. Tendo aí estreado o seu anterior espectáculo, Tutankamon e a sua Rainha de Adolfo Gutkin, que será reposto para uma curta série de representações no fim de Julho próximo, o Maizum sentiu-se na obrigação de, não pondo de parte o seu percurso anterior, que vem traçando desde 1981, dar especial atenção à situação deste bairro e aos seus habitantes. Nesse sentido, foi recentemente inaugurada uma exposição de aguarelas da autoria de José Augusto Paz Duarte, até então desconhecido, e que é precisamente um dos moradores do bairro, cuja obra o retrata. Também o espectáculo de Villafañe, de características de certo modo mais acessíveis do que os habituais espectáculos do grupo, pretende fazer chegar àquele espaço não só aqueles que o têm acompanhado, mas o público em geral e muito particularmente os habitantes do bairro. Neste sentido, outras actividades se seguirão.

Entretanto, como vem acontecendo com outros grupos independentes, o Maizum encontra-se, ao fim de cinco anos de actividade, sem apoio por parte da Secretaria de Estado da Cultura onde se encontram três projectos à espera de aprovação. A Rua dos Fantasmas de Javier Villafañe / Encenação e tradução: Grupo de Teatro Maizum / Interpretação: Silvina Pereira, Isabel Bezelga, Carlos Paula Vasconcelos / Direcção de actores: Bibi Perestrelo / Versão Teatral: Carmen Prast sobre texto de Javier Villafañe / Cenografia: Guida e Pedro Saraiva / Música original e colagens: Rui Luís Pereira com colaboração de Zé Carrapa / Fantoches, figurinos, cartaz e montagem: Henrique Nunes / Operador de luz e som: Luís Fernandes / Secretariado: Graça Mogo / Fotos: Luís Pavão.

Manuel Cintra

Mensagens Pessoais

Enciclopédia

Vende-se Grande Enciclopédia Portuguesa — Brasileira, 40 vol. e Dicionário Etimológico, 5 vol. total 50 contos — tel.: 2475530, a partir das 19.30 h.

Sharp Elsimate

Vendo máq. calculadora SHARP ELSIMATE EL-230, adquirida em Dezembro de 85, e em óptimo estado de conservação por 700$00. Contactar Fernando Simões, tel. 661960, depois das 19 h.

«A Fonte de Madalena»

Troco com outros autores ou mando casa com dedicatória. Um livro diferente. Memórias da infância, 1921/1944; abordados os grandes problemas da Humanidade. O Alto-Douro; o Alentejo; Moçambique. Ver livrarias «A Fonte de Madalena» de Rogério Gonçalo. Pedidos Apart.º 1333 — 1009 LISBOA Codex (Preço especial 150$).

Secador e móveis

Secador de roupa não eléctrico, uma queijeira e duas antenas (interiores) para televisores. Uma mobília quarto com cama de corpo e meio, e guarda-fato de casal.

Duas camas estreitas em madeira de castanho, e mesa de cabeceira, como novas.

Dois candeeiros de pé, baratos, vulgares. Tel. 898336.

Terreno Serpa

Vendo terreno com 6 hectares em zona castiça do Concelho de Serpa. Tem azenha, fica na várzea da Quinta do Pautufo a cerca de 5 quilómetros de Serpa. Tem um bom olival e pode ser utilizado como regadio com água da ribeira que confronta o terreno. Informa telefone 084/22352.

Vivenda Fonte da Telha

Vivenda em fase de acabamento. Zona de praias — cruzamento Fonte da Telha — Praia do Rei. Marisol — Costa de Caparica. Preço de custo de há dois anos. Telefonar para Máximo, 2764996.

Mobília escritório

Escritório. Tremidos. Torcidos. Pau-Santo. Bom estado. O próprio. Tel. 702565 Horas expediente

Educadora Social

Oferece-se jovem com Curso de Educadora Social (duração três anos), para cumprir estágio três meses com perspectiva de eemprego em qualquer Instituição de Serviço Social e Comunitáro: Habitação, Lares de 3.ª Idade. Centros de Dia, Serviços Prisionais, Infantários, etc. Contactar: João Inácio, Telef. 975131 ou 977777, dias úteis das 9 às 13 horas.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete e nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.